UMA EPOCA — VII

JOAQUIM LEITÃO

COUCEIRO, O CAPITÃO PHANTASMA

EDIÇÃO DO AUTÔR

TYP. DA EMPRÊSA LITT. E TYPOGRAPHICA

(Officinas movidas a electricidade)

R. Elias Garcia, 184 — PORTO — MCMXIV

COUCEIRO, O CAPITÃO PHANTASMA

Do mesmo autôr:

Collecção de volumes abrangendo o movimentado periodo da vida politica portuguêsa tragicamente iniciado em 1908, subordinada ao titulo generico

UMA EPOCA

I—**D. Carlos, o desventuroso.** (1908) 1 vol. broch. 2.ª edição . . . 600

II—**Diario dos Vencidos.** (1911) 1 vol. illustrado com o retrato de Frederico Pinheiro Chagas, br. 800

III—**A Comedia Politica.** (1911) entrevistas com os homens dos ultimos dias da Monarchia e com os dos primeiros dias da Republica, 1 vol. br. . 700

IV—**Os Cem Dias Funestos.** Processo e condemnação do ultimo Presidente do Conselho de 1910, Antonio Teixeira de Souza e do seu livro *Para a Historia da Revolução*. (1912) 1 vol. broc.. . . . . . 1$000

Incursões monarchicas

(Historia completa das duas incursões monarchicas, desde a formação do grupo de emigrados da Galiza até aos internamentos em Cuenca, narração dos combates de Vinhaes, Cazares, Valença, Chaves e Soutelinho, e a emocionante narrativa das guerrilhas de Cabeceiras de Bastos. 6 volumes amplamente illustrados com photographias dos locaes, plantas das marchas e dos combates, e retratos das principaes figuras).

Primeira incursão

V—**Os Emigrados da Galliza** (Como se formou a «Galliza»).

VI—**A Columna de Couceiro** (A 1.ª Incursão).

Segunda incursão

VII—**Couceiro, o Capitão Phantasma.** (1914).

VIII—**Em Marcha para a 2.ª Incursão.**

IX—**O Ataque a Chaves.**

X—**As Guerrilhas do Padre Domingos.**

XI—**As Allianças das Casas de Bragança e Hohenzollern** (O casamento d'El Rei D. Manuel II) 1913. 1 vol. broch. com profusas illustrações . . . 800

XII—**Os que desappareceram** (Mouzinho d'Albuquerque, El-Rei D. Carlos, D. Luiz Filippe, Rainha D. Maria Pia, Frederico Pinheiro Chagas e Fialho d'Almeida).

Em preparação:

O Cego das Romarias. Romance. (Estudo do Messianismo Nacional).

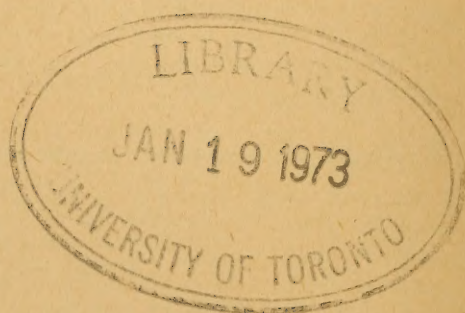
UMA EPOCA—VII

Joaquim Leitão

Couceiro, o Capitão Phantasma

DOS ACANTONAMENTOS DA GALLIZA Á MARCHA PARA A SEGUNDA INCURSÃO MONARCHICA

(A affirmar a veracidade historica d'esta obra, vão, simile-gravadas, a abrir este tomo, cartas d'alguns dos officiaes que tomaram parte nos acontecimentos entre elles dos Ex.mos Srs. Capitães João d'Azevedo Lobo, Remedios da Fonseca, tenentes Saturio Pires e Victor de Menezes, alferes Alberto Braz, e do proprio commandante Paiva Couceiro).

* * * EDIÇÃO DO AUTOR * * *
TYP. DA EMPR. LITTER. E TYPOGRAPHICA
(Officinas movidas a electricidade)
178, R. ELIAS GARCIA, 184 * PORTO * 1914

Aos obscuros soldados da Galliza que, de coração alegre, souberam viver mal e morrer bem, e aos guerrilheiros de Cabeceiras de Bastos que, cantando, meteram á serra, certos de que, quando não déssem com os atalhos da victoria, não errariam o caminho da honra.

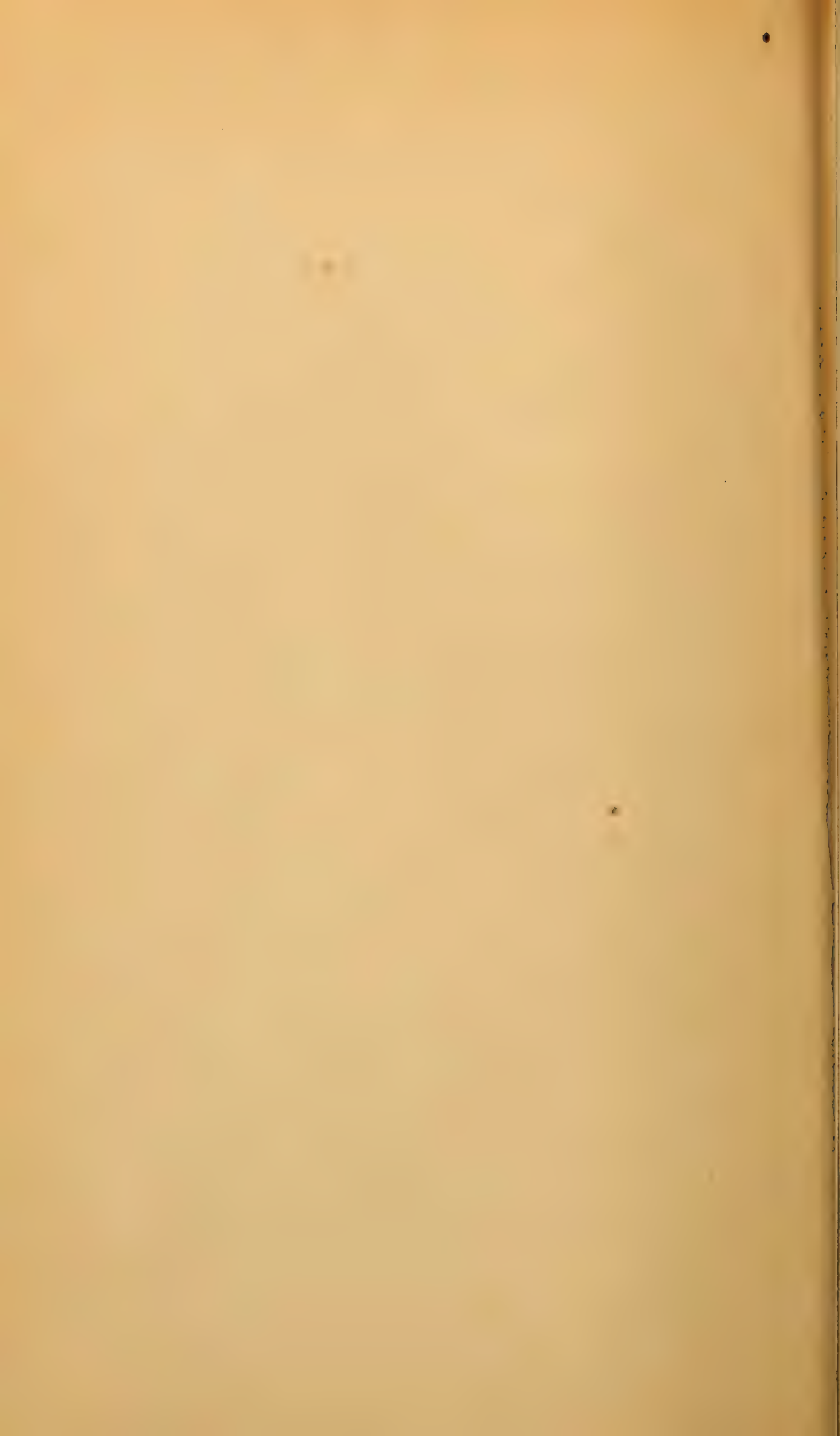
J. L.

Eh bien, soit ! Dans ton livre ardent tu me révèles
Le nom de mon métier, Barrès : « Allongeur d'ailes ».
Je chante, et n'étant pas ton Greco pâle et noir,

Je ne peins qu'avec des accents et des diphtongues . . .
Mais puissé-je être un jour condamné pour avoir
Aux hommes d'aujourd'hui fait les ailes plus longues !

EDMOND ROSTAND

Le Printemps de L'Aile — VIII : *Greco.*

APRECIAÇÕES

(CARTA DE ANTONIO GAGLIARDINI GRAÇA)

Paris, 16-8-913

Meu caro Joaquim Leitão:

Li com o maior interesse as provas do seu livro em que apreciei, sobretudo, a exactidão como são narrados os factos, passados no nosso exilio, bem como a fidelidade com que descreve a incursão das Beiras e aquelles dias em que seguimos desde o Torrão Beirense á "encarvoada" Lisboa.

Essas suas paginas, creia, serão sempre lidas com a justa emoção com que se recorda aquelles momentos de que nos resta a saudade.

Felicita-o, pois, o seu amigo certo

Antonio Gagliardini Graça

(CARTA DO ALFERES ALBERTO BRAZ)

Meu caro Joaquim Leitão,

Junto lhe devolvo as provas do livro sobre a 2.ª incursão, que V. teve a amabilidade de me enviar, amabilidade que muito agradeço.

Tudo quanto li, achei, simplesmente, admiravel.

E diga-me: como póde V., meu caro Joaquim Leitão, seguir passo a passo, vendo e ouvindo cuidadosamente, todos os diversos elementos que se achavam dispersos pela Galiza, durante aquelles 8 longos mezes e ainda durante os combates de Chaves e Sontelhinho?

Foi essa a impressão que me ficou, depois da leitura que fiz, tão verdadeiros são os factos que V. descreve. Como póde V. conseguir tão grande somma de documentos?

Não carece V. de quaesquer elogios porque o nome de Joaquim Leitão já é sobejamente conhecido pelos seus brilhantes e vibrantes escriptos, quer em livros varios, quer em gazetas como, entre ellas, "O Correio da Manhã" e "O Porto", etc. Quaesquer elogios, mesmo, iriam ferir a sua modestia.

Mas, deixe-me dizer-lhe apenas o seguinte: — O livro que V. vae publicar é uma fita cynematographica tirada nos diversos campos onde se desenrolaram os factos. Assim succede, pelo menos, com o que se passou comigo e com companheiros meus com quem me avistava quasi todos os dias.

Deixe-me, pois, felicitá-lo sinceramente pelo seu valioso trabalho que é uma nitida photographia do que se passou entre a 1.ª e 2.ª incursões e uma grata

recordação para todos os que n'elles tomaram parte.

Aceite um apertado abraço do

Seu velho amigo e ant.º companheiro

Paris, Agosto de 913

Alberto Braga

(CARTA DO TENENTE VICTOR DE MENEZES)

Meu caro Joaquim Leitão.

Acabo de ler as provas do seu novo trabalho, que teve a amabilidade de me enviar. Tem elle para mim um interesse especial e não admira que o tenha lido commovidamente. Para os outros — para o grande publico

a quem você o destina e onde
tantos e tão differentes maneiras de
pensar e sentir haverá — tem o
seu trabalho o enorme valor da
verdade, da sinceridade e de ser
o producto d'uma documentação pa-
cientissima angariada com uma
tenacidade e honestidade inacredi-
veis. É para todos —
para os outros como para mim —

tem o encanto da sua pro-
sa que consegue tornar attrahente,
dar vida, côr e sentimento a um
livro de Historia, que outra cousa
não é o que acabo de ler.

Abraça-o affectuosamente

Seu Amigo e obrigado

Victor Ribeiro [illegible]

[illegible]
6-VIII-913.

(CARTA DO TENENTE SATURIO PIRES)

Meu caro Joaquim Leitão

Tenho em meu poder as provas do seu bello livro sobre a "Columna de Galliza,, Lido de fio a pavio e emquanto o diabo esfrega um olho — pode crêr que me fez andar bem um anno á rectaguarda!

Parece-me (e com que saudades eu lhe digo isto!) estar ainda entre os bellos camaradas da "Columna,, hoje dispersos por esse mundo de Christo e... a passar e a viver as bôas, as grandes e tambem as amargas horas, que por lá todos passámos!

O meu caro Joaquim Leitão pinta — pode d'isso ter a plena certeza — a nossa vida dos acantonamentos, das marchas, das expedições, com a mais flagrante e escrupulosa verdade.

Conforme pois a tecnologia de *troupe*

*

desde já lhe disse:
"Que tudo se passou na verdade,
conforme no seu auto fica narrado".

Porque na realidade, o que acabo de ler,
é bem — desde o fraccionamento
de S. Martinho até ás ultimas horas —
(magistralmente levantado)
um auto documentado e commovente
aos trabalhos, aos esforços e ao desin-
teresse d'aquelles centos de portuguezes,
que até ao seu nome sempre prestigioso,
se devotaram a tudo pôr de parte para
combater pelo seu Rei e pela sua Ban-
deira.

Sempre amigo certo

Satúrio Pires

Paris
1-Agosto-1913

(CARTA DO CAPITÃO REMEDIOS DA FONSECA)

Porto, 8 d'Agosto de 1913

Meu caro Amigo

Com a satisfação com que sempre se recordam factos da vida passada, que nos são de grata memoria, acabo de tomar conhecimento do seu trabalho, sobre a columna da Galliza, a que, com orgulho, me honro de haver pertencido. E sem outra apreciação, que não seja a constatação da verdade flagrante com que é feita a reproducção dos factos, — porque d'outra não precisam factos como estes, que a voz da verdade basta a impor-lhe a grandeza, — receba a expressão do meu reconhecimento e os meus cumprimentos pelos momentos de fugidia felicidade que aquelle conhecimento me proporcionou, e creia-me com verdadeira estima

Amº. e Obrigº.

Antonio Luiz dos Remedios da Fonseca

(CARTA DO CAPITÃO AZEVEDO LOBO

20/6

Meu caro Joaquim Leitão

Recebi e li as provas do seu livro que me dizem respeito — agradeço a sua amabilidade e digo-lhe que "estão conforme" — tudo a expressão da verdade.

Sempre ás suas ordens por-que ele fôr util nos seus valiosos trabalhos o amigo dedicado

Azevedo Lobo

(CARTA DO CAPITÃO PAIVA COUCEIRO)

S. Jean de Luz — Agosto 24

Exmo Snr. Joaquim Leitão

Meu mto prezado amigo

Percorri, com o maior interesse, o trecho narrativo do "Portugal na Galliza" referente ao periodo que se estende, desde a chegada ás paragens de S. Martin (Outubro 1911). — até á noite do bivaque de Souto Telinho (Julho 1912).

A veracidade, apreciavel sempre, é para a obra

do chronista, virtude pri-
maria e essencial.

Como impressão de leitura,
nada poderia, portanto, enviar ao meu
muito presado amigo, que
melhor e mais opportuno signi-
ficado contenha, do que a
homenagem ás qualidades
d'escrupuloso investigador que
no seu trabalho se revelam,
e o testemunho confirma-
tivo da exactidão dos factos
descriptos, — dentro dos limi-
tes das minhas forças de
memoria, e meios de
prova actuaes.

A respeito da côr e da

luz, que soube espalhar
sobre os quadros d'esse
viver, nem sempre de
rosas, — fraco cabimento
teria que exprimisse opi-
niões, perante um vetera-
no das lettras, quem litte-
rariamente considerado
dispõe apenas da aptidão
sufficiente para aprecial-a
e saborear, portas adentro
do seu intimo fôro de leigo
convicto e reconhecido,
as paginas de uma prosa
que ao espirito, e aos
sentimentos, lhe trouxeram
deleite e emoção

Terminarei, pois, agradecendo
ao meu muito prezado amigo
as primicias de leitura tão
attrahente, com que a sua
primorosa attenção quiz
honrar-me, aproveitando
ao mesmo tempo, com extre-
mo gosto, o ensejo para
apresentar-lhe os protestos
da elevada consideração
e particular estima,
com que sou de V. Exª

Adm.or e amigo sincero
e grato

H. de Paiva Couceiro

PREFACIO

PREFACIO

Com o maior respeito pelos caracteres que, sem espectaculosos gestos, souberam sacrificar-se nas inhospitas aldeias da Galliza, durante novos longos oito mezes de provações e d'incertezas, descrevemos a segunda jornada monarchica. Como se verá, essa jornada não foi feita em *sleepings-cars*, nem sequer em primeiras classes, não durou um dia nem dois, não se restringiu ao obscuro camponez que preferiu os sacrificios da emigração ao gozo tranquillo das casernas da republica. Chegou para todos o soffrimento e a abnegação. Pelos humildes como pelos illustres foi partilhado o tormento com a mesma rijeza d'alma, sem distincções de linhagem nem de coragem moral.

Se as heroicidades numa linha de fôgo

são admiraveis, ellas custam talvez menos resistencia moral, menos elevação do que a vida trabalhada, de meios-prisioneiros, meios-degredados — mas de todo sublime — que aquellas centenas de portuguezes levaram nos oito mezes de Galliza, que medearam entre a dispersão da columna da primeira incursão monarchica e a mobilisação da segunda. A valentia é, como o talento, tão natural como a côr dos cabellos ou dos olhos; ao passo que soffrer obscuramente, ingloriamente, mezes e mezes, sem o mais rudimentar conforto nem a menor sombra de interesse, não é um dom natural: é um merito pessoal, uma obra bella que só raros realisam. Essa obra, sempre grande, sempre excepcional, foi na Galliza levada a cabo por centenas de portuguezes que, mercê do puro amor por uma Causa, chegaram ao ultimo dia d'esses ultimos oito mezes, tão aptos para o soffrimento como estavam ao enceta-lo, sem uma revolta, sem um protesto, sem uma palavra repêsa, sem mais impaciencia que a de expôrem á morte — que alguns encontraram nas veigas de Chaves —, a energia e a fé que os acantonamentos entediantes da Galliza não conseguiram arrancar-lhes.

Por agora, os emigrados da Galliza vão ter o respeito dos que o sectarismo não céga ou não amordaça.

Mas deixem passar tempo, e elles terão

o respeito unanime que não póde negar-se a esses homens que resumem todas as másculas bellezas d'uma raça.

Por muito imperfeitamente que suggirámos o que foram esses stoicos mezes nas ourelas do Limia, até á noite em que a Columna se armou para se ir bater a Chaves, o respeito, que por elles em nós demora, é impossivel que desde já não trespasse para o coração e para a consciencia de quantos, de boa fé, nos lerem.

Posto que o nosso proposito se reduzisse á modesta aspiração de suggerir a belleza dos sacrificios que a causa monarchica encontrou na «Galliza», o periodo abrangido por estes episodios e a intensidade da vida ali vivida não couberam, como desejávamos, em dois tômos: um para tratar a primeira incursão monarchica, outro para descrever a segunda.

A 1.ª Incursão monarchica tomou dois volumes: um a formação da «Galliza», outro a incursão propriamente.

A 2.ª Incursão monarchica deitou quatro tômos: um (que é este) a *Preparação*, outro o trabalho realisado *nas vesperas da acção*, até a columna se pôr *Em marcha para a 2.ª incursão*, o terceiro a *acção, O Ataque a Chaves*, e o quarto *As guerrilhas do Padre Domingos*, a cuja acção é subordinada toda a *retirada*.

Nenhum intento mercantil houve em alongar a obra que começámos por dividir, como para a 1.ª Incursão, em dois tômos. Perante a copiosa documentação é que verificamos a necessidade d'esta nova divisão em 4 tômos. Exigindo *O Ataque a Chaves* um volume, o que está antes e o que vem depois nem cabia num outro volume, nem a technica o deixava misturar.

Este tômo, intitulado *Couceiro, o Capitão Phantasma*, abrange o trecho de tempo que decorreu entre a retirada da 1.ª Incursão e a concentração para a segunda. Periodo em que Paiva Couceiro foi o chefe uno da contra-revolução, por isso leva o seu nome em titulo. E vae adjectivado — *o Capitão Phantasma*, — porque assim o nomeava nesse tempo a imaginação dos adeptos, e como verdadeiro, temido e arrenegado *Phantasma* o tratavam e encaravam os contrarios. Elle era o homem que dispunha de navios phantasmas no mar alto, naves poderosas que surdiam na costa, de pharoes apagados, e se sumiam, qual rastro phosphorescente d'um espirito assim que se accendem luzes, mal os barcos de guerra do Estado corriam de prôa á apparição; elle era o homem que tinha pistolas magicas, e automoveis blindados, artilharia a rôdos, dez ou doze mil homens fechados na mão, o poder sobrenatural que a imaginativa popular e o mêdo do ini-

migo empresta aos que encarnam os seus sonhos votivos, e ainda não mostraram a sua força.

Ainda depois do *Ataque a Chaves*, da retirada, dos internamentos em Cuenca, da dispersão da *Columna*, do manifesto de Pontevedra, em que Paiva Couceiro dava a sua acção por terminada, — os republicanos, a cada ondular de cortina da alcova, se erguiam de noite, a gritar:

— «Elle! elle! o *Capitão Phantasma!...*»

Paiva Couceiro recolheu-se a S. Jean-de-Luz, foram jornalistas lá entrevista-lo, disseram onde o haviam entrevistado, pois nem assim! Passados dias, um jornal republicano dava o alarme: *O traidor está em Zurich!* E, para prova, publicava, ignoro com que direito, a gravura dum vale de correio, emittido daquella cidade, e assignado *Paiva Couceiro*, apellidos que muito previamente declarára passar a usar um sobrinho do capitão Paiva Couceiro, que já vivia em Zurich, antes de Couceiro ir residir para S. Jean-de-Luz, d'onde nunca mais mudou a sua residencia.

Esse nome ainda não perdeu o seu poder de aterrar os republicanos nem, por mais que digam, o seu prestigio entre os monarchicos. Ainda no ultimo verão, ao passar em S. Jean-de-Luz a Peregrinação Portuguêsa a Lourdes, se reconheceu como era latente esse prestigio. Quando um dos comboios, que le-

vava a Peregrinação, parou em Saint-Jean, á *gare* da tranquilla praia foram alguns emigrados que com o sol do sul da França vão enganando as saudades da luz patria. Das portinhólas do comboio, começaram a perguntar:

—«*O Couceiro? Onde está o Paiva Couceiro? Queremos ver o Couceiro!...*»

Couceiro estava fóra da *gare*, junto ás cancellas; alguem mostrou-o a um dos passageiros:

—«*Olhe, é aquelle! Mas não diga que fui eu que lhe disse.*»

Saltaram logo abaixo do comboio duzias de pessoas, saíram a *gare* e trouxeram Paiva Couceiro ao cóllo. O comboio inteiro rompeu aos vivas a Paiva Couceiro, á Monarchia, a El-Rei D. Manuel. Todos o abraçaram e beijaram, a chorar, aos gritos:

—«*Viva Paiva Couceiro! Viva o nosso salvador! Viva o grande português!*»

Couceiro queria esquivar-se:

—«*Olhem que se podem comprometter...*»

—«*Não faz mal! Queremos ser todos prêsos! Viva a Monarchia! Viva Paiva Couceiro!*»

Foi uma scena que commoveu a todos os portuguêses quantos enchiam a *gare* e que não resistiram á communicativa commoção dos Peregrinos Portuguêses: quando o comboio partiu de S. Jean-de-Luz, sempre aos

vivas ao *Capitão Phantasma*, os que ficavam abraçaram Paiva Couceiro, commovidos tambem.

Na nossa orientação synarchica, não podèmos ser nem personalistas nem messianicos. Para o nosso romance *O Cego das Romarias*, deixâmos mesmo o estudo do messianismo nacional que foi, é e será, até á cura de tal doença, a causa dos nossos males collectivos, independente do valor das figuras que a imaginativa popular arvóre em Messias.

Não vimos, por isso, insistir no desvio messiánico nacional.

Registramos a epoca, como ella decorreu, guardando para o ultimo volume — *O Cego das Romarias* — a chave explicativa deste momento. Mas por a vermos com clareza, nem por isso a podèmos alterar. A epoca foi messiánica, e encarnou num *Capitão Phantasma:* Couceiro.

Ao historiar a epoca, não sabêmos de titulo mais justo.

E historiamo-la com todo o escrupulo.

Ouvimos pacientemente e tenazmente centenas de pessoas, todos os officiaes que podémos encontrar, e dessas centenas de depoimentos oraes, e doutros escriptos e fornecidos pelos que estavam longe, é que saiu o relato e concatenação dos factos.

Não apresentamos aqui a historia integral das tentativas da contra-revolução mo-

narchica. Nem o poderiamos fazer cá de fóra, nem por emquanto ousariamos levantar esse auto que tanta gente poderia ir comprometer. Limitamo-nos a historiar a Columna de Couceiro, esse esforço que ficou conhecido pela «Galliza», entre os bem intencionados pronunciado com enternecido respeito, pelos que só sabem ser crueis com os vencidos, e pelos que nem tanto fizeram, pronunciado num tom que mais eléva ainda os que formaram a «Galliza».

Metemos hombros a um trabalho de que mutia vez teriamos descoroçoado, se não tivessemos jurado sobre a sepultura dos Mortos de Chaves e sobre as cruzes das grades da Penitenciaria que a haviamos de levar a cabo.

A não se fazer agora, nunca mais se faria.

A memoria, num periodo de agitação como este, deixa apagar muito episodio e do conjuncto mal fica a linha vertebral dos acontecimentos.

Mais tarde, já nem seria possivel juntar, como nós juntámos, o depoimento de tanta testemunha.

Quando acabámos d'este trabalho que nos consumiu dois annos de vida e nos custou verdadeiros sacrificios, empatando o unico capital que Deus nos deu — o tempo — e demorando-nos a obra litteraria que é nossa unica aspiração e desejo fazer, tinhamos a

consciencia de haver procedido com todo o escrupulo a este inquerito. Era preciso, porém, que este inquerito, para ser o que nós desejavamos que elle fosse — a pequenina pedra levantada pela homenagem de povoado pobre a um facto ou a uma pleiade —, recebesse a authenticação das proprias personagens. Aqui vão as cartas d'alguns officiaes, uma de Antonio Gagliardini Graça, (que era o unico que podia authenticar a descripção da sua odysséa, consequente da Incursão das Beiras) e, a fechar, uma carta do Capitão Paiva Couceiro.

Custa-nos publica-las, pelas desvanecedoras palavras que algumas conteem, mas não podêmos dispensa-las porque ellas completam o sagrado juramento que aos Mortos e aos Prêsos fizemos: escrever, com verdade, o resumo historico dos seus sacrificios.

Nunca, nem na incipiencia da carreira, rogámos prefacios. Nunca, nem para nos defendermos, para calar a bocca a esquecidos, publicámos as cartas que os lisongeiros escrevem hoje e ámanhã esquecem, se a independencia do escriptor lhes desagrada.

As cartas, que no frontal deste livro publicamos, não são, pois, um attestado litterario: mas apenas a rubrica authenticadora da exactidão historica de uma obra que a outro merito não aspira. Tratando-se de factos que, pela diversa unidade de tempo e

de logar, não podiam ser testemunhados por um homem só, esta era a unica fórma de assegurar ao publico que não se tratava de um trabalho de imaginação. Quem alguma vez trabalhou, deve saber o apêgo com que se defende de ser tomado por méra creação o que foi duro trabalho documentado.

Aos que me ajudaram a documenta-lo, a todos quantos deposeram nesta série de modestos volumes, e aos que tiveram a bondade de o valorisar com o seu testemunho, a nossa gratidão.

Aos honrados Mortos de Chaves e aos Prêsos, aos soldados da «Galliza» e aos guerrilheiros de Cabeceiras aqui entregamos o que lhes prometemos, do nosso fôro intimo, na hora solemne do fracasso: a historia dos proprios sacrificios, narrados por quem acostumado a correr para os vencidos, está habituado a não ver os homens mais pequenos por elles não estarem no plyntho da victoria.

É tudo quanto póde dar-lhes um homem sem têres nem poderes.

É pouco mas de boa vontade.

Paris — fevereiro — 1914.

J. L.

COUCEIRO, O CAPITÃO PHANTASMA

I

O Fraccionamento da Columna

É outubro de 1911, a vinte.

A manhã, que encontra a Columna ainda alojada em S. Martin, ultimo estádio dessa primeira incursão, [1] já não dá com aquella tristeza que, sobre o écho do conselho d'officiaes, entardecêra a véspera. No coração de todos amanhecêra nova esperança de que o movimento não morreria ali, de que a dispersão provisória da Columna duraria poucos dias, o tempo para receber mais armas e municiamento, e que a incursão recomeçaria mais forte e mais apoiada.

O capitão Jorge Camacho, chefe do estado-maior,

---

[1] Leia-se *A Columna de Couceiro* (descriptiva da 1.ª Incursão Monarchica), por Joaquim Leitão.

dicta a « Ordem » á Columna, fraccionando as companhias em nove grupos, escalonados pelas povoações circumvisinhas de Orense. Os commandantes dos varios grupos recebem o dinheiro bastante para a sua gente, até ao fim do mez, — mais uma prova de que o armisticio, imposto pela falta de munições e d'armas, apprehendidas pelos carabineiros, não iria além de dez dias. O fraccionamento representava apenas uma finta para evitar a perseguição da Guarda Civil, e se receber mais armamento. Dez dias de repouso, bem ganho com dezesete dias de marchas incriveis, — o tempo para enxugar as roupas e os ossos, e depois a renovação do movimento, sempre anciosamente marcado, sempre desoladamente adiado.

Capitão Camacho

Na casa, arvorada em quartel general da Columna, vae uma azáfama de partida: o pagamento das contas dos alojamentos, as instrucções para o cumprimento da « Ordem », a ida e vinda de officiaes, de ajudantes, transmittindo, communicando, despedindo-se com as breves, indispensaveis palavras.

Nisto ouve-se a voz de Paiva Couceiro dizer para o capitão Camacho:

— «Bom. Já não estou aqui a fazer nada, retiro-me primeiro».

E, acompanhado da escolta, guardado pelo Faustino, a sua sombra fiel, Couceiro desce a escada, muito pallido, a pallidez dos dezesete dias de marchas, com a mesma roupa encharcada e seccada no corpo, a barba crescida, vestido como andára na incursão: o seu dolman cinzento, sobre o qual deitára um jaquetão de civil, calção de malha, cinzento tambem, as botas de montar com que palmilhára a Africa — e que as serras haviam agora reduzido aos canos, — o chapéo castanho, d'aba larga, prêso por um elastico, e um pedaço de pau da bandeira, que fôra o seu bastão e seu cajado.

Os officiaes ficaram atarefados com os destacamentos dos «serviços de quarteis»; mas o chefe e sub-chefe d'estado-maior, capitão Camacho e tenente Sobral Figueira, os ajudantes Thomaz Saavedra, José Eça de Queiroz, Pedro Folque, André Supardo, Manuel Coutinho, todo o quartel-general o seguiu até á porta.

— «Adeus meu commandante!» — exclamou o capitão Jorge Camacho.

— «Adeus, meu commandante!» —todos repetem.

Couceiro volta-se para traz, e sem fixar nenhum, diz:

— «Não quero despedir-me de ninguem. Espero em Deus que isto seja apenas uma separação de poucos dias!»

Tenente Arthur Sobral Figueira,
Sub-chefe de Estado Maior

E, sem apertar a mão a ninguem, affastou-se a pé, naquelle passo curto, tenaz, incansavel, capaz de devorar o proprio infinito.

O capitão Jorge Camacho é o primeiro a retomar a sua energia, apparecendo á Columna, com a mesma viveza que tivera no campo, o seu comprido casacão abotoado, a bufanda enrolada no pescoço até ao bigode, o *bonnet* de pala carregado até aos olhos, o stock d'uma bengala na mão, crescendo com o movimento, encontrando voz no commando, recortando na linha de fôgo uma silhuêta d'official prussiano. E, como se se fôsse formar para as inquietas alegrias d'uma marcha, o capitão Camacho movimentou os alojamentos, dando ordens, fazendo mexer a sua gente, sacudindo a tristeza que queria pairar.

O tenente Sobral Figueira e André Supardo partem para Ginzo de Limia, em serviço de communicações, ás ordens do commandante, levando com elles o capitão-medico Villas-Boas e quatro homens da escolta.

A pouco e pouco os officiaes, commandantes dos «grupos», vão seguindo para os logares designados pela «Ordem». E, á tarde, S. Martin recahia no bisonho silencio de pequena povoação raiana, não

guardando do rumor desses dois dias senão as boas centenas de pesetas dos alojamentos e a honraria de ter abrigado nas suas laijas negras uma hoste historica.

A Columna espalmou-se pelos contra-fortes da serra do Gerez, caminhando pesadamente com o carrear de saudade daquelle apartamento de camaradas que, durante duas semanas, dormiram sobre as mesmas pedras, enxugaram no corpo as mesmas chuvas, tiritaram as mesmas neves, tragaram os mesmos montes e as mesmas inquietações. Após aquelles vinte dias de marchas, cortadas pelos combates de Vinhaes e de Cazares, os pés inchados de trilhar a pedrilha e a urze das serras, quando não patinhavam a baixa alagadiça, áquellas centenas de portuguèses nada os consolava da breve tregua dos seus trabalhos.

Vinte dias de provações e privações, com dias de quinze horas de marcha, e uma codea de pão, — e o que elles pediam não era a enxerga enxuta ou o calor dum caldo! A sua tristeza era aquelle «alto» de dias, era parar, era estacar, era a Columna fraccionar-se, era recuar, quando tudo, a familiaridade com os sacrificios e a impaciencia da lucta, o que lhes pedia era avançar, avançar, avançar.

No emtanto a esperança ia com elles a dizer-lhes: «D'aqui a dias, tornaes a entrar em Portugal!»

Sahindo intervallados para não dar o alarme á guarda civil nem aos carabineiros, os pelotões metiam á serra, logo ao deixar as ultimas casas de S.

Martin; e em metendo á serra, as corcóvas do monte e as tranças do arvoredo davam-os como perdidos para a vista. Postos a caminho com differença de quarto de hora, rompendo do mesmo ponto e dirigindo-se pelas asperezas do mesmo monte a logarejos que visinhavam entre si um tiro d'espingarda, não se avistavam nem davam fé uns dos outros. Cada um daquelles punhados de quarenta homens, numa corda da serrania, não avultava mais que o sulco deixado por uma chuvada. Mas num trôço da vertente por onde o grupo do tenente Saturio Pires marinhava, um soldado annunciou:

— Ó meu tenente! aqui adeante vão homens do pelotão do sr. tenente Menezes.

— Então elles que digam lá ao sr. tenente Menezes que espere ahi por mim — ordenou o tenente Saturio.

O soldado correu á dianteira, Victor de Menezes foi-se chegando á rectaguarda, e d'ahi a pouco os dois officiaes avistavam-se, continuando juntos a marcha. Com o seu imperecivel bom humor, Saturio Pires travou conversa:

Dr. Villas-Boas,
capitão-medico

— Antes de mais nada, ó Victor! foi bom a gente encontrar-se para poder offerecer-te a minha casa em Mogueimes.

— Em Cados, outra ás tuas ordens. Outra é um modo de falar, outras! Naturalmente posso offerecer-te

todas as casas de Cados, porque eu levo commigo o meu « grupo », é claro, e ainda adstricta a Companhia de Saude e vou-me ver grêgo para arrumar toda esta gente em Cados que, como sabes, é uma terra de nada, cobre-se com a sombra dum esquadrão!

— Tem uma vantagem Cados: é ficarmos visinhos.

— Ah! lá perto de Mogueimes, é.

— É pertissimo; que pertissimo ficamos nós todos. Todos a meia hora, tres quartos de hora uns dos outros; o mais affastado dista para ahi duas horas. Todos na provincia de Orense, e todos no *partido* de Bande. Olha: em Parada de Ventosa, fica o Mangualde com o 1.º grupo; em Valoiro fica... fica...

— O Caio.

— É isso, o Caio. O 4.º grupo...

— Ó homem! o 4.º grupo é o do Caio.

— O 4.º grupo...? Tem você razão, *seu* Victor. (*E com uma continencia encorrilhada de recruta*): — Saiba vos'soria que me enganei.

— Mas não pares, não pares que eu não quero perder os homens de vista, nem quero que a noite me encontre aqui.

Deram em andar mais depressa, conversando sempre.

— Ó Victor, deixa cá ver se eu encarreiro a situação dos « grupos » ou se já não sou capaz de contar até nove.

— Primeiro grupo...

— Cala-te. Primeiro grupo, commandante Conde de Mangualde, Parada de Ventosa; 2.º, comman-

dante *sôr* tenente Victor Alberto Ribeiro de Menezes, Cados; 3.º, commandante Julio Ornellas de Vasconcellos, Gendibe; 4.º grupo, Caio, em Valoiro;

O tenente Saturio Pires,
tendo á sua direita o ajudante Gonçalo Meirelles

5.º, Rebello, em Moinhos de Bande; 6.º, este seu creado, tenente Eurico Saturio Pires, em Mogueimes; 7.º, Braz, em Prado; 8.º, Fiel Barbosa, em

Germeade; 9.º, sargento Canavarro, em Porqueirós; e o Grupo Civil, commandante dr. Alexandre de Albuquerque, em Caballeiros.

— Parece que está certo —, commentou o tenente Victor de Menezes.

— Então quem tem boa memoria para a chimica? É cá o Saturio, comtanto que lhe deixem dizer a seguir os nomes dos corpos simples. Interromper, não vale.

— Por interromper: que impressão tens tu d'isto?

— Impressão da interrupção do movimento? eu... a minha impressão... *(E Saturio Pires ageitou os óculos para responder):* Francamente, francamente... não é má! Nos dois combates que tivemos, os Paivantes não fizeram má figura.

— Ah! sim, isso é fóra de toda a duvida. O combate de Cazares, por exemplo, correu muitissimo bem. Nós «tinhamos os nossos homens na mão», e o Couceiro não esmigalhou a Cavallaria porque não quiz.

— E Vinhaes? Elles retiraram com perdas, e nós nem uma baixa. A unica baixa que tivemos foi a mula dos medicamentos, coitadinha, que baixou do pincaro do Gerez ás profundas do abysmo. Ora dezesete dias de marcha, dois combates, afóra as escaramuças com a guarda fiscal, nós com homens que mal se pode dizer que sejam soldados, o restricto armamento...

— E esse máu.

— E esse máu, e com 60 tiros, se tanto, por arma, é animador o que se fez.

— Mas esta interrupção de agora? insistiu Victor de Menezes. Eu tenho a impressão de que isto recomeça d'aqui a dias...

— O maximo que esperarêmos é dez dias. Não só o dinheiro distribuido é réz-véz até ao fim do mez, como as instrucções é para não darmos licenças. Depois, o Couceiro não se querer despedir de ninguem...

— E o cuidado de acantonar os grupos todos aqui pelo partido de Bande, quando a provincia de Orense tão grande é. Se o commandante tencionasse adiar o movimento, a tactica seria justamente espalhar os homens pela provincia de Orense...

André Supardo,
cadête-ajud. do capitão Camacho

— Ou até por outras provincias...

— E a todo o tempo era tempo de mobilisar e concentrar. É certo que os capitães Remedios da Fonseca, Martins de Lima, José Gil, etc., tiveram liberdade d'acção, levando apenas um ajudante, mas isso explica-se pela necessidade de fraccionar a Columna em « grupos », e, portanto, commandos de tenentes.

— Ora, pois! *(concordou Saturio. E acabando de enrolar um cigarro, considerou-o como a uma obra d'arte e considerou tambem a situação):* O Couceiro espera armas, e estou certo que as obtém,

Isto é, obtidas estão ellas. O que eu queria era noticias do Padre Julio, do Gerez. Viessem ellas, que armas não hão-de faltar.

— Ouve lá, ó Saturio! Tu, que já vivêste em Mogueimes, deves saber: Mogueimes é o ponto mais perto, a testa de communicação com Ginzo, não é?

— É. A estrada de Ginzo vae ter á Forja, depois atravessa um caminho de serra até Mogueimes. O menino, pára um bocadinho para ageitar aqui este pedaço de jornal que vae a fazer de meias-solas nesta bota... O Couceiro em poupar munições é um barra, mas para fazer romper calçado á gente nem que fosse socio de alguma fabrica!

Tinham chegado á bifurcação do caminho para Cados.

— Bem, vamos a combinar: tu amanhã appareces? — quiz saber Victor de Menezes.

— Appareço, — prometeu Saturio.

— E se houver alguma noticia do quartel general, como é provavel que sejas o primeiro a tê-la por estares mais proximo de Ginzo, mandas lá um homem levar-m'a?

— Está combinado.

— Não havendo noticia, então appareces tu?

— Appareço, mas de tarde porque eu, já sabes, de noite quanto quizerem de mim; agora de manhã, não: a primeira hora do dia é a uma hora da tarde. O meio-dia é o zero da escala.

— Mas não deixes de apparecer.

— Lá apparecer appareço.

Victor de Menezes tomou pelo atalho de Cados,

O capitão Remedios da Fonseca

e Saturio Pires continuou, com o 6.º grupo, para Mogueimes, sempre por trilho traiçoeiro e hostil de serra.

Gonçalo Meirelles, que fôra adeante em «Secção-de-quarteis», alojou os homens, conforme Deus quiz e foi servido, pelas lapas de Mogueimes; e o «grupo» dormiu o somno consolado de quem tivesse encontrado em cada buraca da pobre povoação um palacio de fadas.

Na tarde seguinte um espanhol corria o *pueblo* de Cados em damanda de D. Menezes.

— Está além, por cima do *comercio!*

O homensinho encaminhou-se para a dita casa, chamou por D. Menezes, e, levado ao quarto do tenente Victor de Menezes, vendo-o na cama, preguntou inquieto e interessado:

— *Está usted enfermo?!*

— Não, senhor. Estou a enxugar! — respondeu sêccamente o tenente. Traz noticias?

— De Don Saturio.

— Deixe cá vêr.

E com a sua sobriedade peculiar, Victor de Menezes tirou-lhe o bilhete da mão, abriu-o e leu:

« *Victor.*

«Aqui te apresento o creado da *hermana* D. Rosa — minha actual patrôa —, unica pessoa por quem posso mandar-te novas minhas. Eu afinal não posso ir ahi hoje, porque após dezesete dias com a mesma roupa no corpo, e a mala em Lubian, tive curiosidade de a mandar lavar. Arrependi-me logo: a roupa sujou a agua, não sei se a agua limpou a roupa, e, de positivo, só isto apurei — veio esta data de chuva, e o raio da roupa não seccou. Só depois d'amanhã m'a dão. Sou, pois, forçado a «guardar o leito» por dois dias. Os meus homens, os que não estão bebados de somno, estão aleijados dos pés ou das botas. Algum que está melhorsinho, encontra-se como eu no coradoiro. Mando-te o creado da D. Rosa para te socegar e dizer que de Ginzo ainda não ha nada. Teu camarada e amigo.

Saturio.»

— *Necesita usted algo?* — preguntou o emissario de Mogueimes.

— Espere. Olhe, para não se aborrecer de estar ahi sem fazer nada, chêgue-me d'ahi de cima d'essa meza, esse livrinho de capa d'oleado, e esse lapinhos...

E, na folha quadriculada que arrancou a um dos seus inseparaveis cadernos de capa d'oleado, o tenente Victor de Menezes escreveu:

*

« *Meu carissimo Saturio.*

«Vejo que estás no mesmo estado que eu: á espera que o bemaventurado sol apparêça e séque a unica roupinha que avezámos.

«Tinha-te mandado chamar, porque esta madrugada me appareceu aqui um creado do Magalhães, com um padre e um contrabandista, portadores d'uns fardos com armas e munições, que aqui me deixaram, e entre os quaes vem a tal metralhadôra, que calcúlo tu terás curiosidade em examinar.

«Ao mesmo tempo gostava de falar comtigo sobre este caso de me cahirem em cima algumas dezenas d'armas e respectivo cartuchame, e ouvir a tua opinião sobre o que resolvi.

«Ainda não recebemos ordem alguma de sahida, e espero não a receber tão cêdo; calcúlo que teremos tempo de conversar, claro que depois de havermos roupagens differentes d'aquellas que cóbrem a estatua do Largo do Quintella.

« Adeus — carissimo Saturio — até breve.

Cados, 21 — X — 911.

Teu amigo

Victor ».

II

A Incursão das Beiras

A defender-se dessa mesma chuva, um homem corria para o atrio do *Hotel Salgado,* em Verin. Esse homem não tinha bagagem. Pelo máu espanhol em que pediu a chave do quarto, se percebia que era português. E era, de presença, o typo commum do português: estactura meã, não gordo mas forte de peito e de hombros, os olhos contemplativos da raça. Pelo máu trato da barba, se via que andára a monte.

— *¡ En la habitation está !* — respondeu o creado, indo ver ao chaveiro.

O homem subiu sosinho a escada, como quem conhece os cantos á casa, marcando em cada degrau pégadas humidas, o chapéo móle gottejante, o amplo casacão numa sôpa, sumiu-se num corredor e, voltando ao patamar do unico andar do hotel, encostou-se com um ar de enfado ao varandim do corrimão, chamou no seu improvisado castelhano:

— *Pépe! não está cá chave ninguna!*

Para esse patamar fronteiro ao ultimo lanço de escadas, dava um quarto, o n.º 1. A porta desse quarto estava entreaberta. Alguem, que dentro desse quarto passeava, veio ver de quem era a voz que falára no patamar, e, quasi simultaneas, ouviram-se estas duas exclamações:

— Ó Zé Thalassa!...

— O Capitão Lobo!...

— Entre!

Zé Thalassa atirou com o casacão e o chapéo para os braços de Pépe que, emfim, se lembrára de que tinha a chave do quarto no bolso do avental, e entrando no quarto do capitão, dando, sentado a escrever a uma meza, com um vulto de rapaz morêno, escanhoado como um toureiro, saudou:

— Ó Zé Froes! Tambem por cá?

— *En su sitio!* — confirmou José Froes, no seu bom homor de afficionado.

— O capitão Lobo! — repetiu Zé Thalassa. — Bem longe estava eu de o encontrar aqui!... Desde Madrid!...

— É verdade! — *confirmou o capitão Lobo. E já alterado:* — E soubesse eu que era para isto que nem em Madrid nos tinhamos visto. O programma era encontrar-nos todos em Lisboa, Zé Thalassa! *(E dando por si a tratar o outro pela alcunha):* Ó José Ferreira! você desculpe eu estar a chamar-lhe Zé Thalassa... não sei se gosta...

José Ferreira Porto esboçou um encolher de hombros resignados ante a alteração naquelle programma, e respondeu:

— Não faz mal! Eu sou Zé, de baptismo, Thalassa de coração... E trauteou:

Thalassa era a minha avó,
Thalassa era a minha mãe,
Thalassa era o meu pae
Thalassa sou eu tambem!

Sorriram, e Zé Thalassa aproveitou a aberta de bom humor no capitão Lobo para preguntar:

— Mas conte-me cá: como veio dar fundo a Verin? Vinha para entrar? não chegou a tempo?...

O capitão Lobo reprimiu primeiro a explosão de desespêro que lhe ia a sair da bocca, e, depois de dar um estalido sêcco com a lingua, como quem vem de emborcar uma droga amarga, respondeu:

— Chegar a tempo, cheguei eu: as armas é que não chegaram.

— Eram poucas?

O capitão Lobo apertou a *samarra*, pôs os nós dos dedos na cintura, e depois de fitar um momento Zé Thalassa, a verificar se elle estava em seu juizo, replicou:

— Poucas? Nem uma! Nem o cheiro! Eu cá entrei sem armas. Faltaram-me com ellas. — *E desandou, para um passeio agitado, devorando o sumitico espaço do quarto com as pernas altas, cuja magrêza a calça muito apertada, de official de cavallaria, desenhava.*

Zé Thalassa seguiu-o, com a vista, á ida da porta até á janella, acompanhou-o á vinda da janella até á porta, e, receoso de fazer uma pregunta

descabida, só ao termo dum silencio ousou esclarecer-se:

— Então o capitão entrou? Por onde?

— Por onde estive sempre para entrar: pelas Beiras!...

Capitão João d'Azevedo Lobo

De facto, no plano da primeira incursão monarchica havia uma Columna que, sob o commando do capitão de cavallaria João d'Azevedo Lobo, entraria pelas Beiras, em acção conjugada com a Columna de Paiva Couceiro.

A impaciencia armou mal a Columna de Couceiro, e deixou sem uma espingarda a Columna d'Azevedo Lobo.

Mesmo assim, sem uma caçadeira nem um espêto para distribuir ás povoações amotinadas, o capitão Lobo penetrou pela Beira-Baixa, atravessou a Beira-Alta, o Douro, Traz-os-Montes, percorrendo — com uma simples escolta de oito rapazes, oito bravos! — quatro provincias e cinco districtos!

Zé Thalassa, regressado de S. Martin, não sabia desse rasgo d'audacia, e, varado d'espanto, repetiu echoando o proprio assombro:

— Uma incursão nas Beiras!... Sem armas!...

E a coordenar as primeiras idéas:

— Mas quando chegou?

— Hoje.

— Ah!... porque eu cheguei de S. Martin a 22, de manhã, hontem, tenho encontrado para ahi muita gente que vem fugida de Portugal, homens que levantaram concelhos e que, comprometidos, tiveram de atravessar a fronteira, mas a si ainda o não tinha visto.

— Serão alguns dos que se comprometeram por minha causa?

— Não me parece. É gente dos concelhos de Felgueiras e de Paços de Ferreira. Foi uma pêna!

— Não sei de nada!...

— Imagine que alguem, no dia 29 de setembro, á noite, appareceu em Felgueiras com ordem de levantar os concelhos de Felgueiras e Paços de Ferreira. Eram as nove da noite. Pois ás quatro horas da manhã estavam as freguezias todas levantadas, e de manhã apresentou-se o poder do mundo na praça. Como do Porto não havia noticias, foi um rapaz a Guimarães, saber o que era. Mas antes de lá chegar soube que o movimento do Porto fôra suffocado, viu passar carbonarios em automoveis, cavallaria, e já não pôde voltar ao concelho. Em Felgueiras, nesse meio tempo, tinham tambem noticia do fracasso do Porto, e mandado o povo para as suas freguezias e suas casas; os homens que se haviam evidenciado naquelle levantamento inutil, tiveram de fugir. Já estão em Tuy dois medicos, o dr. Antonio Ferreira de Paiva Sampaio, homem com a carreira feita, bom medico, que para nada precisava da politica, e se meteu naquillo por fé,

por solidariedade, por convicção, e o dr. Francisco da Silva Miranda Guimarães, um rapaz com a sinceridade em flôr, e os parochos de quasi todas as freguezias dos concelhos de Felgueiras e Paços de Ferreira. É horrivel ver sacrificada tantissima gente! E note-se que não eram conspiradores, nem conspiração havia. O que havia era o povo monarchico. E tanto que proclamaram a monarchia no dia 30 de setembro, sem dar um tiro, sem as auctoridades locaes se lembrarem sequer de reagir. Para os suffocar, só tropa. Fracassada a coisa no Porto, e elles sem estarem armados, que mais podiam fazer? E que pudessem, de que servia? O concelho levantou-se ao primeiro aviso, com uma antecedencia de horas: eram gente segura, com que se podia sempre contar, foi pêna sacrifica-los inutilmente! Não imagina a quantidade de padres, só desses concelhos, que tem passado para Tuy e para Vigo. E em que estado elles veem! A barba bravia, rôtos, de alforges ao hombro, enlameados das serras! Andaram dias e dias a monte. Custou a passa-los para Hespanha! Acho que foi um tal Padre Domingos, de Cabeceiras de Basto, que ajudou a passar muitos delles. Conhece?

— Não.

— Dizem que é um valentaço esse Padre Domingos, e com influencia naquelles sitios. Se elle levantasse lá uma guerrilha!... Parece que tem passado gente para Hespanha que é um nunca acabar. E isto agora neste momento em que não é brincadeira passar a raia!...

— Eu sei bem como é difficil passar a fronteira, guardada como está. Pois senão fosse isso, já eu cá estava ha mais tempo, como conto aqui ao Couceiro.

— Estava a escrever-lhe?

— Estava aqui a dictar, ao José Froes, uma especie de relatorio dos serviços da minha... «columna»! — acabou por dizer, com amargura, o capitão Azevedo Lobo, sem se deter na grandeza d'essa entrada, sem armas, pela fronteira de Castello Branco, com o impeto, o arrojo dum valente que se não deslumbrára de, simples alferes de cavallaria, haver estado ao lado de Mouzinho d'Albuquerque, no combate de Coallela.

José Froes

Tivessem-lhe as circumstancias garantido um soffrivel municiamento, e a incursão das Beiras, sem nada perder das bellezas da audacia, não seria apenas uma aventura cavalheiresca a sommar aos heroismos dos revolucionarios monarchicos — seria o triumpho.

Zé Thalassa considerava o autôr d'aquelle feito, como uma personificação do que elle queria que fosse hoje a raça portuguêsa, como ella era dantes, como ella foi sempre e como, — tudo o promete —, ella ha-de tornar a ser. Olhava-o com uma pupilla

affeiçoada que não excluia uma reflexão de assombro perante aquelle vime humano — zunindo cóleras ao menor assôpro de contrariedade —, que forçára as portas de quatro provincias e cinco districtos. E observava-o, dizendo entre si:

— « E todavia este homem não é physicamente um hercules!... O que tu tens é alma! »

Effectivamente, João d'Azevedo Lobo não era nada o arcaboiço do farrabraz. D'uma magreza ascetica, o cabello prateado pelos quarent'annos, de marvotico tinha apenas o bigode de longas guias. O corpo insignificante era o pretexto para uma alma de heroe. Um esqueleto em que de myologia não se poderia estudar mais do que inserções musculares, uma mascara d'amplo frontal, mento breve dos arrebatados, a bocca represando a impaciencia, e uma vontade forte a dominar a sua febrilidade, que apenas inquietava o olhar, um olhar negro e dôce, olhar de commando, de colera, de enthusiasmo, de fervor, olhar em que chammejava perpetua irreconciliação com a inacção.

Zé Thalassa, vira-o em Madrid revoltado com a inacção, em Verin o encontrava agora com a mesma revolta a mina-lo.

Homem anceando pela acção, o passado é sempre para elle assumpto pouco grato.

Para nos gosarmos da saudade é preciso parar, a revêrmo-nos no caminho percorrido.

A marcha para a gloria é feita de pupilla accêsa, cravada na deanteira.

É a differença entre o homem d'acção e o

ascéta: a mesma fé, que em ambos ha, naquelle illumina a trabalhada treva das alvoradas, neste vela o repousado crepusculo das horas idas.

Não foi, por isso, nada facil ao Zé Thalassa obter do capitão João d'Azevedo Lobo a narrativa da sua incursão pelas Beiras.

Mas, ardendo em curiosidadesinha nacional, tentou:

— E depois que o deixei em Madrid, o que foi feito de si? Conte lá essa odyssêa da incursão das Beiras!

E a mêdo, com mêdo dum daquelles berros ouvidos um anno antes em Madrid, accrescentou:

— Se não o estórvo, ou não sou indiscreto...

— Não estorva, nada, nada! — respondeu o capitão Azevedo Lobo — a não ser esse relatoriosito, não tenho nada que fazer. E isso mesmo está quasi prompto. Com esta chuva, o fôgo está visto!... Até me faz bem. Estava pr'áqui a parafusar, a... (*e n'um dos seus assomos*) a bes-ti-a-li-sar-me!

— Então, eu gostava de ouvir...

O capitão Azevedo Lobo sentou-se, tirou a cigarreira, serviu-se dum cigarro, bateu o tabaco no joelho da perna esquerda que ficou a balancear em cima da outra, como pelo impulso do fumador, e dando um estalo com a lingua, disse, dispondo-se:

— Então ouça. A 26 de setembro deste anno da graça de 1911 chegava a Monforte, depois de ter ido a Bilbáo, muito contra minha vontade, por calcular que não arranjaria lá armas; a 27, de manhã, o capitão Jorge Camacho entregou-me uma carta

do commandante Paiva Couceiro, encarregando-me de tomar a direcção do movimento das Beiras, em substituição d'outro camarada. Nesse mesmo dia parti, com José Fróes, escolhido para me coadjuvar, para Ciudad Rodrigo, onde entrei com a manhã de 28. Ahi encontrei Tavares Proença, e por elle tive conhecimento de que ainda não havia uma arma. Segundo as indicações da carta do capitão Paiva Couceiro, eu devia entrar a 30 ou no dia 2 d'outubro, se recebesse um telegramma dizendo: *Estou bom.* Tavares Proença pôs-me immediatamente ao facto da organisação revolucionaria do districto de Castello Branco, e, verificou-se que, com um minimo de 200 armas, a victoria era infallivel. Dei dois telegrammas para Madrid: um ao bacharel Alberto Pinheiro Torres, outro ao Domingos Megre, pedindo-lhes que tratassem das armas que a seu cargo estava arranjar-me. Não contente com isso, despachei um proprio com uma carta para o sr. Pinheiro Torres: em que *pelo amor de Deus supplicava* armas, fôssem de que qualidade fôssem. A noite trouxe-me a resposta de Pinheiro Torres: que estava tratando do caso. Mas a 29, á noite, chegava o dr. Domingos Megre e declarava-me que era impossivel arranjar armas, dentro do praso indicado. Resolvi entrar custasse o que custasse, e, no dia seguinte, pelas 11 da noite, partia com Tavares Proença, Antonio Graça, José Froes e Vaz Preto, para Hoyos. Essa viagem foi feita em coche, o pesado coche espanhol, sob um frio horrivel. A caixa do carro não nos comportava a todos. O que ia na boleia tinha

de revesar-se, para não gelar. A carripana, tirada a gado, ferralhou toda a noite, toda a manhã seguinte, e só no outro dia á tarde nos pôs em Hoyos, capital de *partido*, mas indecente aldeia defumada, negra, onde perdemos dois dias. O Megre resolvêra voltar, a vêr se conseguia algumas armas, embora para uns dias depois. Eu, em todo o caso, expedira mais telegrammas a Pinheiro Torres, pedindo-lhe que respondesse para Hoyos. De vez em quando iamos ao telegrapho, saber noticias do Megre, noticias que não vinham. Imagine o meu estado de espirito, sem uma arma, absolutamente inutilisado, e vendo como tudo o mais se dispunha bem. Demais a mais, não recebêra o telegramma combinado, e estava portanto persuadido de que no norte tinham entrado a 30. Na tarde de 2, pouco depois do meio dia, chegam a Hoyos: Luiz Rebello Valente, o D. Luiz de Lancastre (Alcaçovas), o dr. Francisco Cruz e o «Alma-Grande», que se haviam alistado para entrar commigo. Finalmente, a 3 d'outubro — a 3! —, recebi um telegramma do sr. Pinheiro Torres...

D. Luiz de Lancastre (Alcaçovas)

— Dizendo?...

— Estas palavras d'Extrema Uncção: «*Humanamente impossivel, sinto muito*». Era o termo de

qualquer esperança: não tinha uma arma. D'ahi a pouco, outro telegramma do Megre: «*Couceiro entrou hontem, a guarnição de Vianna do Castello adheriu*».

— Nesse dia ainda o Couceiro estava no acampamento de Lubiam, donde ia para o acampamento da serra da Sanabria, donde, então, entrava em Portugal, de 4 para 5, com direcção a Bragança, onde o Lima não nasce nem desagúa.

— O Megre transcrevia um telegramma de Madrid.

— Bem sei.

— Muito surprehendido que o capitão Paiva Couceiro tivesse entrado a 2, sem eu ter recebido telegramma que d'isso me avisasse, expuz aos rapazes a situação: «*eu recebêra a missão de levantar os povos das Beiras; ficaram de me mandar armamento, e nem uma caçadeira, nem uma fisga, nem uma figa; eu não deixava por isso de cumprir, como pudesse, a minha missão, pois que quando aceitava qualquer missão, em que houvesse risco, tive sempre por norma ir até ao fim. Que eu ia para a fronteira e para Portugal, mas naquellas condições os desligava de qualquer solidariedade*». Os oito rapazes, oito portuguêses de lei, responderam unanimemente que me acompanhariam até ao fim, succedesse o que succedesse. E sem pensar em mais nada do que em secundar o movimento iniciado pela Columna de Couceiro, que eu suppunha já nas margens do Douro, parti com Tavares Proença, Manoel Vaz Preto, Francisco Cruz, Luiz Rebello Valente, D. Luiz de Lancastre (Alcaçovas), Antonio Graça, aqui o José Fróes, e o

«Alma Grande», direitos á fronteira. Enchemos duas carriólas, que nos levaram até Valverde.

— Desculpe-me dar aqui umas passadas no seu quarto, que estou gelado! — disse Zé Thalassa, menos entorpecido do que excitado de acompanhar em espirito aquellas oito temeridades, commandadas pelo capitão João d'Azevedo Lobo, a caminho da fronteira sul de Castello Branco.

Com essa serenidade dos nervosos, que é mais exaustão do que dominio, o capitão Lobo, os braços cruzados e a perna movendo invisivel pedal, continuou:

— A bravura e a confiança em mim d'estes meus companheiros, só serviu para os comprometer a todos e arriscar-lhes as vidas, mas naquelle momento eu suppunha que podessem servir para mais alguma coisa, porque longe de mim o calcular que a Columna de Couceiro não estivesse já no Minho ou pelo menos no coração de Traz-os-Montes, visto como não fôra avisado de qualquer addiamento ou contratempo na marcha, para dentro da fronteira de Portugal. Á falta d'armas, eu ia operar com boas palavras, foguêtes e musica, e com o exemplo; nunca fui dado ao *sport* da inacção, nem foi para isso que me ausentei de Portugal; ia, conforme as circumstancias me mandavam ir, mas ia.

— Nem para a defeza pessoal iam prevenidos?

— Levavamos pistolas Browing. Só Tavares Proença e Vaz Preto avezavam cada um a sua bella carabina Winchester. Ah! tambem levavamos,

isso então todos, corôas reaes nos chapeus e golas do casaco. Para... alvo, iamos bem. E lá fomos.

— Leves d'armas, mas pesados de fé!

— A fé, que levanta montanhas, tambem levanta povoações. Ás seis da tarde estavamos em Valverde. Jantamos, e ás oito da noite, continuamos o caminho, montados em muares. Era uma noite esplendida, de luar plêno, magnifico! Deu-nos meia-noite a bater á cabana do contrabandista Sebastião Farinha, a dois kilometros da fronteira, que queriamos nos servisse de guia. Os espanhoes, donos das muares, recusaram-se a passar d'ali, negando o seu sangue castelhano. As muares, que decerto tambem não eram castelhanas, fizeram causa commum com os homens, só conseguindo nós levar duas muares, depois de depositar o seu valor... estimativo: 1.200 pesetas. Numa das muares ia Tavares Proença, impossibilitado de caminhar, e na outra alguma bagagem d'aquella expedição de... 9 homens! D'ahi por deante, marchâmos a pé, sob o silencio supersticioso da fronteira, e sobre terreno lavradio, fôfo, menos transitado pela guarda fiscal, sobresaltados pelo ladrar dos cães. Emquanto esse terreno durou, os ferros das cavalgaduras não se sentiam; mas ao atravessar um riacho, as ferraduras batiam nas poldras do ribeiro, e cada patada dos animaes, cada sobresalto que tinhamos. O ladrar dos cães era uma inquietação. Quanta vez os cães dos guardas-fiscaes são melhores sentinellas fronteiriças que os homens! Ao pisar, emfim, a raia, iamos agachados, para que os vultos não alvejassem ao longe. Então, uma cum-

plicidade nova appareceu: uma nuvem grossa e vasta que nos envolveu no seu prudente manto. E á uma hora e trinta da madrugada transpunhamos a fronteira sul de Castello Branco, consideravel passo que o «Alma-Grande» saudou com um viva á Monarchia. Por serras asperas, através um vento frio, tocado por uma ponta de chuva, subiamos em direcção ao Monte-Frio. O contrabandista disse-nos: «*Aqui já estão livres da zona fiscal.*» Respirámos. Davam as quatro da manhã. Acampámos uma hora e meia ou duas horas, a descançar da jornada e da tensão nervosa, e a esperar que o dia nos dissesse onde punhamos os pés, porque o caminho era tão máu, tão máu que era perigoso continuar. Custou-nos muito a levantar. Por fim, lá marchámos para Monsanto, onde chegámos davam as sete da manhã de 4. Era um ponto de concentração para nós.

Dr. Domingos Megre

— Onde?

— Num casinhôto isolado da serra de Monsanto.

— Com quem contavam?

— Com alguns amigos a quem Tavares Proença escrevêra para se concentrarem no tal casinhôto.

— E lá estavam?...

— Á nossa espera, estavam...

— Muitos?...

— Muitos saccos de adubo chimico!... Para alguma coisa serviram. Podiam servir para barricadas; ali serviram de cama ao nosso cansaço. D'ahi a pouco, chegou o padre de Monsanto, a informar-nos que os taes amigos haviam fugido para Espanha, por as auctoridades de Castello Branco já terem conhecimento da nossa entrada, denunciada pelo consul de Ciudad Rodrigo. Isso não impediu que a nossa *numerosa* Columna percorresse metade do país, como vae ver. Da entrada da Columna principal pelo norte, nada constava ali. Tambem não havia, em Monsanto, nem sombra de resposta a umas cartas enviadas a dois camaradas, pedindo-se-lhes que comparecessem em certo ponto, para auxiliar o movimento na persuasão em que estava, e estou ainda, de que só esperassem momento opportuno para bem servir a Patria, na persuasão em que estava, e estou ainda, de que não eram dois mercenarios assoldadados a tantos centavos por dia, como quaesquer malandros!... (*E o capitão João d'Azevedo Lobo repetiu o grande topico dos seus nervos*): *como quaesquer ma-lan-dros!...*

— De maneira que, total: nem armas, nem amigos, nem bravos, — a sombra dos tojos?...

— Tal qual. A surpreza ia caminhando com o dia e a marcha. Fomos para uma serra proxima, e ali, de accordo com o valente prior de Monsanto, resolvi levantar o povo d'aquellas cercanias. Ao mesmo tempo, Tavares Proença enviava ordens para que se levantassem os povos de Medelim, Alcafozes, Aranhos e Salvador, levantamento que se-

ria secundado pelo dos povos da Aldeia de João Pires, da Aldeia de Joannes, Fontões, Monfortinho, Idanha-a-Velha, Penha Garcia, sufficientes para resolver qualquer indecisão do batalhão de Penamacor, se é que havia indecisões.

— E fizeram-se esses levantamentos?

— Sim, senhor. O que prova a vasta influencia de Tavares Proença na região. Ás 9 da noite, e no meio de um enthusiasmo louco do povo, a Monarchia era solemnemente implantada na villa de Monsanto. O estalar de morteiros fôra o signal convencionado para os outros povos se levantarem. E como seára madura a que o lume chega, e se communica de lavra em lavra, era de ver aquellas boas aldeias responderem esta á de cá, e despertar a de além, com o rebate dos sinos e o queimar dos morteiros, a seguinte responder a essa, de passo que com o seu rumor de sublevação rebelliava a outra, num echo de jubilo e de communhão, que ia de serra em serra, alastrando o districto, de fogacho em fogacho, alumiando a esperança! Ah! o povo nunca falta. Esse não tem soldo, tem Patria!... Antes, — já que inutil foi por desacompanhado —, o levantamento d'essas aldeias houvesse falhado. Escusavam de ter sido tão densas as levas de prêsos! Mas a essa hora, eu ainda não suppunha que o país continuasse nas mãos dos republicanos; suppunha-me a secundar um movimento mais forte e mais adeantado.

— Mas por muito adeantada que fôsse a marcha da outra Columna, o capitão Lobo ainda não podia

contar com ella para o soccorrer a si e áquella gente?

— Não. O meu plano era concentrar-me na escarposa serra de Monsanto, com o povo das freguezias citadas, defendendo-me com as caçadeiras, as armas leaes e tradiccionaes da Luzitania, secundando assim o movimento que julgava iniciado no norte, e assim provocando a divisão das forças republicanas, e o desnorteamento dos da governança. Ainda dei dinheiro a uns homens para comprarem polvora para as caçadeiras.

— E porque não levou por deante essa guerrilha?

— Porque quando eu a organisava, a noite trouxe a Monsanto um automovel, que não entrou na povoação, conduzindo alguem que, por um creado, me mandou recado de que seguisse immediatamente para a Guarda, cuja cidade esse alguem ia sublevar. O agronomo Luiz Valente, um dos meus companheiros, desceu a ravina para ir falar ao homem do automovel, mas já não o encontrou. Então, parti com os oito rapazes num automovel, que o Vaz Preto puzéra á minha disposição, em direcção á Guarda, pela estrada da Louzã, Fundão e Covilhã. No alto de Santa Cruz parei: fôra o ponto indicado pelo « homem-do-automovel », encarregado do levantamento da Guarda. Com grande espanto meu, e de todos quantos me acompanhavam, não encontrei « homem » nem « automovel », nem nenhum levantamento na Guarda. Assisti a outro levantamento...

— Qual? Onde?

— O levantamento dos mastros para os festejos do 5 d'outubro, na Guarda!

— Assistiu?

— Assistimos. Atravessámos a Guarda em automovel, parámos no meio da cidade, e estivemos a ver a preparação das festas. Como não se via o «homem-do-automovel» que devia pôr no tôpo d'aquelles páus a bandeira azul e branca, e como soubessemos, pela gente do logar, que nem «homem-do automovel» nem o «automovel-do homem» ali estivera, deixámos a Guarda, a tempo de escaparmos ás metralhadoras de Castelo Branco.

— O quê?!

— Fomos avisados de que tinham sahido de Castello Branco, em nossa perseguição, quatro automoveis com 2 metralhadoras e 30 praças d'infantaria, que estiveram dois dias em Monsanto sem entrar lá dentro do castello.

— Que partido tomou?

— O de me aventurar pelo país fóra, para fazer a minha juncção com a Columna de Paiva Couceiro, que eu julgava ir encontrar nas margens do Douro.

— E rumo?

— Da Guarda fômos por Celorico a Lamego que, ao chegarmos, estava festejando o 5 d'outubro, com um cirio civil, que presenceámos. Engrossámos assim a concorrencia da festança, e

Manuel Pessanha

é de crer que os correspondentes das gazêtas dissessem no dia seguinte que *ao cirio assistira uma enthusiastica multidão e pessoas gradas do concelho, vindas nos seus automoveis.* Em Lamego estivemos conversando com policias e soldados, e assim que acabou a procissão civica abalámos. Mas a 8 kilometros de Lamego, o *chauffeur* dá por falta de gazolina, e ahi temos nós de voltar por ella a Lamego.

— Os senhores não se lembravam de que um telegramma, um encontro casual d'um antigo camarada, d'um antigo amigo e actual carbonario o reconhecesse a si ou a alguns dos rapazes, e désse o alarme?

— Á espera de ser presos a todo o momento iamos nós. Mas que haviamos nós de fazer? Quem se esconde ou se agacha não faz revoluções. Quando me atirei para fóra do país, bem sabia que jogava os galões; quando me atirei para dentro da fronteira, bem sabia que jogava a vida, não era só a liberdade.

E, sem mais reparo, o capitão Azevedo Lobo continuou:

— Tendo de voltar a Lamego, o Luiz Valente foi-me saber que noticias havia da fronteira. Informaram-o que um tenente-coronel Costa, que estava em Lamego, recebêra um telegramma dizendo que *as coisas iam muito mal na fronteira.* Se iam mal para o tenente-coronel, é porque iam boas para nós.

— E os senhores com esse descanço todo!... a saber noticias, a comprar gazolina, a assistir a cirios, como se tivessem comsigo o «Exercito de Italia», a *Grande Armée!* É preciso ser temerario!...

— Não, meu amigo! Não é preciso nada d'isso. Basta ser homem e conhecer este axioma: não se morre duas vezes. Comprada a gazolina, dissemos adeus a Lamego, e metêmos á margem esquerda do Douro, para passar á Ponte do Pocinho, evitando a ponte da Regoa, que sabia estar guardada, e seguir para Alijó e Murça.

— E tudo isso sem encontrar forças da republica, um automovel de carbonarios, um administrador de concelho?

— Não .. carbonarios, nesses dias, não se viam muito!... Em Murça, havia um destacamento, commandado por um subalterno, que veio muito espantado ver a passagem do automovel, sem saber o que era. Emquanto compravamos mais gazolina, a gente de Murça, o destacamento de Murça, o povo todo rodeou-nos o automovel. Só nos não appareceu a Porca de Murça, acanhada, coitada! de nos receber vestida de verde, ella que fôra toda a vida thalassa. O povo, emquanto se despejava a gazolina, discutia: *Serão republicanos ou monarchicos?* E uns disseram: *Pharoes apagados, são monarchicos, com certeza!*

— E eram!

— Eram, são e serão!... De Murça fômos a Palheiros, onde fomos recebidos com vivas á Monarchia, e onde comemos alguma coisa. Desde manhã que não tinhamos feito senão papar leguas: alimento pouco. Estavamos fracos. De Palheiros, cahimos em Mirandella, que nos recebeu com illuminações e balões á veneziana commemorativos do 5 d'outubro.

Ali soubemos que o batalhão de voluntarios (carbonarios) de Mirandella, partíra para Bragança, a reforçar a guarnição, porque Couceiro estava na Serra da Corôa, e atacára Vinhaes. Rompemos para a frente, e ás 10 horas da noite, chegavamos a Macedo de Cavalleiros. Mas ahi a auctoridade administrativa cercou-nos o automovel com força armada, e eu e os meus companheiros fomos presos e levados para a cadeia da villa. Ha males que veem por bem! Essa prisão salvou-nos a vida. Escapamos de ser fuzilados.

— Não comprehendo! — exclamou Zé Thalassa.— Fuzilados! por quem?

— Pelos nossos. Já vão comprehender. Em Macedo de Cavalleiros, o abbade de Chacim, que tinha já gente armada com elle, espreitava os menores movimentos da villa, á espera de fazer o levantamento. Ouvindo um automovel, raciocinou: *Em maré de revolução, quem anda d'automovel? carbonarios. Monarchicos não se metiam por ahi dentro em automovel.* E iam a fazer-nos fôgo, quando os republicanos nos prenderam.

— Safa, escaparam de boa!

— Escapamos de má! Digo eu. Mas, emfim, bom foi que o abbade de Chacim tivesse gente em armas, porque a libertação não se fez esperar. Ás onze da noite, não havia meia-hora que estavamos prêsos, a gente da povoação de Chacim, commandada pelo abbade, homem de um incontestavel valor e dedicação á nossa causa, atacava a cadeia. Nada puderam fazer. Armados de caçadei-

ras, não podiam de modo algum resistir ás armas K 8mm m 86 da policia e guarda-fiscal que defendiam a prisão, commandados pelo secretario da administração. Em face de tal resistencia, o abbade de Chacim retirou, mas para se refazer.

O influente civil
Sá de Miranda

— Meu caro capitão: um padre muito popular numa região portugueza, disse-me ha poucos mezes: *«Em Portugal só não tem mêdo quem usa saias: mulheres e padres!»*

— Não ha duvida. E o nosso abbade de Chacim bem o provou. Retirando-se, não desanimou: toda a noite trabalhou, arregimentou, juntou gente. Além dos 400 homens do abbade de Chacim, Rev. Guilherme Augusto da Silva, que tinha com elle os povos da Lagôa, Moraes, Lombo, Chacim, Olmos e Malta, uniram-se-lhe mais Manuel Pessanha e Reitor de Cortiços, seguido pelo povo de Cortiços, o Padre Pinto com o povo de Valle-de-Prados, o abbade de Podense, com o povo de Podense, e com a gente de Carrapatas o influente civil Sá de Miranda, descendente do grande lyrico nacional. E ás 6 horas da manhã reappareceu o abbade de Chacim com mais uns cinco abbades e influentes civis, á frente de 600 homens, armados de caçadeiras e machados com que arrombaram as portas da cadeia onde estavamos, conseguindo pôr-nos em liberdade.

— Os senhores contavam com isso?

— Não, senhor. E quando alta manhã sentimos

as pancadas dos machados nas portas da cadeia, a nossa primeira impressão foi de que iamos ser victimas d'algum attentado dos «hottentotes vermelhos»... Travou-se combate do povo com a força armada, e, depois d'um fôgo vivo, em que se trocaram para cima de 300 tiros de parte a parte, a policia, a guarda-fiscal e carbonarios foram postos em fuga, tendo nós 2 baixas: 1 morto, e 1 ferido em ambas as mãos.

— O povo, o grande povo!...

— O povo não falha. Não tem soldo, tem Patria! repetiu o capitão Azevedo Lobo.

— Uma vez em liberdade, sairam de Macêdo de Cavalleiros?

— Uma vez em liberdade, proclamamos a Monarchia. Fomos á quitanda do administrador do concelho, que se escondeu debaixo do balcão, e mandámos-lhe fazer duas bandeiras nacionaes. O homem disse que não tinha mas... comprehendendo que eram precisas, em menos de um quarto de hora fabricou as duas bandeiras azues e brancas. Hasteei uma na Camara Municipal, e entreguei outra ao povo, sendo queimadas por mim as bandeiras republicanas. Terminada esta solemnidade, quando me metia no automovel — manhã de 6 d'outubro — para me dirigir a Bragança, de que já então julgava a Columna de Paiva Couceiro assenhoreada, surgiu na estação do caminho de ferro um comboyo, vindo de Bragança, que desembarcava oitenta praças em minha perseguição. Era a segunda vez que a «minha numerosa Columna» tinha a honra de in-

commodar o exercito. É sempre assim: quem mais trabalha são os perseguiçosos. O exercito se vae ter commigo a Monsanto não teria andado tanta legua á minha procura. Desencontros, descoincidencias...

— E o que fez?

— Não recebi essas visitas. Emquanto o povo, com a bandeira, se refugiava na serra proxima, eu seguia no automovel, levando commigo o nosso heroico libertador abbade de Chacim, pela estrada que serve Bragança. Em Valle de Nogueira, gente chegada de Bragança, passou palavra que effectivamente Bragança suppuzéra que a Columna do capitão Paiva Conceiro se dirigisse para ali, no dia 4, mas que elle inflectira para Vinhaes, abandonando a resolução de tomar Bragança.

— Como sabe, não foi nada d'isso. Por traição ou incompetencia dos guias, a Columna de Paiva Couceiro passou a noite numa tormentosa marcha de oito horas, com um unico alto de dez minutos, (para um reconhecimento) ziguezagueando a serra; e, quando amanheceu, os guias tinham-o posto na Serra da Sanabria, e não em Bragança. Bragança só podia ser tomada por surpreza. Couceiro bateu-se brilhantemente em Vinhaes, não teve ahi adhesões, Bragança estava reforçada, foi, pois, obrigado a seguir para Cazares.

— Hoje sei tudo isso. Naquelle momento, sabia o indispensavel: Couceiro não estava em Bragança mas em Vinhaes. Abandonei, por conseguinte, a ideia de ir a Bragança. A alavanca da direcção do automovel partiu-se. Guardei-o num barracão

da localidade, onde a Republica o foi depois buscar, andando a servir-se d'elle com aquella semcerimonia que os rapazes se servem das uvas dos visinhos. Apeado, meti á serra em direcção a Vinhaes, onde tambem não pude chegar porque já corria por lá a voz de que Couceiro saíra, e Vinhaes fôra, depois d'elle sair, reforçada por infantaria e cavallaria republicanas.

— Mas não communicou com a Columna?

— Procurei por todas as formas e feitios ter noticias da Columna do commandante, e a ella unir. Pelo favor da noite, mandei tres homens, a horas differentes, ver se conseguiam encontrar a Columna, entregando-lhes um bilhete em que pedia instrucções ao commandante.

— E foi feliz?

— No dia seguinte voltava um dos homens...

— Tão depressa?!

— Eu estava na serra, em sitio proximo de Vinhaes, uma legua se tanto. No dia seguinte, pois, um dos homens voltou com este bilhete de Paiva Couceiro, em resposta ao meu: « *Estou no momento em Cazares (ao N. de Vinhaes) perto da fronteira. Estão-me perseguindo, e por isso não posso dizer para onde vou agora. Quero fazer esperar o portador, mas elle diz que tem pressa* ». No outro dia procurei obter mais, embora indirectas, informações, tendo como resposta que não pensasse em tomar a direcção da Columna, porque tropas de terra e mar e 300 carbonarios exerciam uma observação rigorosa.

— E depois?

— Depois conheci todos os horrores da vida errante. Hoje num palheiro, amanhã numa choça, além numa lareira, passado manhã á chuva. Ah! mas conheci tambem o que é o Povo, o grande Povo portuguès. Andavamos serra acima, a corta-matto, por fragas e por chuvas, e quando, ao acaso, batiamos a um casebre, para onde uma luzita nos guiára de longe, nunca receámos uma traição nem uma denuncia. Batiamos, entrávamos. E, quasi sempre gente pobre, serrana, observáva-nos, tinha o palpite de que eramos os foragidos de que falavam todas as redondezas, e com uma caridade christã de enternecer, levavam-nos para a lareira, davam-nos das suas sôpas, faziam-nos umas camas, e tinham o cuidado de nos seccar as roupas, para de manhã, ao vesti-las, as não sentirmos ao menos tão pesadas! Quando eu lhes dizia: *Nós precisamos que ninguem por aqui saiba do nosso rastro!*, respondiam: *Estejam descançados, creaturas! Deus os trouxe, Deus vá com vocemecês, para os trazer de caminho!* Vinte e dois dias vivêmos essa vida nomade, que terminou por uma serie de cinco dias perdidos nas serras, com os guias inuteis, sob chuvas torrenciaes, passando ribeiros, que estavam transformados em rios, atravessando levadas com agua pela cintura, até que eu, Tavares Proença e José Fróes, viémos sahir a Verin, pela Mesquita. Outros lá irão ter mais

Rev. Guilherme Augusto da Silva, Abbade de Chacim

tarde a Madrid, a Vigo, conforme puderem e quando puderem, porque a retirada não se fazia facilmente juntos. Um, Antonio Graça, prolongou a sua odyssêa; vestido de mendigo, separou-se de mim em Monsanto, para ir, com o Vaz Preto, tambem disfarçado de mendigo, procurar o automovel que não apparecia. O automovel chegou-me lá, por outros caminhos, eu parti, mandei-lhes recado, mas nunca mais nos podémos juntar. E elle por lá anda, não sei por onde. Estou todos os dias á espera de ler a noticia da prisão d'elle!...

O capitão Azevedo Lobo fez o gesto de quem não esperava outra sorte para o companheiro.

A imaginação cavalheiresca de Zé Thalassa regalava-se naquellas paginas dramaticas, cuja personagem principal elle tinha ali deante de si, indifferente ao proprio gesto, enraivecido de o deixarem sem armas.

E Zé Thalassa esboçava mentalmente, a largo traço, num apontamento a carvão, para grande téla, mais esse episodio empolgante da primeira incursão monarchica. Recordava a chegada d'elle a Madrid, um anno antes, resumia a firmeza da incompatibilidade d'aquelle homem com a defecção, o seu pedido telegraphico de demissão de governador da Lunda, acompanhava-o discretamente nas suas passadas de conspirador, pelas ruas de Lisboa, ouvindo — porque o capitão Lobo fala tão alto que não é preciso escutar —, a sua resposta ás tentativas de captação d'um ministro provisorio, presenceava a sua passagem pela Praça d'Almeida, a sua galopada para o exilio,

os seus tormentos ao ver-se sem armamento, para a missão, recebida, de sublevar as Beiras, e por fim o grito de desesperada audacia arrojando-se para a temeridade da empreza revolucionaria, com uma escolta de oito rapazes, dispostos como elle a dar a vida por uma Causa.

Os olhos mergulhados na meia-luz d'aquelle dia triste, aguado pelas chuvas de outubro, Zé Thalassa recapitulava a marcha para a fronteira, correndo empós elles até os alcançar antes da linha fronteiriça, para nunca mais os largar até os ver outra vez a salvo, viver os perigos d'elles, soffrer as suas decepções, commungar nas suas abertas de triumpho, partilhar a vida errante das ultimas horas serranas.

Ouvia, junto d'elles, distinctamente o palpitar do pequenino coração da Patria nas fragas de Monsanto, os tiros do combate de redor da cadeia de Macedo de Cavalleiros, o tropel da derrota, as chuvas da retirada nas lages e na pedrilha da fronteira.

Depois, saciado das commoções da jornada, Zé Thalassa considerou a personagem real que deante d'elle passeava a irritação nas quatro taboas d'aquelle quarto d'hotel, e nova belleza appareceu á sua meredional paixão dos bellos gestos: a indifferença com que aquelle homem lhe contava a sua odyssêa das Beiras, tentada com mais oito homens que atravessam as provincias da Beira-Baixa, Beira-Alta, Douro e Traz-os-Montes, pisam terra de cinco districtos, — Castello Branco, Guarda, Porto, Villa Real e Bragança — proclamam a Monarchia em varias povoações, são prêsos, travam combate e liber-

tam-se na mesma noite da prisão, põem em fuga a força armada, obrigam o administrador do concelho, que os prendêra horas antes, a cozer por sua mão bandeiras azues e brancas, dispendem toda a audacia, toda a temeridade, todas as bellezas da coragem, e sobre este esforço inutil, e a retirada gelada das serras, esses homens voltam muito simplesmente, como qualquer funccionario que, após uma socegada manhã de repartição, regressa a casa, de posse do seu casacão e do seu guarda-chuva.

III

A vida dos acantonamentos

Ancioso por travar relações com a sua metralhadora, mal as terras enxugaram, e as chuvas deixaram o calvario serrano, o tenente Saturio Pires envergou a *samarra,* secca á custa de muito fumo da lareira, entregou o *Grupo* a Gonçalo Meirelles, e foi de visita a Cados.

Como as demais povoações pontuadas pelo acantonamento dos « grupos », a aldeia de Cados, a mais pequena d'ellas todas, demora na vertente leste do rio Limia que, ao delongar-se dos sêrros nataes, tanto se dulcifica nos campos amorosos de Vianna do Castello que se naturalisa e morre português, com o suave nome de Lima. Essa vertente é o espaço comprehendido entre Laboreiro, Suajo, Gerez e Picos de Fonte Fria. O Limia tem um berço humilde, origem bastarda num pantano de Ginzo de

Casa do tenente Victor de Menezes, em Cados

Limia, cujos pôres de sol são cantados, em dialecto cerrado, pelo coaxar de milhares de rãs, moradoras do lôdo. Segue o Limia, ora melancólico, ora gárrulo, como o temperamento e o vestuario do caracteristico povo galêgo, cujas mulheres traçam no peito, com os seus lenços, um rubor de canção, o resto do corpo amortalhado numa anilina de monja, a saia azul marinho, o saiote de sirguilha escura, mixto de garrulice e de tristeza, d'ardor e misticismo.

Aqui corre mal e estreita a vida para o rio, além tem abastanças folgadas, um leito largo. Os schistos são altaneiros, o rio corre lá em baixo, muito ao fundo dos terrenos que o bordejam. Como as canções dos poetas regionaes, o rio tem melodias pastoris enamoradas do torrão, e rugidos impetuosos

de trombêtas de guerra. Perto de Cavalleiros mette-se num esporão de serra que contorna, talha a rocha, e, quando, meio-asphixiado, solta a garganta das unhas do schisto, sae desesperado, arquejante, doido d'oxigenação, e despenha-se numa soberba queda d'agua que o sol prateia como escamas de peixes. Depois, já ao pé de Gendibe, reposto d'aquella exaltação, deita-se sereno num leito d'ilha, e espreguiça-se, distendendo os braços. Por onde quer que passe, o rio Limia deixa saudades. A vegetação marginal chora-o, os terrenos abençoam aquelle prodigo que atira punhados d'oiro á toa: lameiros fecundos, um humus bemdito.

Com a grata alegria de viver, que se derrama por todo o ser humano escapo d'uma grande doença ou safo d'uma tormenta, o tenente Saturio Pires, revendo-se todo o caminho no polychromo scenario regional, chegou a Cados embebido de pantheismo. E, deitando os olhos á moradia de Victor de Menezes, exclamou:

— Viva o luxo! casa com vidros nas janellas!... O meu *palacio* de Mogueimes tem janellas, é uma verdade, mas vidro é coisa que ainda por lá se não conhece. É o bello postiguinho de pau. Tambem não é preciso, a luz entra bem pelas grêtas da pedra, pelas frinchas das taboas, e pelos buracos da telha e do soalho.

— Pois eu cá é o bello do cristal! — ufanou-se o tenente Menezes.

— Não te invejo. Tu tens uma casa citadina, mas eu uma vivenda de Cintra. Palavra de tropa

que Mogueimes, então o caminho até Cados, tem pedaços que lembra Cintra: a mesma vegetação humida, os fetos, as avencas, um encanto, um encanto!

O tenente de cavallaria Victor de Menezes

— Lá que isto é bonito, é — concordou, como sempre desencantado, Victor de Menezes. — Para quem não tiver mais nada que fazer, ha por ahi muito boa sombra de sobreiros e muita copa de cas-

tanheiro, para um pandego se estirar a ler. Mas eu preferia-me nos penêdos do Gerez ou a acabar com os *butes* por aquelles caminhos de Traz-os-Montes, levados de quantos milhões de diabos ha, embrulhado na minha rica manta de pápa que, por signal, é do Ruy da Camara.

— Ouve lá! por emquanto não ha ordem nenhuma?

— Nem contra-ordem.

— Esperêmos, pois, que isto continue no fim do mês. Então onde está a metralhadora? Pode-se ver a bicha?

— Já t'a mostro. E de caminho, vês o resto do palacio. Depois damos uma volta por ahi, quero mostrar-te o meu *reino* de Cados.

— Ha-de ter muito que ver! é a aldeia mais pequena do *partido*. Imponente, o meu Kalifado de Mogueimes!

Na verdade, pouco tinha que ver a casa e o *reino* do tenente Victor de Menezes.

O *partido* de Bande é feito da mesma terra martyr da nossa Traz-os-Montes: os mesmos schistos encinzeirados, a mesma luz triste, a mesma topographia talhada por pragas na laija invia, a mesma contradicção de plainos e de cómoros, misulas para santos ou covis para feras, os montes entrincheirados nas nuvens d'onde arremessam a pedregulhagem sobre a cabeça dos córregos.

Quanto ao *habitat*, o homem ali, como em Traz-os-Montes, nado e creado entre a rudeza do schisto, com pouco se contenta: uns centos de calhaus, sol-

tos, em riba uns dos outros, e meia duzia de castanheiros chegam para conter o escano e o berço dos filhos.

Num lume de chão, alimentado a troncos d'arvore e ramaria secca, arde a braza do homem primitivo, enchendo a toca de fumo, e pondo o interior da mesma cor de que a luz d'ardozia pinta o exterior.

A casa do commandante do 2.º «grupo» era o typo constructivo da região. No unico quarto da residencia dormia o official e quatro ajudantes. Essa dependencia servia ao mesmo tempo de quarto de dormir, casa de jantar, secretaría, e ás vezes de parada de quartel, formando lá dentro todo o 2.º « grupo ». Cada enxêrga era partilhada por dois corpos. No sobrado, rôto d'onde a onde, abríra a velhice janêlos para a *quadra;* de noite, o tenente e os ajudantes eram acordados pelas desordens dos bois ás marradas nos porcos, com o erguer do hymno ao sol tocado pela banda dos gallos, e pelas desavenças das vaccas que acabavam sempre ás cornadas e aos mugidos. Se os aposentos eram escassos e acanhados, a cosinha não se parecia nada com o mégalomano chão de terra e de tijolo da cosinha transmontana onde o mesmo lume, que assa o cabrito, alumia os serões e desentorpece das nevadas. Quando o tenente Saturio Pires chegou a essa repartição do quartel-general de Cados, — onde Francisco Pombal, entre a fumaceira dos toros da lareira e do azeite, frigia batatas com ovos, o prato celebre do 2.º « grupo » — , Saturio exclamou:

O cadête Virgilio Pereira da Silva
ajudante do
tenente Victor de Menezes

— Isto é uma cozinha para passarinhos!...

O tenente Victor de Menezes concordou:

— Então para o meu brilhante pessoal culinario é verdadeiramente mesquinho. Tenho além dos meus ajudantes, os ajudantes do capitão Remedios, do capitão José Gil, de licença em Londres, e do alferes Pedro Abrantes, doente em Vigo. Encontro-me, assim, com quatro cosinheiros, nada menos, e dois bichos de cosinha.

— Bonito pessoal para reaes cosinhas! gracejou Saturio.

— Francisco Pombal, Virgilio Pereira da Silva e Carlos Neves são cosinheiros de escóla. O Adriano d'Almeida Lopes é official de cosinha tarimbeiro: sentou aqui praça como bicho de cosinha, mas, como é muito bom rapaz, foi promovido por distinção. Agora o conde de Santiago e o Francisco Fornos, esses parece-me que bichos de cosinha são e bichos de cosinha serão no fim do acantonamento. Não sabem fazer mais nada senão pôr a meza e lavar os pratos.

Riram, reconhecendo a importancia dos trens

regimentaes, e ao sahirem da cosinha, o tenente Victor de Menezes commentou:

— Agora fóra de brincadeira, ó Saturio! Vê tu estes rapazes, o D. Francisco Daun e Lorena Pombal, o D. Joaquim Daun e Lorena Pombal, conde de Santiago, dois filhos do Marquez de Pombal, o Chico Fórnos, filho do conde de Fórnos, o Adrianito e o Virgilio, como se sujeitam a viver esta vida muito pitoresca para um ou dois dias, mas muito dura para continuar!

— Não ha duvida: é admiravel! confessou Saturio.

— Porque tu comprehendes, que differença fazia ao Chico Pombal e ao conde de Santiago irem para um bom hotel de Vigo esperar a hora da mobilisação? Não, senhor! aqui, solidarios com os mais humildes, com os mais pobres, e os primeiros no bom humor!

— O que eu me admiro é como elles se sujeitam a esta miseravel cosinha! Uma sopeira portuguêsa tinha falta d'ar naquelle cubiculo. Chic, chic, a minha cosinha! Essa, sim, que dava para todos os teus ajudantes e até para todo o teu «grupo». Só falta o caldeirão do convento d'Alcobaça!

— Nessa não me metia eu. Conheço o bicho soldado: se eu lhe administrasse o pret, nunca havia de estar satisfeito. Nada! Dei as duas pesêtas e meia a cada praça, as tres pesêtas a cada sargento, e elles lá que se governem.

— Eu fiz o mesmo: dei o pret aos soldados, e arranchei com os ajudantes. E faz-se lá em casa um

arroz de bacalhau que é uma delicia! Elle não tem bacalhausinho nenhum, não sabe a bacalhau, mas é bom. Vae por lá prova-lo ámanhã, ó Victor!

— Amanhã não será muito certo. Depois, talvez.

— Não te ponhas a adiar, porque os dez dias estão a expirar, e arriscas-te a ir para a incursão sem provar a especialidade lá de casa.

Mas os dez dias passaram, sommaram-se outros dez, e outros dez, e os «grupos» acantonados naquellas lages.

Cada sol que Deus deitava ao mundo era uma esperança desabrochada e desfolhada no peito de cada um. Dos homens, muitos trabalhavam nas terras para ganhar mais alguma coisa; os que nunca haviam pegado no cabo d'uma enxada, ermavam por ali, de ôlho na estrada, á espera de novas que iam passando de pôsto para pôsto, desde Ginzo de Limia até á ultima aldeia. Quando Mario Pessoa, ajudante do Quartel General, apparecia em qualquer dos postos numa geniosa burra, que o levava a elle e ao dinheiro para os «grupos», um grito de jubilo echoava de serra em serra:

— «Já chegou a burra brava! já chegou a burra brava!»

Era, então, dia de grande trabalheira para os officiaes. Os ajudantes iam aos *commercios* saber quanto devia cada soldado; o official chamava o «grupo», e a um de fundo, infligia-lhe, então, o supplicio de obrigar um soldado a fazer contas:

— Tu ganhas duas pesetas e meia por dia, não é?

— Saiba vos'soria que sim, senhor, meu tenente.

— Bem. O dinheiro que veio é só para dez dias. Tens portanto aqui 25 pesêtas.

— Saberá o meu tenente que tenho! — concordava presto o soldado, dando um passo em frente, para o castelinho das pesêtas.

— Ora tu deves: á casa, 23 dias a uma pesêta e 75 centimos por dia, faz 40 pesêtas e 0,75; de pão, 23 dias a 20 centimos, 4 pesetas e 60; de vinho, outras 6 pesetas e 0,90. Total: 52 pesetas e 25 centimos.

— Perdoará o meu tenente, mas acho que não é tanto!...

— Então torna lá a fazer a conta.

E, repetido o calculo, seguia-se a canceira do rateio das 25 pesetas pelos credores:

— Ora tu pégas nestas 25 pesetas (*o soldado dava outro passo em frente, e estendia a mão callejada e amarella do cigarro*). Espera lá!... Tu pégas nestas 25 pesetas, e vaes dar um tanto á casa, um tanto ao padeiro, e um tanto á tenda. Olha, á casa dás 17 pesetas e 0,75; ao padeiro pagas 2 pesetas; por conta do vinho, dás 3 pesetas. Anda lá, vae pagar e traz a notasinha com o abatimento do que dás agora á conta.

— *Antão* para mim quanto sobeja, meu tenente?

— Duas pesetas e vinte e cinco centimos.

— E quanto resto aos gallegos?

— Restas 29 pesetas e meia.

— Ó meu tenente, *antão* que voltas hei-de eu dar á minha vida?! Devo 28 e tenho duas!...

— Mas tu não vês que tens a receber 46 pesetas e meia?

— Saiba vos'soria que vejo...

— Então...

Depois nova ausencia da Burra Brava. Mas os homens estavam sempre promptos para qualquer serviço, a toda a hora do dia e da noite, como se andassem pagos em dia. Agora tinham exercicios: uma summária instrucção de recrutas, meio á infantaria, meio á cavallaria, e isso entretinha-os, estimulava-os, cuidando que o commandante só estava prêso pela recruta. E ás 5 horas da manhã lá iam para as serras, escorregadias das nevadas, aprender o exercicio.

Os carbonarios começavam a cortejar os postos. Então, de noite, cada acantonamento montava uma ronda de cinco soldados e um sargento que velavam até noite velha, chovesse ou nevasse, houvesse que não houvesse uma ponta de cigarro.

A disciplina era perfeita, e a disciplina ali impunha-a a dedicação. Pernoitando aos dois e tres em cada buraca do logarêjo, se imprevistamente os chamavam, nenhum tomava licença de recolher. Ás duas, tres horas da madrugada que fosse preciso levar uma communicação a Ginzo, um d'elles, o que se mandasse, lá ia sósinho, palmilhar cinco horas de serra, com um páu na mão e uma pistola no bolso da *samarra,* debaixo dos aguaceiros desesperados.

Ia adeantado o inverno, e cada vez mais atrazado o pret. A roupa era pouca, e d'esta feita Deus não déra o frio conforme a roupa, e muito menos

Tenente Jayme Caio

conforme o calçado. Comtudo, as queixas mal as sabiam os officiaes de cada « grupo », cada um lá se lamentava entre si, e Tourém — a ponta de terra portuguêsa que encunha o partido de Bande —, se não andasse a escutar não as ouviria. Mas a falta de dinheiro não se encobre. Guarda-se um segrêdo, dissimula-se uma doença chronica; a falta de dinheiro, passageira que seja, denuncia-se ao longe com a evidencia d'uma luz, passeando a noite. Para mais, as povoações sempre davam á lingua: «*Los Portuguêses estan en atrazo*...» As tentativas carbonarias engrossavam, procurando manejar a deserção, offerecendo dinheiro aos acantonados da Galliza, a impunidade, passagens para o Brasil, e os soldados monarchicos, sem vintem, sem roupa, sem calçado, respondiam ao convite da deserção, correndo á pedra a carbonária.

Um dia, decorria novembro, o commandante do grupo acantonado em Valoiros, tenente de cavallaria da reserva Jayme Caio, viu entrar a porta do seu quarto o cabo Antonio Francisco Rodrigues, com um papel amarfanhado na mão:

— Meu tenente, dá licença? — preguntou o cabo, depois de estar dentro do quarto.

— Que ha?

— Ha que lá os srs. officiaes d'infantaria 19, que estão ahi em Cavalleiros, a dois kilometros da gente, medem tudo pela mesma raza, e vae ó depois mandaram para cá isto.

E o cabo passou este textual papel ao tenente Caio:

«Aos emigrados portuguezes

«O Governo português animado da melhor boa vontade e de conseguir o socêgo, evitando de qualquer forma ou modo, perturbações na nossa querida Patria, benevolente como sempre tem sido está disposto a deixar entrar livremente em Portugal todos os emigrados que aqui se encontram exceptuando os principaes dirigentes. Os proprios desertores serão julgados sómente como tendo commettido simples deserção. Entre vós ha filhos do povo, d'esse povo que governa em Portugal que para aqui viesteis arrastados por outros que d'esse povo não são filhos.

«E' a vós que me dirijo.

«Deveis estar convencidos que todos os segrêdos da contra-revolução foram descobertos e que portanto esta jamais irá avante.

«Portanto, sem perda de tempo apresentae-vos a qualquer administrador do concelho do districto de Villa Real ou aos consules de Verim e Orense que elles sem contra vós proceder vos tomarão declarações e vos mandarão em paz para vossas casas.

«Se quizerdes falar com quem a vós se dirige vinde a Cavalleiros onde me encontrareis em casa de D. Severino Magro por especial fineza d'este

Pela commissão
Antonio J.e Luiz Pereira
R. S.to Antonio 31 — Chaves.»

— Foste só tu que recebeste isto? — interrogou o tenente Caio, acabando de lêr.

— Saberá vos'soria que veio para todos.

— E depois?

— Depois... se vos'soria dá licença, eu vou a Cavalleiros e prégo uma *estafa* no homem!

— 'Tás doido?...

— «Precisa d'uma ensinadella!»

— «Nós esfregámos-lhe o papel na cara!»

— «Mete-se-lhe pela bocca abaixo!» — gritaram outras tantas vozes de soldados, por traz do cabo.

— Silencio! — ordenou o tenente — Algum de vocês quer aceitar?

D. Joaquim Daum e Lorena Pombal
conde de Santiago

— Aqui não ha canalhas, meu tenente! — respondeu, magoado, o cabo.

— «Ninguem aceita!»

— «Ninguem aceita!»

— «E' o aceitas!» gritaram os homens.

— Então não façam caso, — aconselhou o tenente Caio.

— Com perdão de vos'soria, isto assim é que não pode ficar! — declarou o cabo.

— Vocês querem tirar a desforra da offensa?

Todos disseram que sim.

— Pois, então, façam isto: vão lá, digam que pretendem ir para Portugal, que estão fartos d'isto,

peçam-lhe salvos-conductos, e apanhem-lhe o documento. Assim já elles não podem dizer mais tarde que fui eu que escondi o papel e que vocês não aceitaram, por não saber d'essa proposta.

— Quer-se mesmo que elles saibam que a gente foi entregue do papel.

— Bem, então, podem ir. Mas juizo, ein?

— Póde estar descançado, meu tenente! — assegurou o cabo.

— Se não fosse cá pelo respeito que guardamos ao nosso tenente, elles haviam de ter a resposta! Mas o nosso tenente manda... — resmungou uma das praças.

— A todo o tempo é tempo, homem! — replicaram os outros.

— Com licença de vos'soria, meu tenente! — tornou o cabo.

— Adeus, e olhem se teem juizo — tornou a recommendar o tenente Caio. — É verdade! vocês não dêem os vossos nomes.

— Eu cá digo chamar-me Francisco da Silva, ou coisa assim, em vez de Antonio Francisco Rodrigues — avisou o cabo.

— E nós tambem não faz minga dar os nomes verdadeiros — ajuntaram as praças.

— Depois cá venho dar parte a vos'soria do que fôr passado, meu tenente! — promptificou-se o cabo.

— Pois, sim; e se algum dos homens quizer ir embora, deixa-o ir. Aqui não se prende ninguem á força.

Foi o cabo, acompanhado de varias praças do

4.º grupo, a Cavaleiros, onde encontraram o tenente Roma que lhes decalcou, sobre o retôrno do Filho Prodigo, a anciosa saudade da Republica por aquelles filhos queridos, por ali a penar os negros males da terra estranha. E, para que podessem regressar ao vitêlo das bôdas, o enviado generoso da Republica muniu-os da immunidade de duas guias de marcha, uma para o cabo Antonio José, arvorado do posto fiscal de Tourém, outra para o administrador do concelho de Montalegre.

O cabo Antonio Francisco Rodrigues colheu os documentos, jurou que ia d'ali fazer a trouxa, a mais os camaradas, e voltou, com quantos homens levára de Valoiros, ter com o tenente Caio.

— Aqui está, meu tenente. Esta diz que era para o cabo da guarda-fiscal de Tourém. Faça favor vos'soria de lêr.

E o official leu.

« *Antonio José*

« *Vai ahi Francisco da Silva...*

— Francisco da Silva, como o meu tenente sabe, foi o nome que eu dei —, interrompeu o cabo.

O tenente Caio assentiu com a cabeça, e recomeçou, em voz alta, para os homens ouvirem tambem:

« *Antonio José*

« *Vae ahi Francisco da Silva acompanhado de varios portuguezes todos desgraçados, que vão apresentar-se a Montalegre para seguirem aos seus destinos. É bom mandar um guarda acompanhal-os para saberem o caminho*

e apresental-os ao sargento Julio, afim de os apresentar ao ex.^mo administrador.

Sem mais
Bento Roma

Cavalleiros—11-11-911 »

— Agora esta que diz que era para o *proprio* administrador.

E o tenente Caio leu o segundo documento:

Ex.^mo Senhor

« *O portador d'esta é um dos desgraçados que para aqui andam arrastando uma vida de miseria e de nostalgia. É Francisco da Silva e leva em companhia d'elle os seguintes:*

— Saberá o meu tenente que todos esses nomes são suppostos — avisou uma das praças.

«... *os seguintes* (recomeçou o tenente Caio): *Antonio de Magalhães, de Cabeceiras de Basto; Domingos Gonçalves de alturas de Barrozo; Antonio da Silva de Cabeceiras, Alberto Lopes de S. Domingos (Lisboa), Antonio Macedo dos Santos; Antonio Pedro Garcia de Villa Nova de Gaia, João Peixotó, do 3.º bairro de Lisboa.*

Pede o creia seu m.^to amigo obr.^do
De V. Ex.^a

Cavalleiros, 11-11-911 » *Bento Esteves Roma*

— Desgraçados serêmos a gente, — (commentou um soldado) mas temos mais vergonha na cara qu'á muitos que por lá ha pela republica!

— Não se compára um oiriço *c'um* castanheiro acudiu outro.

E foi uma explosão de firmeza, de brio, de lealdade mal-ferida pelo convite á deserção. O official acalmou-os, reconhecendo-lhes a lealdade, e ali acabou o caso, para recomeçar lá fóra entre os homens, até chegar ao conhecimento de todo o « grupo », passar d'esse ao « grupo » visinho, num arrepio de dignidade por todos os acantonamentos, d'onde nem sequer um homem saiu.

D. Francisco Fornos

Em todos elles, um por um, o official commandante do « grupo » chamou os seus homens, leu-lhes o papel que lhes offerecia o regresso impune, e declarou-lhes :

— « Quem quizer, póde ir. Não queremos cá ninguem á força. Na certeza de que quem passar para além d'aquelles montes não espere poder tornar para nós. »

Mas as praças nem esperavam pelas ultimas palavras ; a cheia de protestos trasbordava logo, e era um trabalhão para os conter.

D'ahi a dias, o tenente Rebello chegava á sala do quartel-general de Mogueimes, a rir ás gargalhadas.

— De que é que vens tu a rir? — preguntou-lhe o tenente Saturio Pires.

— Não ouviste?...

— Ouvi, para ahi, um bocado de bulha, mas julguei que fossem os homens a jogar o chinquilho.

— Jogaram o chinquilho, jogaram, mas foi nas costas dos carbonarios.

— O quê?!

Então, o tenente Rebello contou: uns carbonarios passaram, nuns burros, rondando o acantonamento; um dos homens do « grupo » do tenente Saturio Pires conhecêra-os, e gritára:

— Lá vão elles!

E, como á voz de fôgo, uma descarga de pedradas varreu a cavalgada.

IV

A noite de Natal

Anonymos, rotos, desabonados, quem se atrevia agora a dizer que os prendia ali o interesse ou o medo? Interesse, bem via a gente da terra que não; e, se lá de dentro, a republica lhes offerecia o retôrno impune, e elles o recusavam, era porque forte élo os alliançava aos amargurados acantonamentos da Galliza. Esse gesto, traçado nas horas da mais negra penuria, ficára ante os gallegos como padrão do caracter dos emigrados.

Em honra eram os emigrados eguaes aos gallegos mais honrados; em força, em desinteresse, em aptidão, em qualidades physicas, eram-lhes os portuguêses superiores.

Se lhes davam campos para amanhar, apegavam-se ao trabalho, grangeavam pelo officio os que o tinham, os outros cumpriam o serviço de correspon-

dencia, de communicações, de rondas, e, quando estavam muito tristes, vingavam-se em cantar. E trabalhando na terra a par dos gallegos, provavam os portuguêses mais destreza e mais sciencia nos trabalhos agricolas. Era vê-los ali cavar uma jórna inteira, e volverem á tarde para a buraca, léstos e com vida para cantar a mulher, pelo caminho.

O cadête Adriano Lopes
ajudante do tenente Victor de Menezes

Se labutavam, não lhes passava adeante o hespanhol; se brigavam, não se chegavam os gallegos ao pé dos portuguêses.

Uma noite, uma gota de vinho improvisou, dentro d'uma tenda, um final de romaria: andaram no ar os cacêtes, rodaram algumas cabeças rachadas. Um rapazito franzino meteu-se ao meio, e os homens, assim que viram o «sr. Adrianinho, ajudante do nosso tenente Menezes», accomodaram-se.

— Nunca vimos dar tanta pancada! — exclamavam os gallegos.

— Então, vocês estavam ahi, e não sabiam apartar — interpellou o ajudante do tenente Menezes.

— Os nossos?! — respondeu uma gallega — Onde é que elles tinham fôrça para isso? O murro d'um português mandava pelo ar quantos dos nossos se chegassem para elles!...

Os gallegos respeitavam-os; e a gallega premiava-os, como a mulher premiou sempre o triumphador.

Os portuguêses eram os mais fortes, os portuguêses eram os mais mysticos, os portuguêses eram os mais sentimentaes, — a mulher gallega já não soffria os homens da sua raça. E fosse no campo, pelas fainas, fosse no terreiro, em dia de guarda, numa rodada de harmonium ou de viola, a gallega repellia-os com enfado:

— Tira-te que cheiras a gallego! (*Quita hombre! que óles a gallego!*)

O português tinha invadido, abrindo na alma regional o primeiro sulco que o invasor deixa nos povos de conquista — a sua canção. Nos «grupos» havia bons cantadores, e o cancioneiro português, peninsular e insular, era recapitulado amorosamente. Francisco Pombal cantava em terceiras as lentas rapsodias do fatalismo da raça. Antonio Graça esmaltava a sua saudade portuguêsa nas canções cadenciadas da ilha. Demais, os portuguêses levavam novos thesouros de *folk-lore*, renovavam a riqueza musical do povo.

Aos dois mezes d'acantonamento, não havia terreiro que pelas tardes de domingo não cantasse:

Ó balancé, balancé,
Balancé da neve pura!

E, então, o cancioneiro politico do momento, desabafo passivo das multidões, andava na ponta da lingua.

Havia desafios, como em Portugal, nas esfolhadas : uma voz desgarrava:

Meu amor é reservista
Passa a vida no quartel :
Quem cá déra a Monarchia,
Mais El-Rei Dom Manuel!

E outra respondia:

Quem cá déra a Monarchia!
Deus a traga em boa hora!
Menina não esteja triste
Que o rapaz não se demora.

E assim como o messianismo nacional creára nos homens da Columna o fetichismo pela Causa e pelo commandante, assim aquelles foram depois impregnando da mesma idolatria o coração das povoações, por onde acantonavam.

Em Mogueimes ou Gendibe, ouvia-se, como em Celorico ou Cabeceiras:

Portuguezes vesti lucto,
Um lucto bem denegrido;
Se Paiva Couceiro não vem
Portugal está perdido.

Os portuguêses não aprenderam uma *vidalita:* a gallega trauteava a *Liberal Constituição*, esforçava-se por aprender a delicada tessitura da *Vassourinha*, com que o Minho acompanhava as coplas ao Capitão Phantasma

No tempo da Monarchia,
No tempo da Monarchia,
Ia tudo muito mal;
Temos agora a Republica,
Temos agora a Republica,
Desgraçado Portugal!

Paiva Couceiro,
Mais uma vez,
Mostra o que vale,
O sangue português.

E logo o côro, cantado á minhota, em terceiras:

Varre, varre
Mas com valentia,
Varre esses traidores,
Viva a Monarchia!

Vencêra o mais forte. O vencido apaixonára-se pelo vencedor, cantando na sua lingua, submetendo-se com enlêvo ao seu cancioneiro.

Os portuguêses tinham contra elles a Hespanha official, a perseguição da *Guardia Civil,* a sanha do *carabinéro,* mas eram senhores da alma da região. A confiança illimitada na sua honradez tornára possivel viver-se em pleno atrazo de pret.

Na Noite de Natal, os pagamentos estavam atrazados trinta e tantos dias.

Da tradição e do lar, os pobres soldados portuguêses apenas tiveram no exilio a desconsolada saudade e a chuva triste de dezembro.

Os officiaes juntaram-se em Baños de Bande, nas

casas uns dos outros, ou nas residencias dos abbades que bem lhes queriam.

Os soldados, cada «grupo» com seu cantador á

Algumas praças do 6.º «grupo»

Da esquerda para a direita: — Soldado Julio Dias da Costa, 2.º sargento José Moreira Lopes; soldado Alexandre Pereira de Magalhães; contra mestre de corneteiros, ás ordens de Paiva Couceiro, nas duas incursões, Alvaro Pinto d'Almeida; 2.º sargento Joaquim Augusto Esteves e o soldado Silvino Moreira Lopes.

frente, foram dar as boas-festas aos seus officiaes. Debaixo das janellas, embrulhados em mantas, cantaram as *Janeiras* com versos allusivos aos officiaes, a Couceiro, a El-Rei, versos feitos por elles, com aquelle instincto poetico que a raça bebeu no berço.

Começavam:

Viva o nosso tenente
Viva sua «Insellencia»
Que para nos aturar
Está hoje de paciencia!

E, cumprida a cerimonia:

Quem diremos nós que viva?
Viva a Familia Real!
Viva El-Rei Dom Manuel
No throno de Portugal!

Quem dirêmos nós que viva,
Na folhinha do loureiro?
Viva El-Rei D. Manuel
E mais o Paiva Couceiro!

Os officiaes continuavam a ceia; os soldados continuavam a cantar, e, insensivelmente, a toada recahia no *motivo* que penetrára o cancioneiro:

Portuguezes vesti lucto,
Um lucto bem denegrido;
Se Paiva Couceiro não vem,
Portugal está perdido.

Desgarradas as lôas, desfiadas as *Janeiras*, o «grupo» terminava com o *Hymno da Carta.*

De fóra, com um tremor de nostalgia e de fé, os soldados entoavam:

Salvé Patria Sacrosanta, mãe suprêma!

De dentro, os officiaes respondiam:

Terra de Nun'Alvares, bemdita!...

E os dois córos, o de dentro e o de fóra, cantavam a Patria, como ella se canta em terra estranha.

Alguns que abandonavam o orphéon, era porque a emoção os tomára.

Quando os officiaes retiraram, os homens acompanharam-os, debaixo de chuva, embrulhados nas mantas já pesadas d'agua, um lampeão a desbravar a treva d'aquella noite muito triste, e a acautelar dos lamaçaes mais fundos. Por todos aqueles sitios, se viram, na magoada noite d'esse Natal, luzitas sorrindo sob o temporal: eram os emigrados portuguêses, os soldados da Columna de Couceiro, que, sem dinheiro, sem saber o dia d'amanhã, sem saber a fome que iria no lar, seguiam affeiçoadamente os seus officiaes, um cobrejão enganando os ossos, a cantar debaixo d'agua.

Era a alma da raça, affeita a pôr em verso as suas tristezas, e a tecer resignadas melodias das suas amarguras.

Era o coração de Portugal, que chorava e cantava, ao mesmo tempo!

V

O romance d'uma fuga

As chuvas entraram por janeiro. Se a luz schistosa da região já é triste, o inverno mais a aggrava, e por ali tudo parece o scenario d'uma catastrophe. As aguas da chuva alagam os campos e os atalhos; só lá de longe em longe se vê passar um vulto humano, a espinha dobrada ao vendaval; e as casêtas improvisadas a pedra solta, de mal com o prumo, negras da refracção do schisto, negras pelo fumo, negras da chuva, dão a impressão de que um incendio ou um terramoto devastou o logarejo.

O fumo que sae pela chanfra do telhado não dá o meigo signal d'um lar proximo, mas a tragica suggestão do rescaldo d'uma calamidade que passasse arrazando as pedras e emmudecendo para sempre a creação.

Aquella chuva completava a desolação. Era a

chuva que segue na esteira maldita do tufão e, sobre o devaste dos incendios, confusiona e empoça os escombros carbonisados, espesinhando-os, reduzindo-os a lama.

As povoações do partido de Bande viviam essas horas de morte e de sinistro, quando Antonio Graça bateu á porta do tenente Saturio Pires, em Mogueimes. Ia adeantada a manhã. Já tinham batido as dez. Dentro de casa, como fóra, não se sentia ninguem. Só se ouvia a chuva na pedregulhagem da povoação. Fazia um frio d'abandono. Antonio Graça tornou a bater; de dentro uma voz estremunhada preguntou:

— Quem está ahi?

— O Graça, meu tenente!

— O Graça...? Qual Graça?

— O Antonio Graça.

— Entre.

Antonio Graça entrou no quarto, Saturio Pires procurou os óculos, por cima da cadeira que tinha

ao lado da cama, ás apalpadélas de myope, e, apetrechado das lentes, reconheceu o visitante:

— Mas então tu...? Eu fazia-te na Penitenciaria!

— Quem é que... está... na Penitenciaria, tenente? — resmoneou, tonto de somno, d'uma cama de ferro, ao lado, um homem com o cobertor de pápa até aos olhos.

— Acorde, *seu* Gonçalo! (*ordenou Saturio Pires. E explicou, para Antonio Graça*): — É o Gonçalo Meirelles.

Tambem Gonçalo Meirelles quiz saber como Antonio Graça estava ali, em Mogueimes.

— Ponha já para ahi esse folhetim, seu Graça! (*commandou o tenente Saturio*) Quanto mais não seja para eu ter a certeza de que és tu que estás em Mogueimes, ao pé da minha cama e não sou eu e o Gonçalo que acabamos de ir ter comtigo á Penitenciaria.

Antonio Graça pediu que o deixassem desembaraçar da manta e do chapeu. Estava encharcado. Batêra muito tempo á porta, chegára a julgar que não havia fôlego vivo naquella casa. E procurava um cabide para pendurar a manta.

— Pousa ahi no chão. Cabides não ha. Para não estragar as paredes com os prégos... —, explicou Saturio Pires.

Então, Antonio Graça sentou-se na borda da cama, prompto a narrar.

— Antes de mais nada: tu entraste com o capi-

8

tão Lobo, pelas Beiras, na primeira incursão, não entraste?

— Entrei.

— E depois?

— Depois, não podendo voltar para traz, fui para a frente.

— E como sahiste afinal de Portugal? Em hydroplano?

— Por mar, num vapor que tomei em Lisboa e me trouxe a Vigo.

— Lisboa? Tu vens de Lisboa?! Ó Gonçalo, você está encarregado de me dizer se eu estou acordado. (*E o tenente Saturio Pires voltou-se para Antonio Graça*): mas tu d'onde vens agora, para onde vaes e o que vens cá fazer?

— Eu de Vigo, fui para Verin, onde estou ha um mez com o capitão Lobo. Agora o capitão Lobo sahiu numa missão especial, e eu d'accôrdo com elle, vim apresentar-me ao tenente de Mogueimes.

— Está apresentado. Deixa-me fazer um cigarrinho, e sou todo ouvidos... Cá está a bolsa do tabaco, cá está o livrinho das mortalhas... prompto! conte, conte que o seu contar tem graça, *seu* Graça!

Antonio Graça ia a historiar a temeraria incursão do capitão João d'Azevedo Lobo pelas Beiras.

— Já se cá sabe! resmungou Gonçalo Meirelles.

— Conta os teus milagres e aventuras depois que te separaste do Lobo — marcou Saturio.

— Sabem que quando chegamos a Monsanto —,

preguntou o Graça —, fomos ter a um casinhôlo, onde deviamos encontrar...

— Saccos d'adubo chimico —, completou Gonçalo Meirelles.

— Bem. Antes de entrarmos no casinhôlo, o frio de que nos haviamos tomado durante a noite fôra tal que nos deitamos ao sol. Quando batemos á porta do dito casinhôlo, um criado preguntou o que queriamos, e, depois de saber quem eramos, recommendou-nos que nos fechassemos por dentro, porque estava tudo perdido: os principaes chefes de Castello Branco já haviam sido presos, outros tinham ido para Hespanha. D'ahi a pouco, chegou outro creado que foi a Monsanto buscar-nos alguma coisa de comer. Estavamos agoniados de fraqueza. Comemos uma *bucha* de pão e um queijo, que nos pareceu o melhor queijo d'este mundo. Discutiu-se o que se havia de fazer. O capitão Lobo, desesperado, nem pensou em voltar para traz. Mas ir para a frente, como? O automovel, que o Vaz Preto mandára estar alli, não apparecia. Eu, então, lembrei que indo algum ou alguns de nós á frente, talvez encontrassemos na Louza, terra de Vaz Preto, o automovel; que se assim succedesse, correriamos a buscar o capitão Lobo. Concordou Azevedo Lobo em que fossemos eu e o Vaz Preto. Mas surgiu logo uma terrivel difficuldade: Vaz Preto é conhecidissimo por aquelles sitios, e mal désse meia duzia de passos seria preso, e eu com elle: « *Só se nos desfigurassemos, vestindo-nos de mendigos* », lembrou

um de nós, a rir. E afinal foi o que se fez: um creado foi buscar-nos fatos velhos de mendigo...

— Mas mendigos, *de verdad?* quiz saber o tenente Saturio.

— De authenticos mendigos! e d'ahi a meia hora, o moço voltava com os fatos e com uma burra que nos prestou um servição.

— Descreve lá a farpella! — intimou Gonçalo Meirelles.

— Olha, o meu fato constava d'uma camisa de saragôssa grossa, sem botões, deixando vêr o peito...

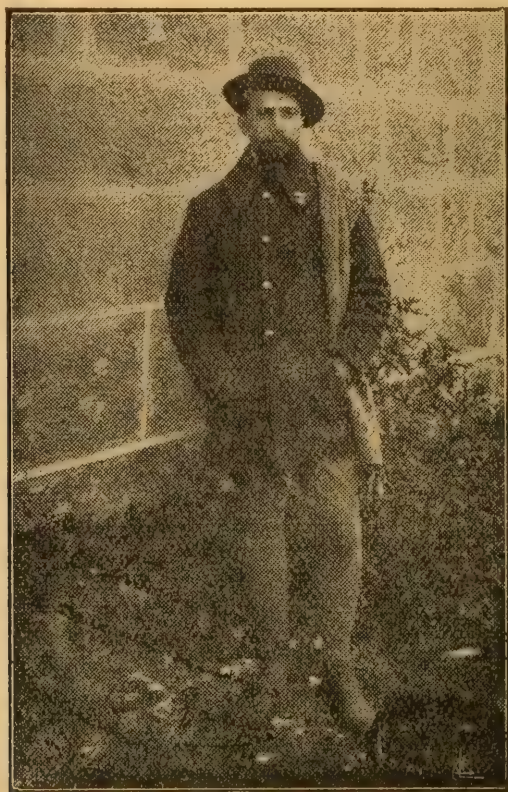
— Camisa de Zé Povinho, vamos para deante! resumiu Saturio.

— Depois, umas calças de briche, muito estreitas e muito curtas, que me davam pelo meio da perna, onde começava o cano de uma bota grossissima, com dois pregos no tacão que me fizeram dois buracos nos calcanhares. Um collete enorme, de burel sujo e velho; por casaco, uma jaléca curta, com cotovêlos rôtos, cheia de remendos, a desfazer-se. Na cabeça, um chapeu d'aba larga, sem fita, sem fórma, um feltro cheio de sêbo. Vaz Preto mascarou-se, como eu, de mendigo, com um fato parecido. A barba que já ia crescida, ajudava a dar-nos um parecer mal tratado; para acabar a caracterisação mascarrámos a cara com terra. Mas Vaz Preto, não sei se conhecem? é um rapaz, mais baixo do que eu, cabello e bigodito preto, morêno, e umas maçãs de rosto rosadas como camoêzas. De modo que por mais que esfregasse a cara com terra, o rosado da cara apparecia sempre através o sujo. Nós

como pódem imaginar, estavamos todos tristissimos; pois, mesmo assim, quando acabamos de vestir-nos, desatou tudo a rir: eramos dois pobretanas, d'esses a quem até ladram os cães das quintas. Metêmos a nossa roupa de paivantes, as nossas botas, as pistolas e os chapeus com os distinctivos monarchicos dentro de um sacco de serapilheira, muito sujo, atirámos com o sacco para o lombo da burra, uma burra de pobre de romaria, e, de cajado em punho, seguimos, juntos, por Monsanto a Medelim, S. Miguel e outras freguezias até á Louza.

— Oh! Graça! (*interrompeu o tenente Saturio, a rir*): Nós estamos por cá muito pobresinhos, mas se tu tens um postal vestido de mendigo, eu compro.

— Infelizmente, a certa altura tive de abandonar o sacco e perdi o fato de mendigo, senão com todo gosto tiraria um retrato. Mas, como ia dizendo, saimos juntos da Serra de Monsanto, o Vaz Preto e eu. Eram dez horas da manhã, d'um bello dia de sol. Pelo caminho, cruzámos com dois carvoeiros, montados em burros, que, vendo-nos tão sujos, nos tomaram por camaradas, e nos preguntaram: «*O' camaradas, vois sois de Medelim ou de Monsanto?*» «*Sêmos de Monsanto!*» respondi eu. «*Sabeis se ha por lá carvão para vender?*» Á sorte, não sabendo o que havia de dizer, respondi: — «*Parece-me que chegaram umas cargas!...*» Mais adeante, passámos por um dos feitores do Vaz Preto que o não reconheceu, e só nos deu a salvação tradicional das estradas de provincia. Foi uma das nossas primeiras victorias: passar por uma pessoa conhecida, sem

sermos reconhecidos. A jornada durou todo o santo dia: meia hora ia um na burra, meia hora ia outro. Mas com a caminhada da vespera, que já tinhamos nas pernas, desde a fronteira á Serra, por uma es-

Antonio Gagliardini Graça
Ajudante do capitão João d'Azevedo Lobo

plendida noite de luar, chegamos esfalfados e cheios de fome.

— E eu que me esqueci de te offerecer o *desayuno!* — atalhou Saturio Pires, inpressionado, co-

mo se o narrador ainda estivesse curtindo aquella fome.

— Muito obrigado! eu já tomei leite.

— Pois, sim, mas de Verin aqui fizeste bem jús a outro *desayuno*.

E o tenente Saturio bateu as palmas, gritando:

— Pagem!...

Um rapazito dos seus treze ou quatorze annos accorreu com uma bota e uma escova de graxa na mão, e, dando com Antonio Graça, saudou na humildade provinciana:

— Bons dias a V. Ex.ª!

— Traga um *desayuno* para este senhor; e, já sabe, na almoçadeira rica.

— Saberá V. S.ª que trago — respondeu, rodando, o rapazito, em cujo olhar havia essa esperteza que a necessidade desenvolve desde cedo no desherdado.

— Tu não conhecias o meu «Pagem»? — preguntou o tenente Saturio.

— Não, não conhecia!...

Então, Saturio Pires contou:

— Este rapaz é d'aqui de ao pé de Chaves. Quando foi da primeira Incursão, o pae mandou-o saber do irmão que estava alistado cá na Columna. O rapazito veio vindo, veio vindo atraz da Columna, sempre na nossa peúgada, mas quando chegava a uma povoação diziam-lhe: «*Sairam hontem á noite!*» «*Foram esta manhã embora!*» até que nos apanhou em Porqueirós. Levei-o ao Commandante que o esteve ouvindo, e depois perdi-o de vista. Um dia,

aqui em Mogueimes, já nem me lembrava d'elle, apparece-me o rapaz encostado ahi á humbreira da porta: « *Tu que estás aqui a fazer, rapaz?* » disse-lhe eu. — « *Sou o irmão d'um soldado que está na Columna, por quem preguntei a V. S.ª em Porqueirós.* » — « *E agora?* » — « *Agora não quero ir para Portugal...* » — « *Tens medo?* » — « *Saiba Vos'soria que não. É que já vi o sr. Paiva Couceiro, não deixo mais a Columna.* » — « *Mas porque não estás com o teu irmão?* » — « *O meu irmão está com a gente de Verin, e eu então vim vêr se vos'soria me deixava cá ficar.* » Enterneceu-me o rapazito, achei interessante aquella alminha de garoto, miniatura do nosso povo, já com o fanatismo pelo Commandante metido nos ossos, e apeteceu-me adopta-lo. Mas não o podendo sustentar, pedi licença ao Commandante para o alistar, o Couceiro auctorisou, e o rapaz ahi está alistado: é o nosso impedido, o « Pagem ».

— Senhor tenente!... — respondeu, do corredor, o rapaz, suppondo que o chamavam — Já aqui vae.

E entrou no quarto com o *desayuno.*

— Esta almoçadeira —, explicou o tenente Saturio —, é o luxo cá da casa, a baixella das visitas, o serviço de prata, o sophá.

Mas Antonio Graça não ouvia, muito intrigado com o « Pagem » que se collocára na frente d'elle, calcanhares unidos.

— São as venias do estylo! — explicou o tenente Saturio Pires.

O rapaz mesurou tres vezes, e sahiu, deixando

o official e os ajudantes a rir, com bom humor, da gravidade do «Pagem».

E Antonio Graça, com a almoçadeira em cima do joelho, proseguiu:

— Ahi pelas nove da noite chegamos ao termo d'essa jornada. Vaz Preto ficou numa freguezia, eu segui, na burra, para outra povoação proxima, onde tinha um amigo. Chegado a casa d'esse amigo, bati, o dono da casa veio á janella, e não me reconheceu. Como a visinhança estava por ali, a conversar ás portas, ao «*Quem é?*», respondi cá de baixo: «*Um amigo!*». O homem retirou-se para dentro, tornou a assomar, com o filho, e eu disse: — «*Ah! Ó Eugenio!*» Conheceram-me a voz, e o pae metendo-se para dentro, disse, muito impressionado, para a filha: — «*Já sei quem é: é o Graça! Coitado! Vem miseravel!...*» Assim que entrei na sala de visitas, naquelle traje, não me souberam dizer nada, tal a surpreza de me vêrem assim sujo, e andrajoso. Expliquei-lhes então que era um disfarce; ficaram muito contentes; fômos cear, e, depois de muitos: «*Pois é verdade! Se o Couceiro foi feliz na entrada...*», deitei-me cançado. No dia seguinte, continuou Antonio Graça, quando estava á espera do recado de Vaz Preto para partirmos, conforme ficára combinado, recebi mas foi um recado do capitão Lobo, transmittido pelo Vaz Preto, que annunciava ter afinal chegado o automovel...

— E vocês não o encontraram, pelo caminho? quiz apurar Gonçalo Meirelles.

— Não, — explicou Antonio Graça, — porque o

automovel fôra por outro caminho que não o esperado. O capitão informava-nos da direcção que resolvêra tomar, e ordenava que nos fossemos juntar a elle. O Vaz Preto, assim que recebeu o aviso, safou-se como pôde, e eu nunca mais o consegui apanhar. Tratei tambem de ir ter com o capitão Aze-

O 6.º «grupo» da Columna de Paiva Couceiro, commandado pelo tenente Saturio Pires

vedo Lobo. Recebi estas instrucções de manhã, e não tendo outro meio mais discreto de locomoção, vesti o mesmo fato de mendigo, meti-me numa 3.ª classe de caminho de ferro, e parti. No comboio havia muita animação. Era o dia 5 d'outubro. Os passageiros da minha classe, na maior parte operarios da Covilhã, trocavam impressões sobre a entrada de Couceiro, que era o assumpto dominante. Eu, encolhido a um canto, com o meu sacco onde

levava as pistolas e os emblemas azues e brancos, emfim todo o fardamento de paivante, não dava palavra. Mas os outros passageiros, operarios, e, pelo falar, operarios republicanos, acreditando-me authentico mendigo, acharam-me desprezivel e tomaram-me para alvo de troça. Diziam-me coisas, tiravam-me o chapeu que eu pedia, fazendo-me parvo, queixando-me de frio na cabeça. O operariosinho reivindicador, o povo egualitario e fraternal delirava com a minha apoquentação e chasqueada miseria, como qualquer senhor medieval com as deformações hilariantes do seu bôbo. Eu não protestava, deixava correr. Todo o meu receio era que me dessem com o sacco, debaixo do banco, porque, com o respeito que a miseria inspirava áquelles fraternaes e egualitarios proletarios, com certeza me pegariam nelle, como me pegaram no chapeu e me puxaram pela jaléca. Entrou o revisor; dei-lhe o bilhete; elle marcou-o, e, olhando para mim com um olhar «egualitario», atirou-me d'alto o bilhete que caiu ao chão, e eu tive de o apanhar humildemente, com a resignação da minha condição de mendigo. Os operarios achavam muita graça, e continuavam a meter-se commigo, como rapazio atraz d'um tarado.

— Eu acho que não resistia á tentação de os esmurrar!... — exclamou Gonçalo Meirelles.

— O que eu queria era a minha liberdade, para poder collaborar na revolução das Beiras, o mais importava-me lá bem! Até me divertiu este estudo experimental da democracia! Na estação em que eu

entendi que devia sahir, para me ir juntar ao capitão Lobo, apeei-me do comboio. Eram onze e meia da noite. Segui para o ponto onde devia encontrar-me com o meu commandante, metendo por atalhos que nunca vira, guiando-me apenas pelas luzes que ao longe lobrigava, por caminhos horrorosos, passeados por lobos, segundo ao depois me disseram. Atravessei uma verdadeira floresta de carvalhos, rodeei os caminhos transitados, e, depois d'uma grande volta, encontrei então piso de gente. Da povoação, desciam grupos de homens, cantando animadótes a *Portugueza*, e soltando vivas; ao passarem por mim, um gritou: *Oh! thalassa!* Tive um arrepio de frio, mas segui derreado, sob o meu sacco, com a placida resignação do mendigo acostumado a encontrar os homens e a ter menos medo dos cães de guarda. Os manifestantes continuaram tambem o seu caminho, a cantar e a berrar. Aquillo fôra apenas a tentação de atirarem uma chufa a quem elles suppunham necessitado de que lhe atirassem uma esmola.

— Amor social! — synthetisou o tenente Saturio Pires.

— Fui bater a uma porta conhecida, na freguezia onde esperava encontrar-me com o meu capitão. A porta da casa estava fechada. Á voz que veio ao portal, respondi: «*Antonio!*» Reconheceram-me a voz, mas ao vêrem-me naquelle traje, suppuzeram ter-se enganado, tiveram medo, e iam a fechar-me a porta; eu empurrei-a com toda a força, e expliquei a situação. Era tempo: atraz de mim

seguia um vulto. Se de dentro gritam com medo, ou o vulto dá commigo a forçar a porta, eu era estupidamente prêso. Entrei, e toda a noite fiquei á espera, de pistolas aperradas, e o ouvido ancioso pelo signal da revolta. Foi uma noite de véla. Passou-se essa noite, passou-se todo o dia seguinte, e eu sem saber absolutamente mais nada. Dois dias depois, os jornaes contavam, com grande surpreza minha, a prisão do capitão Lobo em Macêdo de Cavalleiros. Vendo que já nada fazia ali, e receoso de comprometer, com a minha presença, as bondosas pessoas que me emprestavam o seu tecto, dispuz-me a voltar pelo mesmo caminho, direito á estação do caminho de ferro mais proxima.

— Não estavas farto? — recriminou Gonçalo Meirelles

— Que remedio tinha eu!... Como chovesse muito e fizesse muito frio, levava além do meu sacco, um cobertor de pápa, ás listas vermelhas sobre fundo esverdeado. Já eu passára por gente da povoação, quando reparo que numa das pontas do cobertor estava cozida uma marca com o nome do dono da casa onde eu estivera acolhido; voltei logo a ponta do cobertor, segui curvado á chuva e ao peso de todos aquelles contratempos. Tive um ataque de desanimo, sob aquella chuva de derrota e aquelle frio que tanto podia ser de prisão como de exilio.

— É o frio horrivel da debandada! — exclamou Saturio Pires.

Cheguei muito cedo á estação; com o receio

de que reparassem em mim, em vez de ir esperar para dentro da estação, fiquei fóra á chuva, insultadora suprema.

— Tambem nos insultou a nós desde a Portella a Vinhaes, e de Cazares ao Gerez! — disse do lado Gonçalo Meirelles.

— A chuva quando cahe é para todos! — sentenciou o tenente Saturio.

— Pois a mim pareceu-me que cahia toda em cima das minhas costas! — queixou-se Antonio Graça. — Bem. Approximava-se a chegada do comboio, e eu fui comprar um bilhete de terceira classe. O bilheteiro e a gente que estava em volta olhava para mim. Já se faziam muitas prisões por suspeitas, consequencia da Incursão, e cada olhadela era um sobresalto. Eu imitava a voz de labrêgo, e escondia as mãos para não haver contraste com a minha emprestada condição de mendigo. Fui para outra povoação onde, depois de pernoitar numa dedicada casa, passei para uma cabana, habitada apenas por uma sympathica familia de caseiros d'uma vinha. Soube ahi que alguem me reconhecêra, ao apear-me do comboio.

— Quem? preguntou Saturio Pires.

— O creado que me emprestára o fato de mendigo e que, estando por acaso na estação, pela farpella me reconhecêra. O homem nem se me dirigíra, nem diria palavra a ninguem. Fiquei descançado, e dei-me com delicias á paz do meu refugio. A cabana era um casebre de pedra simples, trastejada por uma enxerga feita de palha na occasião, uma

bilha, um alguidar onde me lavava, uma meza e um banco de pinho. O meu amigo mandava-me quanto havia de bom para eu comer: magnifico presunto, magnificas fructas e magnifico vinho. O feitor só tinha o trabalho de me fazer o caldo.

O 5.° «grupo» do commando do tenente Rebello

— Porque não exportaste tu para nós esses mimos? Os venturosos não pensam nos famintos!... — censurou Gonçalo Meirelles.

Antonio Graça sorriu, para continuar:

— Não obstante a inhospitalidade da casa, tinham sido taes os sustos que eu passára, que já dizia para o feitor: « — *D'aqui é que eu não saio mais, emquanto houver revoluções. Estou aqui muito bem. D'aqui é que ninguem me arranca!*» E, de facto,

sentia-me num paraizo. De dia, permanecia com a porta fechada, quasi ás escuras, para que a gente que passava nos atalhos não desse por mim. Á noite, como uma coruja que tem medo da luz do dia, sahia a tomar ar, num pequeno jardim que lá havia. Depois, comia o caldo da ceia, com o caseiro e a mulher, e cavaqueava com elles. Presenti então a alma do nosso povo: falava-se, quasi sempre, da republica, da contra-revolução, dos conspiradores, das prisões, das buscas, de Paiva Couceiro, e da «Galliza». O caseiro, rapaz dos seus vinte e cinco annos, era um fanatico pelo Couceiro; o seu prazer era ouvir descrever a nossa vida da Galliza. A mulher, nova tambem, escutava com gosto; e não havia serão que não findasse por esta exclamação do caseiro: «*Ah! se eu não estivesse casado, tambem ia para lá!*» Depois davamos as santas noites, e deitava-me, sempre cedo.

— Pois bem tarde me deitei eu hontem, e vou já levantar-me! — atalhou o tenente Saturio Pires. É quasi meio-dia, tóca a vestir, *seu* Meirelles!

— Então, o resto fica para depois... — propôs Antonio Graça.

— Não, senhor, continua que a gente vae-se vestindo e ouvindo...

— Entretanto o mau tempo teimava —, continuou Antonio Graça. — De dia viam-se estrellas no tecto: os raios de luz que furavam o telhado. Á noite illuminavam-me os relampagos. Uma noite acordei com a chuva a alagar-me a enxerga, que tive de mudar para outro sitio; outra noite, seriam

as onze, os chocalhos dos varios rebanhos, que por ali ha, desataram a tilintar, signal de que as ovelhas tremiam. Os cães tinham um uivar sinistro. Chovia desesperadamente: de vez em quando, os aguaceiros eram partidos por um relampago. No outro dia, preguntei ao caseiro o que fôra aquillo. «*Foi lobo que andou perto!*», ensinou-me o feitor. Apezar de tudo, eu sentia-me bem. Durante o dia, ou me deitava ou me entretinha a limpar as pistolas, pensando no serviço que podiam ter feito ou podiam vir a fazer; ou, então, não tendo que lêr, punha-me a escrever. Julgava-me plenamente seguro, e estava muito satisfeito, quando ao quinto dia de cabana fui avisado de que já andava por alli um espião e que era preciso sahir. Chamaram-se contrabandistas que responderam: — «*E' impossivel passá-lo para Hespanha! Depois da entrada do capitão Lobo, a fronteira por aqui está toda guardada por tropa, cavallaria e metralhadoras, e nem nós sósinhos nos atrevemos a passar, quanto mais na companhia do senhor! Temos muita pêna, mas creia que é impossivel!...*» Ali não podia ficar, para Hespanha não podia passar, resolvi ir á aventura. Para onde?...

— Para a mêsa do almoço, e já! — declamou Saturio Pires. — Agora é que é certo, o resto fica para logo.

— Eu estava a contar por contar...

— Não senhor. A tua aventura é interessantissima, e reclama-se a continuação.

— Ainda leva uma boa hora a contar o que falta — avisou Antonio Graça.

— Não tem duvida! Eu *gramei...*, mas vamos indo para a mêsa que estou a cahir de fraqueza — (*Declarou o tenente Saturio. E encaminhando-se para a porta*): Mas deixa-me só contar-te isto que ia a contar. Eu *gramei* o Manuel de Cabêdo...

Manuel de Cabêdo

— Está cá? preguntou Antonio Graça.

— Está. E' impagavel! Outro dia, uma gallega foi orar por elle á egreja de Mogueimes; elle acompanhou-a e, á sahida, dirigiu-se-lhe com aquelle bambolear tauromachico, e disse-lhe com o ar mais serio d'este mundo: — «*Ha tres coisas que o cavalleiro português...*» Pois, o Manuel de Cabêdo aturei-o eu quatro dias seguidos a contar coisas. Contou tudo quanto sabia, vira, ouvira d'este mundo e do outro. Ao quarto dia, o Manuel de Cabêdo estava sentado na beira da cama, a bambolear as pernas muito magras, a olhar para o chão, pensativo, muito triste de ter exgotado o repertorio e já não ter mais nada para contar e me distrahir, como elle julgava que era sua obrigação. De repente, ergue a cabeça, e com a face illuminada, evoca-me:

— «O' meu tenente!...»

— «Que é lá?»

— «Eu tambem sei cantar de gallo!»

VI

Uma visita á Trafaria

Acabado o almoço, a chuva aquietára. O tenente Saturio Pires, então propôs:

— Grande Graça! vamos sentar aqui para o terreiro da nossa vivenda, e ouvir mais um bocadinho da vida de João de Calais.

Antonio Graça acquiesceu, e, com a placida indifferença de quem conta moedas de cobre, continuou a contar o romance da sua fuga:

— Não sabendo para onde ir, disse commigo: «*Bem, vou a Lisboa!*» Arranjei um fato decente, *tirei a mascara*, isto é, fiz a barba, e sem sequer vestir o sobretudo, nem encolher o pescoço na gola d'um casaco, atravessei a povoação á tardinha, ás escáncaras, já sem me importar, com a intima convicção de que ia ser prêso. Ia á aventura, já disposto a tudo. Mandei adeante o caseiro comprar-me

*

o bilhete, d'esta vez de 1.ª classe, para eu não estar muito tempo na estação. Ora sempre que sentia qualquer allusão á republica ou monarchia, pensava logo que era commigo. Deu-se o caso que quando eu ia para a estação, passou na estrada o carro do correio; de dentro, meia-duzia de rapazes que conduziam o carrinholo gritaram: « *Viva a Republica! viva o Affonso Costa!*»

— Viva a Monarchia! — oppôs Gonçalo Meirelles.

Antonio Graça proseguiu, na sua voz velada, sem um gesto, sobrio e grave:

— Tive um momento de atrapalhação, julgando que era commigo; mas o carro passou, e eu continuei mais descançado. Perto da estação, encontrei o caseiro que me entregou o bilhete; dei-lhe um abraço pelos seus discretos serviços, e, como nessa occasião, o comboio assomava á curva, corri e metti-me numa carruagem de primeira classe.

— Se apresentasses o teu bilhete de identidade de *paivante* davam-te a reducção dos 50 %; mais ias até Lisboa, pela prenda! — affirmou Antonio Meirelles (um rapaz alto, morêno, bigode cortado á militar, bastante vestido á lavrador, curto de vista e falas bruscas e energicas) que tambem se fôra sentar na guarda do terreiro, a ouvir.

— Escolhi a primeira classe, por a julgar menos accessivel á carbonaria que viaja mais em segunda como boa classe média. Qual não foi o meu espanto quando ao entrar na carruagem dei com um carbonario sentado a um canto, sua gravata preta d

pontas desvairadas, e a enxugar o suor da cachaceira num lenço ás riscas vermelhas e verdes. Deu-me a impressão de que não ia em serviço de policia, e devia voltar de qualquer commissão. Ás minhas boas-noites respondeu-me por entre dentes, com um olhar de féra. Fui sentar-me no outro extremo do compartimento. Noutra estação em que havia jornaes, comprei o *Seculo*, não para lêr: para fingir que lia. Queria apparentar paz de espirito, mas realmente não a tinha. (*E Antonio Graça empurrara as palavras, aos empuxões*). Durante a viagem, sem dizer uma palavra, ora fingia que lia, ora fingia que dormia... O que eu não queria era conversa... (*Nova pausa em que parecia caminhar cautelosamente pelas veredas da memoria fóra*). O tempo parecia-me muito longo... parecia-me que nunca mais chegaria a Lisboa. (*E com uma sombra de grande tristeza*): Numa das estações fingi que acordava. Era Abrantes!

— Tudo como d'antes? ou «tudo nosso?» — gracejou Saturio Pires.

— Tudo na Extremadura. Entrou no meu compartimento um homem regular, grisalho, cheio, bigode d'alta patente... já em alto grau na escala da vida, e com aspecto militar. Dirigiu-se a outro passageiro, que já vinha d'outra estação, e que era um typo fino, sem aspecto carbonario, e disse-lhe: «*Você não me conhece? Sou o coronel Saturio Pires!*» Era o pae do tenente Saturio Pires...

— E tu falaste-lhe? Elle que disse? Preguntou por mim? Está bom? Disseste-lhe que eu morro por

o vêr? Não está muito acabado, não? Tu... tu... (*E o tenente Saturio Pires, sem conseguir enfiar o cigarro na boquilha, estacou sobre aquella avalanche de preguntas*).

— E o carbonario?! — quiz Antonio Graça que lhe dissessem, quasi offendido na delicadeza do seu sentimento.

Pelos olhos de cada um passou uma sombra, como que a propria imagem desfigurada pela idade, esvaída pela distancia. Era a saudade que entrára com elles, suffocando-os. Depois, tornou-se a ouvir a voz vagarosa de Antonio Graça:

— Sabe Deus a vontade que tive de lhe falar, de lhe dar noticias do filho, com quem eu havia pouco estivera. Mas a prudencia e o bicho carbonario ali ao canto, coseram-me a bocca. Meia palavra podia valer-me meia vida de Penitenciaria. Continuámos a viagem. Entrou o revisor, pediu os bilhetes. Ao mostrar-lhe o meu, olhei para o homem — era o mesmo revisor que me atirára com o bilhete ao chão quando eu viajava em 3.ª e vestido de mendigo.

— E agora? preguntou Antonio Meirelles?

— Agora... eu ia em 1.ª classe, vestido de passageiro de primeira, o que quasi cahiu ao chão foi o tronco do revisor, na vénia que me fez. Assim é este mundo de revisores!... A longa viagem, cada vez me parecia mais longa. Até que começaram de apparecer as luzes de Bemfica, as avenidas novas, Lisboa. Era meia-noite. Puz-me de pé, no corredor, á porta do vagon. Entrou-se no tunel, chegámos

emfim á estação do Rocio. Fui o primeiro a saltar do comboio, e a sumir-se sem olhar para traz. Atravessei o Rocio. Sahia gente dos theatros. Os cafés ainda estavam abertos. Dirigi-me ao *Hotel Suisso,* onde fiquei só esse resto de noite, e ás cinco horas da manhã, segui para casa d'uns amigos, aproveitando o favor d'essa hora a que a cidade é menos concorrida. Á porta da rua, d'essa casa a que fui bater, estava postada guarda republicana: portanto, muito seguro. Entrei sem objecções da sentinella, que naturalmente me tomou por pessoa de casa, e, uma vez dentro, notei que tudo estava mudado, que havia menos gente e mais tristeza. Appareceu-me logo uma das pessoas, com quem desejava falar, expuz-lhe a minha situação, e presentindo que o de que eu precisava era homiziar-me, offereceu-me a casa, da melhor vontade. Ahi tive livros, tive ar, tive o panorama facil de Lisboa, tive conversa culta, e tive uma mesa a que já não estava acostumado.

— E não saías? preguntou Gonçalo Meirelles.

— Ás noites, ahi pelas sete, para ir até casa d'outro amigo, d'onde voltava á meia noite.

— E andavas pela rua? — insistiu Antonio Meirelles.

— Não, havia de andar pelos telhados! — retorquiu Gonçalo.

— E a sentinella? — pormenorisou o tenente Saturio.

— A sentinella já me suppunha de casa, e não fazia reparo em mim. É curioso! (*sorriu Antonio Graça, cortando ainda mais com os dentes as palavras,*

já de uso nelle com um travo ilhéo). Dos soldados da Guarda Republicana que faziam ali serviço, alguns falavam com o porteiro da casa: uns eram enthusiastas por Paiva Couceiro; outros pediam simplesmente a cabeça do commandante. Um chegou a dizer que, se o apanhasse, até ia a dente.

— Isso era fome! gracejou Saturio Pires.

— A principio, os meus passeios de dia eram raros. Mas, depois, a pouco e pouco, fui-me afoitando, e de vez em quando já entrava nos cafés.

— O Graça! — preguntou o tenente Saturio. — Que impressão dá hoje um café da Baixa?

— As conversas dominantes, naquella epocha, escusado será dizer que eram o Couceiro e os conspiradores, que indignavam os homens das gravatas pretas.

— Nunca foste seguido? — inquietava-se Antonio Meirelles.

— Uma vez! Eu sahira com o dono da casa para um passeio solitario pelo Aterro. Á volta, não olhando á imprudencia, entrámos num café do Conde Barão, para tomar qualquer coisa. Falavamos d'assumptos da Madeira; a sacharina, o vinho, etc., quando entrou um individuo, com aspecto de carbonario, e se sentou atraz de nós. Fingindo lêr um jornal, parecia escutar o que diziamos. Foi o sufficiente para abalar a minha paz de espirito. Um minuto depois saíamos, subimos a Rua das Gaivotas, e metêmos á Calçada do Combro. Despedimo-nos, dirigindo-me eu a casa do amigo onde costumava passar as noites. Já nem pensava no homem que

fingia lêr o jornal, por traz de mim, no café do Conde Barão, quando na Praça de Luiz de Camões dou de cara com elle.

— Seguira-te? — quiz saber, com anciedade, Antonio Meirelles.

— Seguira-me. Apressei o passo, fingi que descia a Rua do Alecrim, mas tomei pelo Largo das Duas Igrejas. O homem perdeu-me completamente de vista. Continuei o meu caminho, e meia hora depois estava a bater á porta do meu amigo, donde, sobre um pedaço de noite bem passado, regressei a casa. Um mez ou cinco semanas decorreram assim. Ora um dia aquella paz foi subitamente perturbada á voz de: « *Tem de sahir immediatamente d'aqui!* »

Antonio Meirelles

— Porque? — preguntou, com azedume de leitor mal informado, Gonçalo Meirelles.

— Restaura primeiro a Monarchia, e depois eu te explico esta obscura passagem. Por hoje, contenta-te em saber que foi um dos lances mais arriscados em que me vi. Sahi a tempo, e, por uma verdadeira serie de scenas de theatro, ainda escapei d'aquella. Tive de procurar outro refugio. E durante o tempo que estive nessa outra casa...

— Isso continua a passar-se em Lisboa? — perguntou o tenente Saturio.

—Sempre em Lisboa. E durante o tempo que estive refugiado nessa casa, justamente porque o perigo começava a apertar, mais me apetecia girar. Fugia de encontrar gente conhecida, mas, sahindo, havia fatalmente de encontrar caras conhecidas, rapazes, antigos companheiros. Uma das vezes, á sahida d'um café, passou um electrico, felizmente com grande velocidade, e um rapaz debruçou-se, e fitou-me, parecendo reconhecer-me. Era o João Camacho, filho do coronel Camacho. Fiz de conta que o não conhecia, abençoando d'essa feita os electricos, a Companhia, as novas avenidas, e a vida cara de Lisboa, que obriga a morar longe. Foi um aviso para me meter em casa.

— Não tornaste a pôr o nariz de fóra? — avançou Gonçalo Meirelles.

— Tornei, sim, senhor. Mas nesse dia vi que não estava em sorte, e meti-me em casa. Ora durante todo o tempo que estive em Lisboa, o meu pensamento constante, de todos os dias, foi escapar-me outra vez para Hespanha. Propuzeram-me a fronteira de Villar Formoso ou a de Badajoz, affirmando-me que era a viagem por terra a que offerecia mais facilidades.

— Pagem! — reclamou o tenente Saturio.

Como d'um alçapão, compareceu o «Pagem», a oscillar a cabeça, ás vénias que o tornavam uma especie de boneco de porcellana:

— Meu tenente!

— Vae lá dentro buscar o tabaco. (*E voltando-se para Antonio Graça*). Avance!

Antonio Graça continuou:

— Eu, que já estava farto de viagens por caminho de ferro, só sympathisava com a sahida por mar. Mas quasi todas as agencias de navegação exigiam passaporte...

O «Pagem», voltando com o tabaco, interrompêra novamente a narração. Saturio Pires despediu-o com um acêno, e Antonio Graça encarreirou:

— Quasi todas as agencias exigiam passaporte. Por fim lá descobri uma empreza que o não pedia: a Companhia Hamburgueza. E dispuz-me a tentar mais uma vez a minha sahida, no vapor *Cap Órtegal*, que partia d'ahi a oito dias. Nesses oito dias...

— Ó Graça espera ahi, que não sei o que fiz á minha boquilha... Vou ali ao quarto buscar outra — atalhou o tenente Saturio.

— Pois, sim, eu espero.

Saturio Pires saiu, e Gonçalo Meirelles notou:

— Nunca vi ninguem mais esquecido!

— Prompto! — avisou o tenente Saturio, reapparecendo.

— Nesses oito dias —, continuou A. Graça —, tinha ainda muita coisa a fazer, alguns passos arriscados a dar, principalmente visitar os presos amigos ao presidio da Trafaria. Era preciso lá ir.

— Era preciso ser doido! — sentenciou Gonçalo Meirelles.

— Aproveitei a companhia de uma senhora que lá ia frequentes vezes e que se offereceu para

me acompanhar. Combinou-se que nessa visita, eu passaria por sobrinho d'ella. E dito e feito: uma bella manhã, dirigimo-nos ao Terreiro do Paço. Não havia vapor. Fomos para Alcantara, onde arranjámos um barco á vela que nos levou á Outra Banda. Passámos á Torre de Belem, approximámo-nos da muralha amarella da Trafaria onde o Tejo bate.

O tenente Saturio Pires preveniu:

— Agora não se querem interrupções!...

— Tu é que estás sempre a interromper! — recriminou Gonçalo Meirelles.

— Pschiu!... — sibilou Antonio Meirelles, para o primo.

Antonio Graça seguiu a narrativa, no mesmo metal de voz, abafado, as letras cortadas pelos dentes, sem enthusiasmo, discreto, receoso, escrupuloso:

— Entramos uma porta grande e gradeada, guardada por uma sentinella d'artilharia, e achámo-nos numa especie de parada. Ao longo d'uma das parêdes, transpuzemos a parada, e vimo-nos num portico para onde dão differentes portas. É ahi nesse portico que se faz a inspecção dos visitantes, que não podem levar papeis nem talheres, nada que represente communicação secreta, ou sirva para attentar contra a vida do prêso ou dos carcereiros. Todos os visitantes abriram as suas malas de mão, que apenas continham dôces e mimos para os prêsos, e até comida, pois a comida da Trafaria não prestava para nada. A mim revistaram-me, e sentindo-me num dos bolsos do collête um canivete, tiraram-m'o, restituindo-o á sahida. Após esta solemne devassa,

o carcereiro puxou d'um mólho de chaves, e abriu uma grade de ferro que franqueia um corredor, ao fundo do qual se encontra outra grade de ferro e outro empregado do presidio. Essa porta serve um segundo corredor, escuro, e humido como toda a Trafaria. Para est'outro corredor deitam as portas das cellas dos prisioneiros. As portas das cellas teem uma portinhóla por onde os prêsos enfiam a cabeça, ao sentir o ferrolhar dos portões.

Antonio Graça passou a mão pela fronte, suada de horror, e, sobre uma pausa d'angustia, continuou:

— Nunca mais se me apága, mil annos que eu viva, essa visão horrivel dos prêsos estendendo os pescoços até os postigos lhe baterem no peito, na anciedade de ver, se entre os visitantes, vae alguma pessoa de familia, a meia-lua da portinhóla sobre a nuca como a lamina da guilhotina, os olhares, avidos de luz e de carinho, dos encarcerados!...

E Antonio Graça, comprimindo os olhos, a afugentar a visão obsediante, repetiu:

— É horrivel! é horrivel!... (*E continuou*): Esses presos não eram nenhuns dos que iamos visitar. E foi outra visão ainda mais horrivel a decepção d'aquellas pupillas, vendo passar um pouco de affago para os outros. Sobre esta primeira fila de cellas ha uma segunda ordem de cellas com uma galeria a todo o correr, galeria a que dá accesso uma escada ao fundo do piso d'este corredor. Transpuzemos, pois, esse becco infernal, subimos o escadós que, ao fundo, conduz á galeria que serve o segundo andar de cellas, e onde se nos deparou o mesmo angustioso as-

pecto dos presos espreitando, anciosos, pelas portinholas. O primeiro que eu vi, e logo conheci, foi o Motta Cardoso, mais tarde affiançado, e hoje no Brasil.

— Aquelle rapaz que foi preso na Avenida da Liberdade, pela intervenção do policia amador do republicano Padua? — preguntou o tenente Saturio.

— Exactamente! (*confirmou A. Graça. E retomando a descripção da visita á Trafaria*): Cada preso gritava da sua cella pelo carcereiro, para que lhe abrisse a porta. Era uma gritaria anciosa, que augmentava aquella angustia. Por fim, lá appareceu o carcereiro e as portas deixaram passar os braços trémulos d'aquelles homens. Foi uma explosão d'alegria, essa nervosa e amarga alegria das más horas.

— Quem viste lá mais? interessou-se commovidamente Antonio Meirelles.

— O dr. Carlos Garcia, doentissimo, a arruinar uns restos de saude naquella humidade da Trafaria, o dr. Luiz Telles de Vasconcellos, o Camillo Castello Branco, e aquelle bom do Padre Theodoro, a quem eu dera umas cartas e uns manifestos em Mondariz, e que foi preso por causa d'isso. Não me restam remorsos, porque não tive culpa.

Dr. Camillo Castello Branco

E Antonio Graça explicou:

— O Padre Theodoro fôra a Mondariz, fazer a sua cura de diabético. Ao partir para a Madeira, eu dei-lhe umas cartas contendo

uns manifestos, mas já tudo estampilhado, até com sellos ingleses, tudo prompto para elle deitar na caixa de bordo. E foi o mais que lhe recomendei: *Olhe lá, Padre Theodoro! logo que chegue a bordo mêta isso na caixa do correio.*» Elle, em vez de fazer isso, guardou as cartas no camarote. Ora os carbonários, tendo-o visto fallar em Vigo com conspiradores, avisaram telegraphicamente para Lisboa. Durante a viagem, parece que Padre Theodoro tambem deu á lingua, e ao chegar a Lisboa a primeira visita que recebeu a bordo, foi a policia. Revistadas as malas, deram-lhe com a correspondencia que eu lhe entregára em Mondariz. E lá estava ainda na Trafaria, quando eu visitei o presidio.

— Que foi feito d'elle? — interessou-se Gonçalo Meirelles.

— Coitado! Está no cemitério! Diabético, quasi tysico, tres mezes de humidade e de má vida na Trafaria, acabaram-o. Morreu mais tarde na Madeira. Uma victima da Republica!...

— Ó Graça! e que impressão tiveram os presos quando te viram lá? — interpellou Saturio Pires.

— Ficaram attonitos! Mas não se occuparam muito de mim. O que elles queriam era noticias da Galliza, preguntando todos ao mesmo tempo: «*E o Couceiro? Quando vem o Couceiro? Onde pára o capitão Phantasma?*» Estavam todos enthusiasmados. O Camillo Castello Branco parecia uma féra!

— E de saude, como os achaste? — preoccupou-se Antonio Meirelles, sempre enternecido.

— Aspecto macilento! (*resumiu A. Graça*). — Se

te parece! Como elles viviam lá muito bem! Olha, eu entrei na cella do Camillo, e na do Motta Cardoso que partilhava a mesma cella com o Luiz Telles de Vasconcellos. Estive lá um boccado: faltou-me o ar, parecia que havia uma bomba aspirante que nos sugava a vida. As cellas eram humidas e pequenas, sem janella. Não viam os raios do sol que não cabiam pela fresta da cella, rasgada no alto da parede exterior. A mobilia era: duas camas de ferro, muito pequenas, e uma pequena meza onde tinham as suas coisas. As visitas tinham de ficar em cima das camas. Não havia espaço no chão.

Antonio Meirelles passeava o terreiro que todo era pouco para elle, de nervoso e irritado.

— Passei ali duas horas com os prêsos — (*contava agora A. Graça*) —, e mais estaria se não soasse o aviso da sahida para as visitas. Nessa occasião, os prêsos tiveram a permissão de passear uma hora no corredor, para se desentorpecer. O frio era de rachar. Despedimo-nos com muita saudade, elles muito tristes de não poderem ser meus companheiros na viagem que eu ia fazer d'ali a dois dias. Nesses dois dias que me restavam de Lisboa, queria ainda ir a casa do nosso capitão Remedios da Fonseca e do nosso tenente Saturio, dar noticias d'elles ás esposas, e saber se queriam alguma coisa para elles. Para ir a casa do capitão Remedios, que morava na rua de S. João da Matta, lá para S.to Amaro, tomei um «electrico» com o amigo que me acompanhava. Sentámo-nos em dois logares contiguos. Na paragem seguinte, entraram

dois rapazes conhecidos que se sentaram atraz de mim.

— Falaste-lhes? — inquiriu Gonçalo Meirelles.

— 'Tás doido! — repelliu A. Graça — Quando eu menos esperava, ouço: «*Ó Graça!*» Fiquei afflicto da minha vida, mas tive o sangue frio necessario para nem me virar para traz. O outro chamou por sua vez: «*Ó Gagliardini!*» o meu segundo nome. E eu, moita, carrasco! Elles olhavam, tornavam a olhar-me mas eu já tinha a barba meia-crescida, e elles não tinham a certeza se era senão era eu. E sahiram primeiro que eu, suppondo ter-se enganado. Salvára-me a minha barba. Adeante apeámo-nos, o meu amigo e eu, e fômos a casa do capitão Remedios da Fonseca. A senhora ficou muito admirada, e muito satisfeita de ter noticias verbaes do marido, a cuja companhia eu pertencia.

— Afinal, á minha casa não chegaste a ir? — confirmou-se Saturio Pires.

— Não fui, porque a esposa do capitão Remedios me avisou de que a tua casa estava constantemente vigiada. Quiz aproveitar o resto da tarde, em ir comprar a passagem. Era a ante-vespera da partida. Mas receando que a agencia mandasse para a policia a lista dos passageiros, achei antecedencia de mais, e guardei para o dia seguinte. Essa ida á Baixa, a hora do dia, pela rua Augusta e rua d'El-Rei, foi mais uma inquietação. Quanto menos tempo faltava para o termo daquelles riscos, com mais receio andava de, ao cabo de tanto tormento, ser apanhado. Felizmente, não houve novidade e pude vol-

tar para casa em liberdade, gozar a paz desse ultimo serão entre phisionomias amaveis e dedicadas. No outro dia de manhã — era domingo, um domingo transido de novembro —, pelas onze, sahi acompanhado por uma senhora da casa, e por uma creada que me levâva um pequeno embrulho em papel de jornal: toda a minha bagagem. Até ao caes do Sodré, — onde eu mais temia encontros carbonarios —, fomos juntos. Ahi separámo-nos, a senhora foi sosinha para bordo, e eu sosinho fui, fingindo não nos conhecermos. A demora do vapor prolongou o meu receio de topar com carbonarios. Por fim, veiu o vaporsito, eu desci á camara para me furtar a encontros, mas ainda ahi se me proporcionou um susto: o empregado da policia de emigração clandestina que felizmente se não meteu commigo.

Dr. Luiz Telles de Vasconcellos

— Achou-te cara de carbonario! — affirmou Gonçalo Meirelles.

— Ao chegar a bordo, escusado será dizer que a primeira coisa que fiz foi mostrar o meu bilhete de passageiro, preguntar o numero do camarote, e encafuar-me lá para baixo, até á partida do vapor. A senhora, que teve a delicada dedicação de me acompanhar, passou-me a correspondencia compro-

mettedora, de que até ahi fôra portadora, e eu escondia-a logo: meia hora depois, ouvia-se o signal da sahida dos visitantes. Fiquei só. Quando presenti que as visitas desciam a escada para o rebocador, e que a helice começava a dar as primeiras voltas, sahi á pressa do camarote, subi á coberta. O vapor arfava, Tejo abaixo. Saiu de mim o ultimo pesadêlo. Quedei-me a olhar Lisboa, sentindo o prazer de me ver livre daquellas inquietações, sentindo a alegria de me apanhar emfim em assegurada liberdade, mas começando já a sentir a nostalgia. Feliz porque vinha embora, triste por não ficar. A eterna collisão da alma humana! Passamos as areias do Estoril, o azul de Cascaes, os esfumados arvoredos de Cintra, acenderam-se os pharóes das Berlengas que a distancia apagou, e não vi mais luzes de Portugal! Chegado a Vigo, parti no mesmo dia para Orense, onde encontrei o capitão Remedios, a quem dei noticias da familia, e de lá para o Telheiro, a apresentar-me ao commandante. Havia muito que eu não via o Couceiro. Foi uma grande hora para mim, aquella! Por ordem delle, segui para Verin, a apresentar-me ao capitão Azevedo Lobo que, ao ver-me entrar pelo hotel dentro, esqueceu as cartas do *bridge*, para exclamar! — «*Então você por aqui?! Eu fazia-o na Penitenciaria!...*» Passei um mez em Verin, até que, agora, o capitão Lobo, sendo chamado para uma missão, me mandou unir ao 6.° grupo. Cá estou.

Vendo que findára a narrativa, Antonio Meirelles preguntou:

*

— Ó Graça! de tudo quanto passaste, o que foi que mais te custou?

— A visita á Trafaria. Nunca me desejei tanto em Hespanha como nesse dia. Senti então o dever moral de vir juntar-me a vocês, e trabalhar para a libertação dos presos. Já não é só a restauração, são as vidas que lá estão entre aquelles ferros!...

Cahia a noite.

Antonio Meirelles, com um confranger de mysticismo, abraçou-se no companheiro, e só pôde dizer:

— Tens razão! Havemos de os tirar de lá!...

VII

Paiva Couceiro percorre os postos

A oito dum fevereiro mais inclemente que aquelle chuvoso janeiro de 1912, a ordenança que voltava com a correspondencia de Ginzo de Limia, chamou de parte o tenente Saturio Pires, para o informar, no mais consideravel mysterio:

— Meu tenente! O sr. tenente Figueira manda communicar a vos'soria que já chegou o nosso commandante, e que amanhã deve vir visitar os postos.

Ao outro dia, a casa do commando do posto de Mogueimes ergueu-se com o luzir do buraco. Mas a manhã passou, chegou a tarde, e o commandante não apparecia. Nisto, o grande sargento Mendes, o enorme sargento Mendes errompeu:

— O nosso tenente? O nosso tenente...?

— Ó Mendes, você traz uns calções catitissimos!... — notou Barros Lima.

Sargento Manuel Mendes do Amaral
promovido por distincção, nos combates de Vinhaes e Cazares, a 1.° sargento

— São á Chantilly, para *emittir* o nosso tenente.

— *E, canceiroso, o pittoresco Mendes inplorou.* — Mas, ó sr. Barros Lima, onde está o nosso tenente Saturio? Trago um aviso urgente.

— Está lá dentro a combinar a recepção com a D. Rosa.

O vasto sargento Mendes, em meia passada, transpoz o espaço da casa de entrada ao quarto de Saturio Pires, e, fazendo a continencia, desfechou, verboso, a prevenção:

— Meu tenente! Passou hontem á tarde, nos *Baños,* o automovel com o nosso commandante, que seguiu na direcção de S. Payo. Ia com o sr. chefe de Estado maior, e o Faustino, e mais outros sujeitos.

— E você...

— Calculei que o nosso commandante viesse cá ao pelotão, por isso vim para cima.

— Mas você...

— Quem guiava o automovel era o sr. Cabrella.

— Páre lá, homem!

O sargento Mendes estacou na sua vertigem de informações, acrescentando ainda estas palavras como o raspar surdo de viatura que, depois de travada, róda mais dois ou tres metros:

— Lá está o meu tenente a implicar commigo, lá está o meu tenente!...

O tenente Saturio Pires só então pôde perguntar:

— Você tem a certeza que viu o nosso commandante? Você conhece-o?

— Lá está o meu tenente, lá está!... Então não hei-de conhecer o meu «compadre?» [1]

— Ó Padre Azevedo! este Mendes é um cabeça de vento. O Padre Azevedo viu passar o nosso commandante?

— Passou, sim, tenente. Seriam para ahi... umas 6 da tarde.

— Mas eu esperava-o pela estrada, vindo de Ginzo. E o aviso que tenho. O Quartel General mandou-me dizer que vinha elle com o Mario Pessoa, e a sua burra-brava...

— Pois passou em automovel... —, insistiu o sargento Mendes.

— Bem, estou sciente. Por emquanto não chegou cá. Elle virá.

O resto da tarde deu com o acantonamento de Mogueimes muito triste: Couceiro naturalmenre fôra só a S. Payo, voltando de automovel sem ir aos postos; mas ao cair do dia, appareceu, a correr, um homem portador duma mala de mão e deste recado do tenente Julio Ornellas de Vasconcellos:

«*Vamos almoçar á Parada, com o Mangualde. Commandante diz que mandes prevenir o Cabrella, a Baños, para que esteja com o automovel na estrada, na altura do Poldrado*».

— Mas isto não póde ser! (*exclamou o tenente Saturio. E voltando-se para o sargento*): Ó Mendes!

---

[1] Tratamento que as praças dão aos officiaes do seu tempo em Africa.

Vá você ao encontro do nosso commandante, que vem ahi a caminho de Parada de Ventosa, e avise-o de que não póde passar no «Poldrado» senão com agua pela cintura.

— Q'áes pela cintura, meu tenente! pelos *gargomilos!* — *corrigiu o sargento* — O Limia trasbordou e cobriu a ponte que é um diluvio!...

— Chêgue, chêgue lá avisar.

O enorme, o infinito Mendes em quatro pernadas saltou para a estrada, gritando de lá:

Barros Lima

— Raio de tempo! Daqui a pouco estou afogado como a ponte do «Poldrado». Raio de terra que não dá senão agua!... Raio de...

Não se ouviu o resto: o sargento Mendes devia ter devorado o rio dum passo, de margem a margem, tragado os socalcos, posto leguas entre elle e Mogueimes.

Á noitinha uma ordenança de Cados communicava ao tenente de Mogueimes:

— O sargento Mendes manda dizer a vos'soria que o nosso commandante vem já ahi a caminho, e que o meu tenente conte com seis pessoas p'r'á alojar.

— Barros Lima! — *commandou o tenente Saturio*

Pires — Você fica encarregado de arranjar viveres para o nosso commandante e mais cinco companheiros.

— Seis bicos?! assim de repente!

— Seis — confirmou Saturio Pires.

— E seis bicos de consideração!

— Não sei, arranje-se, sr. Barros Lima.

— Bem, bem, cá hei-de arranjar-me.

E correu para a cosinha, emquanto Saturio Pires chamava:

— Menino Graça! Camas para seis pessoas.

— Seis pessoas?! Só se arranjar alguma em casa da *Chinquêlha!*

— Governa-te lá como podéres — (*E gritando para a porta da entrada*). Saldanha da Motta! Adrianinho! toca a reunir a baixella: *Sévres, Limóges,* o que houver de melhor em Mogueimes.

— Tomára a gente tijélas de barro que chêguem! — difficultou o Adrianinho.

— Não faz mal! vou a casa do medico que tem boas loiças! elle a mim empresta-me — promptificou-se Saldanha da Motta, ufano das suas boas relações com o diplomado irmão de D. Rosa.

Póstos os ajudantes em movimento, o tenente Saturio Pires parlamentou, então, com a dona da casa:

— D. Rosa! É preciso pôr roupa lavada na cama de D. Gonçalo. Vem ahi uma visita.

— *Lo que usted mande!* — disse a boa senhora, muito amavel.

— Ia já a dirigir-se á arca, quando o tenente a chamou outra vez:

— Ouça D. Rosa! a senhora é uma pessoa de confiança e, sob toda a reserva, eu a si digo-lhe: sabe quem vem ahi?

— *Pues... un amigo!*

— Mas sabe quem é esse amigo? É o Paiva Couceiro.

D. Rosa não queria acreditar, respondendo com o seu habitual:

— *Ai Jésus que truan!*

— Dou-lhe a minha palavra! (*confirmou Saturio Pires*) É o commandante Paiva Couceiro que anda a visitar os postos.

Então D. Rosa empallideceu, fez um largo signal da cruz, exclamou:

— *Ese señor en mi casa!* (*e partiu, a desvendar os melhores linhos; apertando contra os seios a sua confusa emoção, repetia pela casa adeante:*

— *Ai Dios mio! Ese señor en mi casa! Ese señor...*

Por toda a casa se communicára o mesmo alvorôço que alterára a paz arterial de D. Rosa: faziam-se camas, esfolavam-se cabritos, transportavam-se loiças, varria-se, escafunava-se, cantava-se.

O mesmo alvorotar e a mesma impaciencia de Mogueimes ia pelos outros acantonamentos. A todo o momento entravam ordenanças dos postos visinhos, com bilhetes dos commandantes, a preguntar: *«O nosso commandante?» «Então o Couceiro vem ou não vem?» «Já passou o Couceiro?»*

O tenente Saturio Pires respondia justamente ao ultimo portador, quando D. Rosa o chamou, toda trémula, para lhe mostrar a cama preparada para o

capitão Paiva Couceiro: lençóes da larga barra bordada, frônhas marcadas com ambiciosas iniciaes, morênos linhos nupciaes cheirando recatadamente a arca.

— Nem parece já a cama do Gonçalo Meirelles! — (*considerou Saturio Pires.*) — Está muito bem, D. Rosa, muito bem!

— *Asi tan subitamente!...* — (*desculpou-se D. Rosa*) *Si usted hubiera advertido...*

E foi para a cosinha ainda por conformar com aquella surpreza que a lisongeava: — *Ese señor en mi casa!...*

Tinham terminado os preparativos de recepção e expirado o dia. A noite adoçára o tempo medonho que fizera todo o dia. Amainára a chuva. Só de vez em quando cahiam uns pingos d'agoa.

Um grupo de homens apresentou-se ao tenente Saturio:

— O meu tenente dá licença? — disse o soldado Magalhães.

— Que temos?

— Talvez fosse bom irmos guardar o caminho por onde vem o nosso commandante. E se o meu tenente quizer, estou eu aqui, e mais o Julio, e o Alvaro contra-mestre, o Zé Dias, da *Municipal,* e os dois Moreira Lopes.

— Elle não é muito preciso mas, se querem, vão.

— Eu bem sei que o nosso commandante tem lá uma pistola que mata um homem em tres tempos! — declarou do lado o soldado Zé Dias, repetindo a lenda da pistola com feitiço, distribuida pela imaginação popular ao Capitão Phantasma.

Tenente Julio d'Ornellas e Vasconcellos
morto no combate de Chaves, em 8 de julho de 1912

— Sempre era bom... — insistiu o soldado Magalhães.

— Pois vão, vão —, permitiu o tenente.

Os homens sahiram muito contentes, e o «Pagem», muito compromettido, plantou-se na posição de sentido, em frente do tenente Saturio Pires.

— Que há?...

— O Sr. Barros Lima mandou-me aonde vós-soria...

— Ah! já nem me lembrava que te tinha chamado. Ora deixa cá ver: que diabo te queria eu?... Ah! vocemecê sabe que vem ahi o nosso commandante?

— Saberá vos'soria que sei.

— E sabe quem é o nosso commandante?

— É o grande capitão sr. Paiva Couceiro.

— Muito bem. Ora vocemecê, quando elle chegar, apresenta-se-lhe, e fica ás ordens d'elle.

— Saiba vos'soria que sim.

— Ouça! Não se esqueça das venias.

— Tres! — e com a cabeça o «Pagem» contou tres venias.

— Não, senhor! não são tres. Tres é para mim que sou tenente. Para o nosso commandante são quatro venias. Quatro! Entendeu?

— Saberá vos'soria que sim.

O «Pagem» voltou para a cosinha, e o tenente Saturio Pires, Antonio Graça e Adriano d'Almeida Lopes foram para a janella perscrutar a serra. Toda a luz que tremia ao longe era discutida pelos tres:

— Lá vem o Couceiro! — annunciava Adriano Lopes.

— Não é! É gente que vae para o Rañadoiro — desilludia Antonio Graça.

Outra luz:

— Agora é certo! Lá ao longe appareceu uma luz! — tornava a annunciar Adriano Lopes.

— Qual! é gente que vae para Moiños! — dizia o tenente Saturio Pires.

A luz passava, effectivamente, para a povoação de Moiños, a serra mergulhava na escuridão plêna, e as tres anciedades continuavam perscrutando os longos escuros e adustos do monte. Havia um momento em que estavam calados, cada um a voltas com a treva, quando Antonio Graça exclamou:

— Nem que fosse o Rei!...

Nisto, ao longe, na lombada da serra que descia para um regato de inverno, viram-se vacilar luzes:

— Agora é que é elle! — affirmou Adriano Lopes.

O tenente Saturio Pires e Antonio Graça firmaram-se bem, e reconhecendo as trémulas luzes dos lampeões usados pelos soldados nas diligencias de noite, assentiram:

— Agora, sim, senhor.

As luzes desceram o pendor, parecendo dirigir-se para casa; mas depois sumiram-se.

— Então, não é! — exclamou Antonio Graça, desapontado.

Mas já se ouviam vozes, e as luzes resahiram, então, duma quelha, á esquerda por onde tinham atalhado.

— Ahi está o commandante! ahi está o comman-

dante! — gritaram todos, correndo para o fundo da escada a recebêl-o.

Saldanha da Motta

— Quem está ahi? — preguntou a voz de Paiva Couceiro, não reconhecendo no escuro o vulto que lhe sahira á escada.

— Sou eu, meu commandante! — respondeu o tenente Saturio.

— Não o conhecia agora com essas barbas!

— Economias, commandante!

E sobre os abraços da chegada, subiram á casa da entrada.

No outro extremo dessa casa, a D. Rosa esperava, de pé, o hospede.

— O commandante dá licença que lhe apresente a dona da casa? É uma senhora um tanto acamponezada mas de boa familia — explicou, entre dentes, o tenente Saturio.

— Ora essa! — permitiu Paiva Couceiro.

Então, o tenente Saturio fez a apresentação, e D. Rosa, apertando muito a mão de Couceiro, declarou:

— Está na sua casa. Não me incommoda nada! Sou filha de carlistas. A minha terra tem visto muitas luctas. Ali nos Picos de Fonte Fria, onde

os senhores estiveram o anno passado, uma guerrilha carlista teve um combate com as forças do governo, vencendo os carlistas.

O commandante agradeceu, e Saturio Pires conduziu-o ao quarto que lhe era destinado. Paiva Couceiro desembaraçou-se do impermeável, e do chapéo castanho da 1.ª Incursão, desenrolou o *cachecol* que levava passado ao pescoço e atado nas costas, depois de cruzar o peito.

— O commandante ha-de desculpar: é uma noite que passa mal — disse Saturio Pires.

— Basta-me estar aqui entre vocês, para eu estar bem! — respondeu Paiva Couceiro, encaminhando-se para a sala alumiada a velas hespanholas, furadas pelo meio, e já sublevada pelas vozes do capitão Camacho e do tenente Vasconcellos.

Saturio Pires cumprimentou o capitão Camacho e o tenente Julio Ornellas de Vasconcellos, e dirigindo-se a um busto franzino, com uns cabellos e olhos de seraphim sobre umas pernas de abestruz, deu a salvação:

— Boas noites, Chico Pombal! (*E reparando no frak, na bota de polimento e no chapéo de côco com que Francisco Pombal jornadeava por aquellas quelhas innundadas*): Você vem muito janota!

D. Francisco Pombal retribuiu com um sorriso.

O tenente Vasconcellos, reparando nas ceremoniosas boas noites de Saturio para um homem baixo, barba hirsuta, d'oculos, athletico, que parecia ter descido dos Montes Herminios, de braço dado com Viriato, adeantou-se:

— Apósto que não adivinhas quem é?

— Eu... não —, confessou Saturio Pires.

Então o tenente Julio Ornellas de Vasconcellos arremessou um murro a cada guia do bigodão castanho, e annunciou:

— É o padre Julio de Ruivães!

— O padre Julio?! Viva o padre Julio!

— Viva o tenente Saturio! Deixe-me ferrar-lhe já um abraço! — correspondeu effusivo o mestre dos jogadores de pau d'Entre-Douro-e-Minho.

— Venham abraçar-se para ao pé do fogo, andem! convidou o capitão Camacho, com o sobretudo, alagado, por cima do dolman de kaki, com as carcellas pretas de infantaria.

Em torno do lume, a conversa rodou, espertada pelo calor amigo da lareira.

O cozinheiro quando viu entrar Paiva Couceiro, com o fato esverdeado de kaki inglez, as carcellas encarnadas de artilharia mordendo a gola com o botão amarello, a polaina curta sobre a bota ferrada, mirou-o com enlêvo, e, parando de mexer a sopa d'ovos, rememorou:

— Parece que estou a ver V. Ex.ª no forte Roçadas no Cunéne!...

— Quem és tu? — preguntou o commandante, sentando-se ao pé do fogo.

— Sou o Braz de Carvalho. Fui soldado das metralhadoras de Infantaria 12, na campanha dos Cuamatas; pertencia á companhia do sr. capitão Francellino Pimentel, um valente! Entrei em todos os combates. Cá está a medalha! (*E apontando para a*

ta preta e encarnada que nunca largara do peito).
Foi a nossa *Rainha* que m'a pôz ao peito.

— Muita d'esta gente é que nós cá precisavamos! considerou o capitão Camacho.

— Era V. Ex.ª — acrescentou o soldado Braz de Carvalho, continuando a dirigir-se a Paiva Couceiro — governador geral, quando foi passar revista á Columna que partia sobre a embála do cuamato grande.

— Lembro-me muito bem! confirmou Couceiro.

— Ora, Deus dê a V. Ex.ª muito boas noites! *cortou a voz do «Pagem», pondo-se deante de Paiva Couceiro, inclinado, a olhar os pés, para verificar a precisão da posição de sentido. E, balançando quatro vezes a cabeça, como um incensorio, ás quatro venias ajuntou):* — Apresenta-se a V. Ex.ª o «Pagem».

— Viva! — (*Correspondeu Couceiro muito grave. E para Saturio Pires*): — Mas quem é este «Pagem?»

— É o rapaz que eu pedi licença ao commandante para alistar e que veio atraz da gente na primeira Incursão, desde Vinhaes até Porqueirós, á procura do irmão.

— Já sei! — respondeu Couceiro. — E estendendo as mãos abertas para o lume, ficou-se, a cabeça á banda, a pupila desempregada, num dos seus longos mutismos.

— Então, Padre Julio! como se tem dado por S. Payo? — quiz saber o tenente Saturio.

— Ai, saiba Vossa Excellencia que muito bem!

— E nós vamos lá para dentro ou não?

— Ai, isso é que havemos de ir!

*

O Padre Julio de Ruivães
banido pela lei da Amnistia de 1914

— Bastam os afilhados do Padre Julio para nos pôr lá! — declarou o tenente Vasconcellos.

— Quantos afilhados tem? preguntou Saturio Pires.

— Monta a uns mil.

— E sabe o nome delles?

— Ai, sei, sim senhor: são todos Julios.

— É preciso correr os carbonarios lá do Minho! disse-lhe o tenente Saturio para o ouvir.

— Ai, perdoar-lhes até é peccado!...

Uma gargalhada estalou pela cozinha. Fóra ladraram os cães, anunciando novidade, e ouviu-se o bater de ferraduras nas lages da quadra.

— Oh! visitas a esta hora! — notou o tenente Vasconcellos.

Saturio Pires correu a ver o que era. A D. Rosa, cruzando com elle, chamou-o de parte para lhe dizer:

— *Sabe usted? D. Paiva és al hombre mais perfecto que jamás he visto!*

D. Eduardo de Céa y Varela de Luaces

E o Faustino, que tambem corrêra á escada, voltou á cozinha, a informar:

— É o nosso alferes Braz.

D'ahi a minutos, Alberto Braz entrou, saudado assim pelo tenente Vasconcellos:

— Parece que viestes a nado, raio!

Alberto Braz riu com um riso que desvendou duas gengivas desguarnecidas, e dando as boas-noites em globo, foi cumprimentar o commandante, e contar-lhe:

—Eu soube em Quintam de Bargéles, por uma ordenança, que o commandante estava em Mogueimes, e vim logo.

— Então vamos lá dentro conversar um bocado, que tenho que dizer-lhes.

—E acompanhado de Saturio Pires, Alberto Braz, e capitão Camacho, Paiva Couceiro deixou a lareira.

—É a boa sombra do Couceiro! —exclamou o tenente Julio Ornellas de Vasconcellos, apontando o Faustino que seguira o commandante, para ir pôr-se de guarda á porta do quarto onde Paiva Couceiro expoz aos officiaes o estado do movimento naquelle momento.

—Basta isso, para o Faustino ter de mim tudo quanto quizer! — (*declarou o Padre Julio; e fazendo menção de brandir o lódo*): Tambem quem beliscar o nosso comandante...

— Este Faustino é uma dedicação cega que o Couceiro ali tem, — continuou o tenente Vasconcellos. —Na primeira incursão, não passava por pé dum official que não lhe offerecesse um quadrado de chocolate, ou um bocado de pão, de que anda sempre munido para obrigar o comandante, pouco precavido comsigo, a alimentar-se. E diz a quem o quer ouvir que é «muito amigo dos snrs. officiaes por elles serem amigos do patrão.»

D'onde vem essa amisade do Faustino pelo *Coiceiro?* — preguntou D. Francisco Pombal chegando-se, todo transido, á lareira.

— Vem desde Africa, antes mesmo, historiou Ornellas de Vasconcellos. — O Faustino é filho de Ziboeira, ali de Torres Novas. Em 1904 ou 905 pertenceu á bateria do Couceiro, no grupo a cavallo, em Queluz, onde sentara praça. Eu estava, então, tambem nas baterias e lá pude apreciar as qualidades deste rapaz. Durante o tempo de serviço foi promovido a cabo. Assim que acabou o tempo, foi para a Guarda Municipal, p'ró esquadrão d'Alcantara. Quando em maio de 1907, o Couceiro foi nomeado governador geral d'Angola, o Faustino, que se lhe affeiçoara nas Baterias, acompanhou-o para Africa, passando ao exercito ultramarino. Durante os dois annos que o Couceiro esteve a governar Angola, o Faustino acompanhou-o sempre em todas as deslocações e serviços. Foi ferido ao pé do Couceiro numa refrega que tiveram no interior do Congo, no territorio dos Mussorongos, ao sul de Santo Antonio do Zaire.

— Enche-me as medidas! — exclamou o Padre Julio.

— Depois, findo o governo de Angola, o Faustino entrou para a policia de Lisboa, donde não hesitou em sahir para acompanhar o Couceiro para a Galliza. Na Galliza, como sabem, ver o Faustino é certo e sabido que o Couceiro está perto.

— Assim é que eu gosto dos rapazes. Pois tambem já sou amigo delle por elle ser tão amigo do

«patrão», — gritou o Padre Julio, empregando o termo militar.

O sargento Faustino
Dedicado impedido de Paiva Couceiro, morto no combate de Chaves em 8 de julho de 1912

— E não só tem qualidades moraes como tudo quanto é preciso a um bom soldado. É um cavalleiro muitissimo desembaraçado, e atirador de primeira! Tanto trabalha de serralheiro, como de carpinteiro ou do que fôr necessario. É homem para tudo. Mão de redea não quero que haja melhor. Numa viagem pelo districto de Benguella, meteu o carro-matto a quatro sóttas, duas parelhas de mulas, guiadas de cima, por pontes de madeira sem guardas que tinham uma largura proximamente egual ao espelho das ródas! Bastava um desvio de quatro dêdos para precipitar o carro no leito dos ribeiros. Pois, rapazes! o Faustino, levou o carro por caminhos de matto, e terreno pouco dado, com travessias difficeis, pelas pontes sem guardas como um cano de espingarda leva uma bala.

— Bravo! — (*exclamou o Padre Julio, enthusiasmado. E reparando em D. Francisco Pombal.* — Ó homem, o senhor morre ahi de frio! Quando Deus quer tem os pés molhados. Tire já essas botas.

— Muito obrigado, sr. Padre Julio, muito obrigado!

— Tire as botas, homem! — *e, pondo-lhe a mão no estomago, sentou-o na cadeira, agarrou-lhe nas pernas, tirou-lhe as botas, que mostrou nas pontas dos dêdos:*) E não quer este alma do diabo, senhor me perdoe! ter os pés alagados. Isto são botas de cotovia!

A cosinheira ria de vêr Francisco Pombal espernear, e das suas «botas de cotovia», quando o «Pagem» passou para ir annunciar:

— Meu commandante! saiba V. Ex.ª que está servida a ceia!

Levantaram-se todos, e Saturio Pires consultou Paiva Couceiro.

— Ó Commandante! á minha mesa costumam ficar os rapazes. Não sei se o commandante quererá...

— Ora essa! chame lá os rapazes. Faço até muito gosto eu cear com elles todos.

— Não estão cá todos, o Gonçalo e o Antonio Meirelles foram a Tuy. Estão ahi só o Antonio Graça, o Saldanha da Motta, ajudante do capitão Remedios, e o Barros Lima, soldado do meu pelotão.

E foram para a meza, cruzando com D. Rosa que fez com voz alta o voto castelhano:

— *Qué les aproveche! (E depois em áparte para o tenente Saturio, indicando Paiva Couceiro:) Que hombre más perfecto!*

Á ceia recapitularam episodios da primeira incursão, scenas da vida dos acantonamentos, um mixto de conversa militar e de conspiradores. Meia noite dada, saiu o alferes Braz, e Couceiro retirou-se para o quarto, cançado e molhado.

— O commandante não se despe? — preguntou Saturio Pires.

— Não, não, o fato está molhado e, se se tira, depois não cabe na fôrma! — declarou Paiva Couceiro. E, desprezando os linhos bordados de D. Rosa, deitou-se vestido sobre a cama, com as grossas botas calçadas, cobrindo-se apenas com a manta, como qualquer soldado sobre tarimba dum destacamento.

Na outra cama, que havia no quarto, ressonou essa noite o capitão Camacho.

Atravessado na porta, pela parte de fóra, deitado sobre um molho de palha, o dedicado Faustino defendia o acesso ao quarto do «patrão».

Cedido o outro quarto ao padre Julio e D. Eduardo Cêa filho, os tenentes Julio Ornellas de Vasconcellos e Saturio Pires, e os ajudantes D. Francisco Pombal, Adriano Lopes e Barros Lima riscaram sobre palha estendida no chão da casa de entrada as respectivas camas, mal cobertos pelas mantas da incursão.

Fóra de casa rondaram voluntariamente praças do posto de Mogueimes, ronda curta de um quarto apenas porque ás seis horas tudo estava a pé.

O dia amanheceu medonho, batido por chuva de pedra e vento doido.

Couceiro, mandou chamar as praças do 6.º grupo, e formados na casa de entrada, collocou-se na frente delles, e com o dedo indicador espetado, a bater o compasso, assim falou:

«*Vim aqui para vos vêr. Mantenham-se sempre com a esperança firme. Um homem quando resolve fazer uma coisa, marca um ponto na sua frente e vae direito a elle, haja o que houver.*»

Sobre estas palavras breves, para o seu laconismo já consideravel oração, os homens dispersaram, e Paiva Couceiro deixou Mogueimes, escoltado pelo capitão Camacho, tenente Vasconcellos e Saturio, e por D. Francisco Pombal e D. Eduardo Cêa filho.

Em Quintan, o alferes Braz apresentou-lhe o «grupo» esperando-o debaixo de forma, á chuva. As praças estavam molhadas e contentes. Algumas, assim que deram com os olhos no commandante desataram a chorar as lagrimas do fanatismo. Couceiro parou só o tempo bastante para repetir aos homens do «grupo» de Quintan as palavras que déra aos de Mogueimes, o tempo de os enternecer e alimentar de esperanças para mais uns poucos de mezes.

D. Francisco Daun e Lorena Pombal

Com os mesmos officiaes e mais o alferes Braz, meteu logo pelos atalhos da serra, direito a Baños de Bande. Ao saír de Quintan, na crista de Rañadoiro apontava o alferes Fiel Barbosa que disse para as praças que o seguiam:

— Lá vae em baixo o commandante!

Vendo Paiva Couceiro com o impermeavel amarello que lhe não conhecia, um soldado exclamou:

— Isso agora com aquelle casaco quem é que o apanha!

Com effeito, só depois de Couceiro chegar a Baños é que Fiel Barbosa e a sua gente o apanharam.

Paiva Couceiro cortava serras e cortava ribei-

ros, passando a vau, os pés na agua, sem sequer se descalçar, como se fosse caminho plano e enxuto. O Limia levava uma cheia diluviana. Como não podessem atravessar o *Poldrado,* tiveram de renunciar a esse appoio legado pelos romanos, e ir dar uma volta enorme. A chuva cahia torrencialmente. Á frente, marchavam em exploração, os ajudantes d'Alberto Braz, Manuel e Jorge de Cabêdo, Adolpho Meirelles e o sargento Ramos. Manuel Cabêdo arranjára um varapau mais alto do que elle, para saltar os lameiros. A certa altura viu-se o dito varapau espetado no caminho, e Manuel Cabêdo encostado ao lódo, a olhar provocadoramente para uns homens que acorriam dos campos.

— O que é? — inquiriu Alberto Braz.

— Devem ser carbonarios, meu alferes! mas deixe-me cá com elles.

Os homens continuaram a correr, saltaram para a estrada, e plantaram-se, muito socegados, a vêr passar o capitão Paiva Couceiro.

— *És Don Paiva!* — exclamavam os gallegos, ambevecidos na adoração que do outro lado da raia trespassára para a região.

Por todo o caminho, pelo partido de Bande abaixo, as populações gallêgas correram a vêr *Don Paiva.*

— *El hombre mas querido de Portugal!* — pronunciou uma gallêga, apontando Paiva Couceiro. E contou para outra: — Um contrabandista disse outro dia que em Traz-os-Montes e Minho, depois de ceia, se reza pela familia, pela religião e por Paiva Couceiro.

Os hespanhoes quedavam-se a vêr o capitão Couceiro até elle se sumir na distancia, envolto em neblina e em prestigio.

Paiva Couceiro desvendava o rosto da sombra larga do chapeirão e seguia no seu passo tenaz e miudinho.

Sempre sob agua a cantaros, a caminhada era respeitavel, nessa quadra em que a cheia, alagando as pôldras da ponte, enfestára o caminho. Não se passava na ponte, fôra preciso rodear a serra, romper a váu. Houve um pedaço que umas pequenas pôldras permittiam passar sem molhar os pés.

— Por aqui, commandante! — indicou o alferes Braz.

— Como assim já estou molhado, tanto faz mais como menos — replicou Couceiro, metendo-se á agua, sem sequer se descalçar.

Livres do rio, o temporal redobrou. Era ainda de dia, e parecia lusco-fusco. A serrania, corcovada e sinistra, dava a impressão de ir desmoronar-se, tombar á ventania.

Uma forte saraivada os fustigava agora de frente.

— Commandante! parecem balas — comparou Alberto Braz.

— Sim, mas estas são frias; ao menos as outras são quentes! — respondeu Paiva Couceiro.

E continuaram, indifferentes á caminhada e ao temporal.

Duas horas depois de haverem saido de Quintan chegavam a Baños de Bande, povoações que quaes-

quer vinte minutos juntavam e que o temporal e a cheia separavam assim.

Paiva Couceiro dirigiu-se para o fogão da casa de D. Izidro, onde acantonava o tenente Martins de Carvalho, commandante d'esse decimo «grupo», formado já depois do fraccionamento da Columna em S. Martin. Ali viu e falou Couceiro aos homens do «grupo» de Bande, ali foi ter Fiel Barboza, e, depois de um d'aquelles monotonos jantares da Galliza, o commandante partiu no mesmo automovel que lá o levára tres dias antes, vindo de Orense.

A casa de D. Rosa em Mogueimes, onde se aboletava o tenente Saturio Pires

Os officiaes de Gendibe, de Mogueimes, de Quintan, de Germeade e de Baños despediram-se então, Paiva Couceiro desappareceu no automovel com o

Faustino, D. Eduardo Cêa Filho, D. Francisco Pombal, e capitão Camacho, levando ao volante Francisco Cabrella, revezado por Eduardo Maia.

Os carbonarios andavam de orelha arrebitada. A passagem de Couceiro, em automovel, por Orense a 7 de fevereiro para Baños de Bande, a descida em 10 de fevereiro, assustara-os.

Couceiro ficou em Vigo.

Em 23, o automovel voltou a Orense com tres pessoas: Francisco Cabrella, Eduardo Maia e o dr. Sotto-Maior. [1] Expulso de Orense, o dr. Sotto-

---

[1] O dr. Antonio Sotto-Maior prestou á causa inolvidaveis serviços, devendo-se-lhe uma preciosa collaboração na passagem do armamento da Columna na segunda Incursão, pela região de Orense, movimentado episodio que vem descripto no volume seguinte : — *Em marcha para a 2.ª Incursão.* Quando o governo hespanhol procedeu ao inquerito da passagem d'esse armamento, o dr. Sotto-Maior apresentou-se como o unico responsavel do facto, eximindo lealmente de toda a responsabilidade as auctoridades do districto, merecendo-lhe esse procedimento o ser processado e a consagração da consideração de que já gosava em Orense. Monarchico, era um defensor do principio a tal ponto que na tradicção corre ter sido elle quem, por duas vezes, prevenira projectos de attentados contra o Rei de Hespanha, verificando-se de ambas as vezes até aos permenores o fundamento dos avisos de Sotto-Maior. Diz-se que a Rainha Christina lhe mandára, em gratidão, offerecer a situação que elle quizesse e onde quizesse. Esse homem que o exilio empobrecêra não se serviu da gratidão da Corôa de Hespanha. Muito doente, operado em Paris, a sua impaciencia de homem de acção não

Maior ao chegar á ponte, apeou-se, dirigindo-se a pé e sosinho ao seu esconderijo.

Os espiões de Orense — fóco de republicanismo hespanhol —, traziam as estradas da povoação sempre vigiadas. Mal viram passar o carro *Panhard*, telephonaram, para uma casa, perto do *Hotel Roma*, que ia ali o automovel dos portuguêses, com tres pessoas. Como do costume, quando o automovel travou á porta do *Roma*, já lá estavam os espiões para deitar sentido a quem ia. Ora na ponte tinham passado tres pessoas, ao hotel chegavam duas; conclusão tirada pelos carbonarios: — *o terceiro era Paiva Couceiro que está por ahi escondido.* E, esperando que, se Paiva Couceiro fôra no automovel, no automovel retiraria, a carbonaria iberica, na madrugada de 24, foi á *garage*, onde ficára guardado o *Panhard*, e tirou-lhe a cavilha da direcção.

Manhã feita, Cabrella e Eduardo Maia saltaram para o carro, rumo ao seu destino: fronteira-franceza. Meteram direito á estrada de Monforte e d'ahi a Lugo, onde almoçaram. Sobre o almoço partiram, para ir dormir a Oviedo.

---

lhe permittiu esperar uma completa consolidação das suturas. Metendo-se ao caminho as suturas reabriram, e elle expirou em Orense em junho de 1913. A causa perdeu nelle um ponderado homem de acção, que começou por sacrificar haveres e por lhe dar a vida. Foi um desses muitos obreiros que as Idéas trituram e a quem pagam esquecendo os nomes. Para que tal ingratidão se não pratique aqui lh'o escrevemos.

O automovel subira d'Orense a Monforte, de Monforte a Lugo.

Agora era a facilidade plana.

Marchavam pela estrada de Ferrol a Rabadi. Construida, antes de haver ali via ferrea, para transporte de guerra, essa estrada do Ferrol é uma *carretéra*, talhada em recta, plana e de bom piso, marginada por alas de arvoredo, deitando um perfil muito alinhadinho, com sua arvore de cinco em cinco metros. D'um lado e d'outro da estrada, campos lavradios.

Uma quietude abrangia tudo: bom tempo, boa luz, um bom carro que vinha de ser reparado em Pontevedra, no Senn, as boas unhas de *chauffeur* de Francisco Cabrella, bom motor deslisando por um leito egual d'estrada, num trato chão.

Sob a grata temperatura que as chuvas haviam domesticado, Eduardo Maia saboreava o cigarro do almoço, quando Francisco Cabrella exclamou:

— Estamos perdidos!

— O que é?! — preguntou, ancioso, Eduardo Maia.

— Olha para a direcção!... (*e girou com o volante num e noutro sentido, mostrando a falta de governo*).

O automovel, que marchava a meio da estrada, ia já sendo atirado para o lado direito, empurrado pela haste da direcção que se fincava na terra.

Era um grave sem juizo, entregue a uma exaltada velocidade.

O desastre era inevitavel.

Francisco Cabrella travou quanto pôde, aos

poucos, para não *derrapar*. Eduardo Maia agarrou-se fortemente ao assento do carro, para neutralisar o mais possivel o remêsso, apertou com as pernas uma lata de gazolina que se lhe esborrachou; Cabrella fugiu ao volante com o corpo, ficando apenas com o lado direito do busto prêso, meteu o pé no travão, e deram o resto ao acaso que era agora o senhor absoluto d'aquellas duas vidas.

Mais meia duzia de voltas do motor, e o carro esbarrou, com todo o peso e a velocidade que lhe restava, numa arvore. D'essa, que apanhou o embate só de lado, mas se lhe não pôde oppôr, o automovel foi bater cinco metros adeante noutra arvore que saiu do sólo uns quinze centimetros; Eduardo Maia, projectado pelo ar, foi cair a oito metros de distancia, e Cabrella saldou milagrosamente todo o perigo com tres costellas partidas, quando o caso era para ficar cortado pelo volante da direcção que, de obliquo, a pancada reconduzira á vertical.

O carro ficou destroçado, o radiador abraçou a arvore, a ventoinha entrou por um dos cylindros.

O medico hespanhol chamado, ao ver os destroços do automovel, preguntava pelos mortos, não querendo crêr que d'aquelle crime apenas houvesse para elle um ganho de 125 pesetas por dar tres pontos naturaes no queixo d'um ferido, e 100 pesetas por amarrar uma toalha em volta do thorax do outro, fóra as 50 por ir ao local do desastre, e 60 pela traquitana que ali o levára.

*

Francisco Cabrella (filho do fallecido Visconde de Cabrella) e Eduardo Maia. — Victimas do criminoso attentado de *sabbotage* no automovel que havia conduzido Paiva Couceiro.

— *¡ Hombres ! ¡ què son los portuguêses mas fuertes que nuestras arboles !*—considerou um aldeão que acorrêra a ver o desastre.

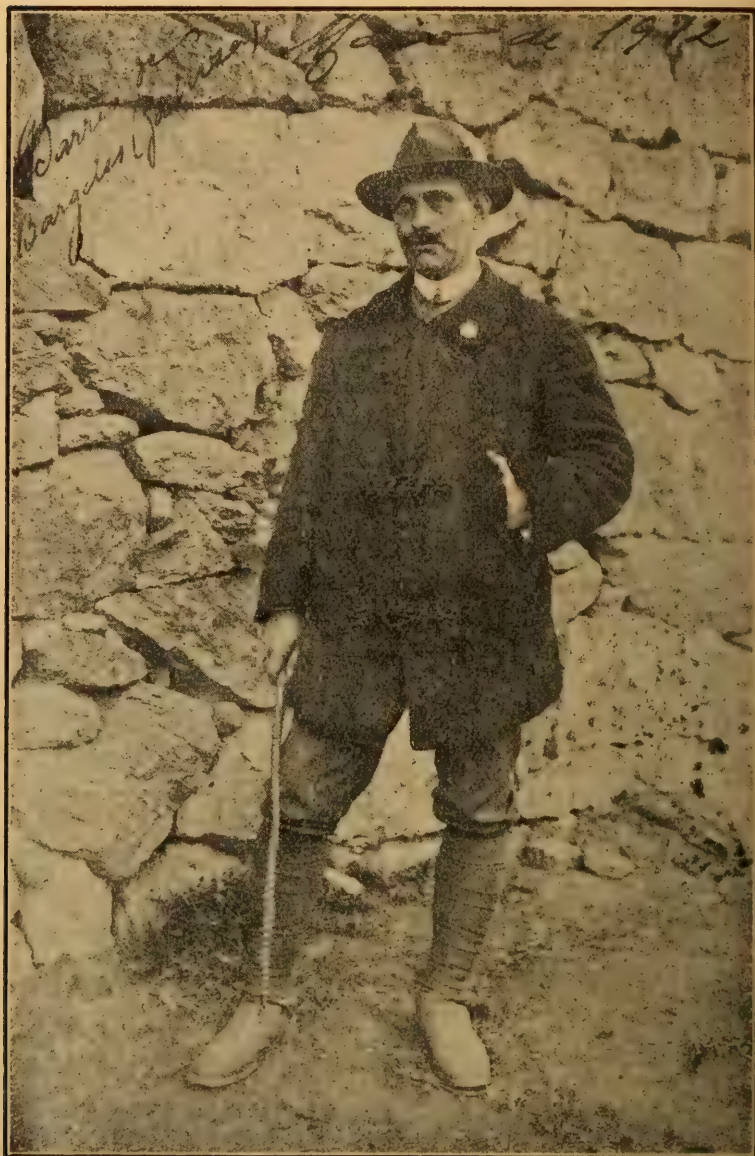
— *Pero no se morir nadie !* — insistia o medico — *¿ 'tá usted siguro què no hay muertos?*

— Tenho muita pena de não poder ser agradavel, mas não ha mortos — respondeu Eduardo Maia.

VIII

A primeira nuvem

A noticia do attentado de Orense, que tivéra o seu comportavel epilogo na *carretéra* do Ferrol, arrepiou de indignação os emigrados portuguêses. As auctoridades hespanholas de Orense e de Villalba responderam á participação do homicidio frustado, que fariam seguir o processo contra os republicanos hespanhoes, vistos junto do *Panhard* ás 6 horas e meia da manhã de 24 de fevereiro, se os portuguêses tomassem a responsabilidade. Disciplinados e philosophos, os dois rapazes portuguêses attenderam os receios superiores de que qualquer questão poderia levantar difficuldades á Causa, e desinteressaram-se da punição do crime. Escapos milagrosamente a uma morte tragica, saindo um apenas com uma cicatriz na cara, outro com as poucas costelas, ainda intactas das suas audacias desportivas, attin-

gidas, encerraram o incidente, num bem humorado encolher de hombros:

Alferes Alberto Braz

— A pancada já cá está! o tribunal não nos tira o «pinhão», se ainda por cima se ha-de crear difficuldades á Causa, acabou-se, não se fala mais nisso!

Eram assim os emigrados da Galliza; em se lhes dizendo: «*Isso é máu para a Causa!*», acomodavam-se. Tragavam impetos, soffriam impaciencias, esqueciam tudo menos a Causa e a Patria.

Falta de dinheiro era já o estado-normal. A ultima vez que Mario Pessoa e a burra-brava appareceram, os emigrados preguntaram:

— Traz muito dinheiro, sr. Mario?

— Pouco.

— Mas, ao menos, boas noticias? Então venham ellas, e diabos levem o dinheiro!

E roiam com elles as necessidades, numa tenacidade tão inflexivel que as povoações dos logarejos por onde acampavam, vendo-os viver, conhecendo-os da longa intimidade de mezes, adoravam-os.

Mas um dia, um ferreiro que aboletava uns homens do «grupo» de Mogueimes, assobiou-lhes a *Portugueza* á mesa da ceia. Os portuguêses zangaram-se, despedindo-se de casa do ferreiro. O prejuizo que o gallêgo teve na perda d'esses hospedes foi a primeira nuvem, nas boas relações dos portuguêses com a gente má do partido de Bande. O ferreiro, perdendo o dinheiro dos portuguêses monarchicos, pôs-se ao soldo dos portuguêses republicanos, e assim brotou nas terras de Bande mais um ramo da carbonaria iberica, a entresachar-se nos de Ginzo, Verin e Orense.

D'ahi por deante, a casa do ferreiro passou a ser a toca, o club-radical, a cabana dos contrabandistas da ideia republicana. Ali iam, cozidos com a noite, reunir-se e cocar, os carbonarios de Tourém, na companhia dos quaes, por vezes, o tenente Roma. A ronda dos emigrados encontrava-os, ouvia-lhes as libações e as falas, e via-os, depois das informações diplomaticas do mestre ferreiro, refazer a caminhada das duas horas até Tourém.

Na bigorna d'esse ferreiro bateram elles o ferro das ciladas.

Um dos alvos da espionagem carbonaria era os portadores da correspondencia. O correio dos postos de Intrimo, Caballeiros, Valoiro, Parada de Ventosa, povoações do sul de Bande, era levado a Cados e d'ahi concentrado em Mogueimes. Os postos de Baños, Muiños e Rañadouro destacava cada um sua ordenança com o correio para Mogueimes, que o remettia, então, todo junto para Quintan — testa postal —, que o expedia para a Forja onde, de Ginzo, o sub-chefe d'Estado-Maior mandava pela correspondencia. A correspondencia para Orense e Cella Nova, depois de concentrada em Mogueimes, seguia para Bande.

Um dia, um soldado do 7.º grupo levava correspondencia de volta, da Forja para Quintan. A certa altura, saiu-lhe ao caminho um cavalleiro que metteu conversa e o foi apertando com o cavallo até ao muro da estrada.

— Então quem é o official que está em Quintan? — preguntou, em português, o cavalleiro.

— É o nosso alferes Braz.

O cavalleiro continuou a querer tirar da ordenança. O soldado, vendo-se muito apertado, desconfiou do assalto; e assim que o cavalleiro ia a desmontar, para lhe roubar a correspondencia, a praça, que estava desarmada, deitou-se do muro abaixo, apparecendo no posto, todo esbaforido, com um grande ferimento na cabeça, aberta no salto, mas a correspondencia intacta. D'ahi em deante, o alferes Braz armou de pistolas as ordenanças do correio.

Homens vivendo constantemente num inquieto *qui vive?*, qualquer incidente excitava nelles desconfianças. E para os homens da columna de Couceiro, a contínua desconfiança, o receio, a apprehensão de cada hora era que quizessem assassinar-lhes o commandante da Columna ou qualquer dos commandantes dos postos.

Então esses homens, que, desconhecedores da côr do mêdo, não tinham duvida em meter de noite ou de dia a um pinhal ou a uma estrada, que não tremiam de encontrar-se com os carbonarios, quando noite velha rondavam os seus «postos», — ao menor rebate de perigo para os seus officiaes ficavam em armas. Assim, um dia que o alferes Alberto Braz fôra a cavallo a Baños de Bande, como passassem em Quintan uns quatro ou cinco carbonarios, os soldados do posto de Quintan — com receio de que os carbonarios assaltassem o seu commandante, apesar d'este estar armado — munidos de cacêtes, foram buscar o official a Baños. O alferes Braz, mal os viu, agourou novidade grossa.

— Não ha novidade, meu alferes! — gritaram os homens. — É que os carbonarios passaram lá ha boccado, meteram conversa com o João Soldado, quizeram-o aggredir, e nós com receio de que elles estejam por ahi escondidos para fazer qualquer partida a V. S.ª, viemos guardá-lo. Não queremos que o nosso commandante vá sósinho para cima.

Entretanto, os outros homens do posto de Quintan haviam ficado a guardar a povoação de qualquer attentado, que os carbonarios ameaçaram fazer atravez o terror duma gallêga.

Alberto Braz, em cuidado pela excitação dos homens, seguiu logo para Quintan.

Perto d'um poldrado que cortava o rio Limia, ouviram uns tiros. Os homens, que acompanhavam o alferes Braz, julgaram que era tiroteio com os companheiros, e estugaram a marcha para a povoação; os que guardavam o «posto», ouvindo tambem os tiros e suppondo que fôra ataque dos carbonarios ao official, vieram de roldão por ali abaixo, armados de páus, de pistolas velhas, juntando-se quasi todo o «grupo», na mesma alerta.

Não se dera encontro algum. Os carbonarios, bondou verem os homens dispostos a recebê-los, fugiram de Quintan, indo pernoitar em *Nogueiro* A, [1] caminho de Bande, a um casinhôlo com que pela cabeça dalguns mais exaltados passou alumiarem as

---

[1] Corruptéla de *Nogueirôa*, como *Cabreiro A*, que é afinal *Cabreirôa*.

trevas dessa noite. A. Braz impôs-se, falou-lhes no interesse da Causa, e os homens accomodaram-se.

Mas continuava-se a viver e a dormir sobre os estribos. As razões d'alerta não desappareciam, accumulavam-se, escancaravam-se. Ainda estava fresco na memoria o assalto do cavalleiro ao soldado do posto de Quintan, quando outro mais serio se deu. Costa e Silva, praça da companhia de saude, então addido ao grupo do tenente Victor de Menezes, seguia sósinho um dia, á tardinha, com a correspondencia para Caballeiros; para lá da Ponte Romana, dois hespanhois assoldadados pela carbonaria, cortadores d'officio, montados nas éguas em que percorriam as feiras, assaltam-o de pistolas aperradas, roubam-lhe a correspondencia, dinheiro e relogio. Os cortadores, depois de o insultarem, desandaram, senhores do roubo. Costa e Silva seguiu o seu caminho. Logo adeante encontrou soldados do posto de Quintan que andavam a passeio. Descreveu-lhes o assalto. Os homens voltam para traz, á caça dos assaltantes, um dos rapazes descalça-se, e, metendo-se por atalhos, vae, alturas de Caballeiros, sahir á frente das éguas dos hespanhois, demorados pelas curvas caprichosas com que a estrada, a meia-encosta, decalca as sinuosidades do Limia.

Duas bordoadas á cabeça de um dos cortadores apeou-o logo; o companheiro puxou por uma pistola; uma cacetada portuguêsa fez-lhe largar a arma e baixar o braço. Chamados abaixo das montadas, os dois salteadores pagaram ali os insultos cobar-

demente atirados da garupa a um homem só e desarmado. Restituida a correspondencia, o dinheiro e o relogio roubado, os cortadores offereciam dinheiro aos soldados portuguêses para que lhes não batessem mais.

Manuel da Costa Allemão Teixeira
Aspirante da Armada Real.
Ferido no combate de Chaves

— Não, nós não queremos o que é vosso! queremos só o que vocês roubaram! — responderam com desprezo os portuguêses.

Os hespanhois gritaram; aos gritos accudiram as praças de Caballeiros. Formaram-se dois partidos entre os portuguêses: um não queria que se batesse mais nos hespanhois, outro que, de cabeça perdida, queria dar cabo dos cortadores.

— Não se bate mais nos homens! — interveiu o dr. Alexandre d'Albuquerque.

— Ó sr. doutor! são uns malandros que rouba-

ram a correspondencia, o dinheiro e o relogio ao Costa e Silva!... — explicou um soldado.

— Ai, elles são instrumentos da carbonaria?!...— e não se conteve que não mandasse um murro a um dos cortadores.

Mas a seguir, galhardamente, meteu-se ao meio, abriu caminho aos hespanhois e garantiu-lhes a estrada.

Falou-se, falou-se do barulho, e, como todas as coisas deste mundo, o caso esqueceu, não sem deixar no espirito dos acantonamentos o seu brazido de precaução. Qualquer coisa os levantava; tudo que arrepiasse o silencio alarmava os postos.

Certa noite, Mogueimes ouviu reboliço e uma praça aos vivas.

— Que diabo é isso? — preguntou um dos ajudantes do tenente Saturio.

— Não é nada, sr. Gonçalo! É este demonio que não está bom da cabeça — tranquillizou o Antonio Carneiro.

E o soldado, um bom soldado por signal, a quem os camaradas haviam affectuosamente diminuido o nome, berrava com quanta força tinha:

— Viva o sr. conselheiro que ainda me ha-de fazer regedor de Santo Thyrso.

O ajudante admoestou-o:

— Ó 16, vae-te deitar!

— Ó sr. Gonçalo Meirelles! Eu não tive estudos, mas sei muito bem que não faço mal nenhum a ninguem... V. S.ª julga por ahi que eu estou alegre. Pois, engana-se! Eu estou mas é enthusiasmado.

Dei um viva ao sr. conselheiro que ainda me ha-de fazer regedor de Santo Thyrso. Ninguem me póde *imprevir!*... acho eu!... Tambem só quéro ser regedor e que me deem um frack, qu'eu cá com um *frack* côrro os carbonarios todos do concelho!...

— Vae cozel-a! — *interveio o soldado Carneiro. E para o ajudante:* — V. S.ª desculpe, é uma pinguita. Elle quando está bom não dá estes vivas!

Mogueimes adormeceu com a tranquilla certeza de que o barulho fôra apenas um viva a um homem morto.

Mas a carbonaria, de orelha assustada, não descançava; e feita a experiencia de quanto era inutil a deserção dos homens, para o assalto á correspondencia convergiam todas as tentativas.

O serviço corria bem, não offerecendo brecha á espionagem. Depois que acabára o posto da Forja, cujo pessoal, 1 cabo e 3 soldados, estava fatigado, a correspondencia passára a ser levada diaria e directamente a Ginzo, por uma ordenança fornecida cada dia por seu «grupo».

Ora no dia 5 d'abril era a Porqueirós que competia destacar ordenança para Ginzo. Estava substituindo o sargento Canavarro, no commando de Porqueirós, o enorme e lealissimo sargento Mendes. Sem saber das velhas suspeitas que havia, o sargento Mendes nomeou para a estafêta postal d'esse dia, o «Barbeiro de Chaves», rapazito menos mal amanhado e limpinho de aspecto. Se havia dia de correspondencia importante para o Quartel General, era esse. Além da correspondencia, levava o «Bar-

beiro de Chaves» uma nota falsa de cem pesetas, para trocar em Ginzo. O homem foi, entregou o que levava, recebeu uma nota boa de cem pesetas, e a correspondencia para os postos, e á volta fugiu, para Montalegre, com o administrador de Montalegre, com o correio e as cem pesetas.

Á volta, o «Barbeiro de Chaves» era apenas portador dum documento official: uma carta de Couceiro para o tenente Saturio, sobre o auto levantado ao tenente Valente. Com esse autographo do «Capitão Phantasma», que não continha segrêdo, e mediante cem pesetas, se viu a Columna livre do suspeito «Barbeiro de Chaves». Serviu, porém, d'aviso, e dahi em deante, a estafêta postal passou a ser feita por duas ordenanças, dadas da mesma maneira, cada dia por seu posto. Por chuvas e serras, a Columna trazia constantemente no caminho de Mogueimes-Ginzo e Ginzo-Mogueimes quatro homens que em 48 horas cobriam os 66 kilometros, não havendo nos oito longos e martyrisantes mezes de Galliza outro extravio além do dessa correspondencia que o «Barbeiro de Chaves» raptára mais pelas cem pesetas do que pelo serviço de espionagem prestado á republica. A Columna tambem lamentou mais a perda das cem pesetas que a do alistado. Soldados não faltavam e bons. Sem a menor propaganda nos quarteis, sem poder alargar o seu deposito de praças, a «Galliza» continuava a receber soldados. Só duma feita, desertaram de Bragança, fardadas e equipadas, oitenta praças; os officiaes foram apanha-los ao caminho, e,

prometendo-lhes a impunidade, persuadindo-os de que vinham desgraçar-se, lá os tornaram a levar, distribuindo-os o ministerio da guerra por differentes corpos. Mesmo assim, dias depois do «Barbeiro de Chaves» desertar da Galliza, á Galliza chegavam 6 soldados e 1 cabo que expontaneamente desertaram de Bragança.

— E não eramos só nós que estavamos para vir. Eramos uns oitenta. Mas os srs. officiaes tanta lamuria fizeram que os outros voltaram para traz — contavam estes.

— E vocês?

— Nós cá não quizemos saber de cantigas! Escondêmo-nos, e cá *estêmos* aonde ao grande Paiva Couceiro!

Era o prestigio, feito lenda, do Capitão Phantasma, que os attrahia, que attrahia aquelles como attrahira os primeiros e havia de attrahir outros.

Dias depois, o impedido de um official de cavallaria que estava em Ruivães, veio á fronteira, acompanhando o «patrão». Em Tourém, o official apeou-se, entregando o cavallo ao impedido, emquanto entrava numa taberna. Quando o official reassomou á porta, viu a ordenança já longe a amarrar a montada a uma arvore.

— Ó rapaz!, que estás tu a fazer? — berrou-lhe o official.

O soldado deu em andar, deitou o pé por cima da lingua de terra que é Tourém, e assim que sentiu nos pés terra de Hespanha, gritou, em resposta:

— Viva Paiva Couceiro! Viva a monarchia!

E depois escreveu ao official — a catechisa-lo:

« V. S.ª não seja tolo, em ficar ahi. O que o « patrão » tem a fazer é passar-se para Hespanha, para as hostes do grande capitão Paiva Couceiro. »

Entretanto o movimento avançava.

O alferes Braz recebera já ordem de preparar casa na Quintan, onde podesse armazenar-se o armamento que não tardaria a desembarcar no Grove. Não havia, na Quintan, muitos palacios nem arsenaes por onde escolher.

Duas povoações no alto dum monte compõem a Quintan: Barrio de Bargéles e Quintan, pelas quaes estavam alojados os soldados do grupo d'Alberto Braz que, com o capelão P.º Martins, residia no Barrio. A povoação é muito pobre, tirando os recursos duma restricta lavoura de milho e batata, sem um favor de vinha, que por lá pelo partido de Bande não sorri em nenhures, a não ser em Valoiro onde umas cêpas curiosas e timidas espreitam tristemente.

Emfim, lá se descobriram umas telhas para cobrir do tempo e dos maus olhados o armamento destinado á columna. E como antes de elle estar debaixo da telha, o mais difficil era acautela-lo na jornada pelos fógos do logarejo, Alberto Braz foi-se a restaurar as pôldras, de sorte a poderem as pedras passar para a banda de cá as muares com as armas, poupando-lhes a volta e a escandaleira da travessia do logar.

*

A marcha começava a dar que fazer. Já se tinha ordenado ás praças o equipamento; já haviam chegado as muares; não tardaria o armamento, e a hora da acção. Era preciso reconhecer os caminhos das redondezas; e Ferreira de Mesquita, encarregado desse reconhecimento encontrou-se, com a descoberta de carbonarios, idos para matar os officiaes. Essa descoberta não atrazou os trabalhos. A pretexto de que havia que compôr as pôldras para levar o gado a beber e a limpar, os soldados metteram-se ao concerto; e

Dr. Alexandre d'Albuquerque

os gallegos, de nariz no ar, á espreita do eclipse solar, nem deram pelos portugueses andarem no rio, com agua pela cintura, a concertar o poldrado.

Mas o armamento era apprehendido na praia do Grove, e o concerto das poldras foi mais um dos trabalhos de Hercules a que os emigrados da Galliza se votaram, durante um anno bem puxado.

Tudo indicava estar para breve a segunda Incursão; e, como da primeira, uma denuncia apprehendia o armamento, addiando-o Deus sabia para quando.

Tinham fraccionado em S. Martin e acantonado ali por dez dias. Já queimava o sol de maio e por ali ermavam ainda as suas esperanças e incertezas.

Tinham visto cortar um milho, já o milho novo ia a crescer, e elles parados, manietados, á espera duma arma e dum punhado de balas.

E agora que parecia ir, outra apprehensão!

Era de entristecer. Entristeciam, mas não desesperavam, não arredavam pé, encontravam ainda nelles alma para se sorrir dos trabalhos e do futuro.

Andavam os emigrados emprehendendo no seu longo « alto », demorado pela apprehensão do Grove, quando um gesto de bom humor, se propagou por todos os postos. Carlos Maia, sobrinho do major Vieira de Castro, sabendo-se condemnado a prisão maior cellular, por conspirador, telegraphou assim para Lisboa:

« Dr. Antonio Macieira, ministro da Justiça. — Portugal Acabo ler noticia minha condemnação. Diga se ha vaga Penitenciaria. Caso affirmativo, mande dinheiro viagem ».

Era assim a alma elegante dos emigrados da Galliza.

IX

A Artilharia e as primeiras armas

Un chef, et de la poudre! exclamava a França de 93.

Os emigrados da Galliza tinham um chefe. Faltava-lhes a polvora.

Obtido o primeiro punhado, bater-se-iam; em se lhe acabando, saberiam tambem ir buscá-la ás carrêtas da artilharia republicana.

D. Ruy da Camara (Ribeira)

A Vendêa não tinha fardamentos, não tinha artilharia, não tinha abundancia de munições; mas tinha rosarios.

A Galliza nem rosarios.

A Vendêa começou por ter medo dos canhões, e acabou por se atirar contra a artilharia a cacête, e tomar canhões á Republica.

Mas a Vendêa eram quatrocentos mil homens; a « Galliza » quatrocentos.

Não chegava para tomar canhões a cacête.

Era-lhes preciso adquirir alguns, para lhe caírem nas mãos outros mais.

Adquirir canhões é possivel. Salva-los das garras dos carabineiros e guardias-civis hespanhoes, muito difficil.

Na alma da « Galliza » desabrocharam, então, estratagêmas da alma da Vendêa.

Repetiu-se e accrescentou-se aquelle pau ôcco em que os aldeãos vendeanos passavam as communicações duma ponta a outra da Bretanha.

Sob um *croquis,* traçado por mão perita, José Fróes, um dos nove cavalleiros andantes da incursão das Beiras, um *chauffeur* Angel, e um carpinteiro construiram um falso num automovel Morse. Tres dias levou a fazer a obra. Finda ella, o automovel seguiu, só com o *chauffeur*, para o ponto N; ao mesmo tempo, José Fróes sahia, em comboio, de S. Sebastian para a cidade de Victoria.

Dá um nome francês no livro dos hospedes, e, com o porte de um fidalgo que tivesse morto touros em Salvaterra, prepára o proprietario do hotel:

— Ao meio dia deve chegar o meu automovel, que teve uma *panne,* cêrca de Bilbáo onde ficou a concertar. Avize-me logo que chegue.

Ás doze e um quarto, pouco mais ou menos, d'esse dia de maio, luminoso e quente, appareceu o automovel, contendo no fundo falso oitenta granadas que no ponto N recebêra.

Saltou José Fróes para o carro, e o automovel continuou a sua derrota : Victoria — Burgos — Léon — Palencia — Astorga — Valdeôrras — Rua Petin.

De Rua Petin iam para Ginzo. Por Verin? Por Orense? Podiam ir por uma estrada directamente a Ginzo, evitando Verin e Orense. Desconheciam-na. Resolveram ir por Verin.

Dois carabineiros, em Verin, fizeram parar o automovel. Examinaram, só viram mantas. As granadas dormiam no fundo ôcco do automovel.

— *¿ Quien son ustedes?* — inquiriram os carabineiros.

José Fróes puxou pelo cartão d'um amigo que conhecera em Biarritz, e deu ao carabinero que leu :

Le comte J. Romanet du Cailland.

— *¡ Hombre !* — *disse o carabineiro para o camarada* — *¡ Dejalos passar que és un conde francês !...*

— *¡ Pues... andar !*

— *¿ I donde se marcha Vd., señor conde ?*

— A Vigo —, respondeu José Fróes.

E seguiu. Á porta do Hotel Salgado estavam portuguêses. Reconhecendo o automovel e supponde que nelle fosse algum dos proprietarios do carro, tiraram respeitosamente o chapéo. Quando os carabineiros deram pelo lógro, gritaram :

— *¡ Parar ! parar !*

Rodrigo de Castro Pereira

O carro já ia em andamento; os carabineiros obtiveram em resposta o pé no accelerador.

Faltava-lhes apenas transpôr Ginzo. Não havia grande perigo. Era noite e bem noite, o telegrapho fechára, não havia maneira de fazer uma communicação telegraphica. Á cautela, porém, José Fróes foi deitando abaixo um poste telegraphico entre Verin-Ginzo. E ás 3 horas e meia da manhã, entravam o pateo senhorial do Telheiro. Meio-tonto de somno, appareceu-lhes o Faustino que, ao saber o que levava o automovel, levantou José Fróes ao ar, exclamando:

« — Ora até que emfim que me trazem alguma coisa?»

Descarregaram as granadas, e no dia seguinte, José Fróes foi em caminho de ferro para Madrid, e o *chauffeur* voltou para casa com o automovel.

— Eu encarrego-me de tudo o que quizerem — *declarou em Madrid José Fróes a Augusto de Magalhães.* — Mas se ha armas para as Beiras, prefiro isso porque tenho a certeza que ninguem cuida com mais amor d'esse serviço do que eu, pela amisade que me liga ao capitão Lobo.

— Ha armas para as Beiras, sim, senhor — , respondeu Augusto de Magalhães.

Nesse mesmo dia, José Fróes assistiu a uma conferencia, numa cervejaria do *Calle Carrêtas,* entre Augusto de Magalhães, Manoel Urbina e o capitão Malandras que prometeu entregar, d'ahi a 48 horas, duzentas armas Mauser para o que já havia recebido uma boa mancheia de pesetas. Fóra de Ma-

drid, á meia-noite, Manoel Urbina podia ir busca-las a um barracão —, affirmava o capitão. Urbina levaria dois automoveis, carregaria as armas e marcharia com ellas para a fronteira das Beiras.

Sobre esta promessa do capitão Malandras, José Fróes partiu ás 8 horas da manhã immediata, para Ciudad Rodrigo, a combinar com o capitão Lobo, a recepção das armas. O capitão João d'Azevedo Lobo, escondido perto de Ciudad Rodrigo, mandou dizer por um portador a José Fróes que, sendo perigoso avistarem-se, se entendesse com determinado português e um padre de Ciudad Rodrigo, que se encarregaria de arranjar carros de bois, para irem á estrada buscar as armas e transportá-las, pelo campo, ao ponto combinado.

As armas deviam estar lá no outro dia, ás oito da noite, caso José Fróes não recebesse um telegramma dizendo: *Estoy enfermo,* assignado pelo Manoel Urbina.

Ao entrar no hotel, vindo de casa do dito cura, José Fróes encontrou o telegramma: *Estoy enfermo.*

Sem perda d'um minuto, tomou o *sud-express* que passava ali em Ciudad Rodrigo, ás 9 da noite, e voltou para Madrid. Oito dias andou atraz do hespanhol Manoel Urbina, e Manoel Urbina atraz do capitão Malandras. Ao cabo d'esses oito dias o capitão hespanhol tinha um braço furado a bala de revólver, pelo Manoel Urbina, numa taberna de *ratas* e de *chulos* que nem deram pela detonação. Mas José Fróes não tinha as armas.

Perdidas as esperanças de haver essas armas,

que o capitão Malandras bebêra ou jogára, e sendo já chegada a Madrid outra remessa d'armamento ido de Barcelona, José Fróes partiu para Léon, a tratar ali da sua recepção e expedição para a Galliza.

Eram 200 Winchester: 100 remettidas para Madrid, á consignação d'um armeiro. O armeiro da côrte acolhia essas armas, e despachava-as depois, em caminho de ferro, como *ferreteria*, para Léon, consignadas a D. Colombo, que as armazenava numas *bodegas*.

As outras 100 iam parte de Madrid, parte de Oviedo, onde José Fróes as levantava, consignando os dois lotes de *ferreteria*, para Léon, tambem a D. Colombo.

Alojadas nas *bodegas* de D. Léon, tratava-se de as remover para a visinhança da fronteira.

Francisco Cabrella e Eduardo Maia, melhor concertados que o automovel *Panhard*, apanhado ás migalhas de bronze para dentro de cestos, appareceram em Léon, ao volante d'um celebre *Gobron* que a guarda civil de Lubian aprehendêra a Francisco Paes de Sande e Castro, com armas para a 1.ª Incursão. Carro ancestral e mais mal tratado do que era devido á sua respeitavel idade, o *Gobron* aguentára menos mal os ossos de Ruy da Camara e a carne rosada e opulenta de Manuel Bacellar, de Ginzo a Léon. Mas com as 87 Winchester e os cartuchos que José Fróes lhe meteu em Léon, nem Francisco Cabrella nem Eduardo Maia sabiam se o venerando *Gobron* aguentaria. Emfim, o *Gobron* partiu com as armas, as munições, os dois *chauffeurs*, e

ainda com o apreciavel pêso de Manuel Bacellar. Apesar de duas horas dadas á sésta, sobre o almoço, comprado na estação de *Ponferrada* e comido no meio da estrada, o *Gobron* foi tão condescendente que chegou á *Godiña,* antes da hora marcada — 10 da noite e, perto de Verin, varou a carga para as costas de homens que se sumiram com ella, para a cumplicidade vaga dos campos.

Quem acha molle carrega; isto para a bêsta humana, para os automoveis, não. Se o pobre *Gobron* fosse molle não o carregariam mais. Mas como foi duro, logo no dia seguinte voltou a Léon, buscar novo carregamento.

Na noite em que o *Gobron* chegou de retorno, juntaram-se no jactancioso e tranquillo burgo leonez quatro automoveis que sublevaram logo desconfianças.

Até ahi, Léon vira apenas dois portuguêses que se intitulavam francêses: José Fróes, e D. João d'Almeida (Lavradio). José Fróes, com o calção do *golf,* causava estupefacção; mas os netos do antigo Reino de Leão concediam:

— *¡ És um francês!*

De resto, pouco appareciam. O calor era d'uma exageração andaluza; e José Fróes e D. João d'Almeida, para fugir á torreira dos 41 graus á sombra, refugiavam-se nas naves frescas da Cathedral. Os senhores Chantres da Cathedral de Léon tomavam, aquella fuga aos dardos do guerreiro solar, por assidua devoção. E olhavam os dois refugiados com a gratidão de publicista, transcripto pela falta de original d'um semanario de provincia.

Nessa noite, a occasional concentração de tanto automovel ia deitando tudo a perder. Nada menos de quatro: o *Gobron*, com Francisco Cabrella e Eduardo Maia; o *Morse* que já vinha do Telheiro onde, pilotado pelo *chauffeur* Angel e commandado pelo «cadête-mór», fôra largar a segunda remessa de granadas para as peças, seguindo com Rodrigo Castro Pereira, a alliviar das restantes munições as *bodegas* de Léon; o *Delaunay*, tripulado por José Abrantes, ido do norte de Hespanha com a terceira e ultima remessa de granadas, e que parára em Léon, por ser uma das suas *étapes*; e a *voiturette Delage* de Augusto de Magalhães.

Thomaz Saavedra

A população de Léon arrebitou a orelha.

Aproveitando o primeiro atordoamento, carregaram-se os automoveis, e ás 6 horas da manhã não havia um automovel em Léon, tendo-se o cuidado de não sair nenhum antes da meia-noite, para evitar a denuncia telegraphica.

Foi muito a tempo, porque ao outro dia um periodico republicano leonez bradava alerta, e o governador de Léon intimava a ordem de expulsão a José Fróes e D. João d'Almeida, unicos portuguêses ainda lá.

José Fróes voltou muito tranquillamente para França.

Alguma vez as denuncias republicanas hespanholas haviam de chegar *trop tard.* Um bafo de sorte sorrira aos conspiradores. Augusto de Magalhães, levando munições e Manoel Bacellar na sua *Delage,* já rompia em *ecclaireur* as estradas da Galliza.

O *Gobron* nessa viagem gemeu. A todo o momento, rebentavam *pneumaticos* com o peso das 133 Winchester e cartuchos, ou aquecia demasiado. Cheio como um ôvo, as armas a espetarem-se nos olhos de quem passava, e a ter de parar para refrescar o motor. Cabrella e Eduardo Maia tinham atirado com casacos para cima da indiscreta carga; mas as armas furavam pelas janellas, e nas aldeias, emquanto esperavam agua para descongestionar o carro, abriam a tampa do motor para a gentinha se distrahir com o aparelho digestivo do automovel, e não ir espreitar adentro.

Depois de passarem a Godiña, o *Gobron* começou a ficar muito prêso. Os dois rapazes não ligaram importancia ao caso, attribuindo-o ao excesso de peso. Arrastaram-se mais uns kilometros, e já muito perto do local onde deviam descarregar, zás! a peor das *pannes:* falta de gazolina. Ia para a meia-noite. O carro não despegava. Dando uma volta pelo carro, constataram transtorno mais grave: a patilha que prende a molla do lado direito tinha partido, e a *carrosserie* descahira para cima do eixo, indo o guarda-lamas travar a roda, e prender o carro.

Ajoujado, não se podia pensar em levantar o

automovel; mas com uns ferros de tirar os *pneus*, lá improvisaram umas alavancas com que inclinaram o deposito de gazolina, e, com a pouca que havia, o carro amarrado a cordame, todo tombado, por fios, por milagres, chegaram ao fim da jornada, passando as 133 Winchester para um carro de bois que se meteu por entre campos, na sua rangedoura bucolica.

Um concerto summário em Verin... habilitou o martyrisado *Gobron* para outra viagem: Astorga, a buscar Paiva Couceiro, e leva-lo ao Telheiro.

Manuel Bacellar encarregou-os de parar em determinado kilometro depois de Ponferrada, onde elle enterrára 2 caixas com 1000 cartuchos cada, e de as levar para Astorga.

— E se ha algum sarilho? — aventou Eduardo Maia — Nós vamos buscar o chefe, é preciso ouvê-lo...

— Não ha absolutamente duvida alguma! — affirmou Bacellar — Eu tenho um amigo em Astorga, e as caixas vão para casa desse amigo.

— Veja lá!

— Oh! senhores, eu tomo a responsabilidade!

Chegados a Astorga, com as exumadas caixas, Manuel Bacellar não deu com o enderêço do tal amigo.

— Não tem mal nenhum! absolutissimamente mal nenhum! Deixem ficar as caixas no automovel, que ninguem desconfia.

As caixas ficaram no carro, e no dia seguinte Francisco Cabrella e Eduardo Maia não ficaram

nada admirados de vêr no hotel um cabo de carabineiros, que os ia intimar a mostrar-lhe o automovel.

Foram. O cabo revistou o automovel todo, e ao dar com as caixas preguntou o que era.

—Essas caixas não são nossas. Foi um *chauffeur* hespanhol que encontramos em *panne,* em Ponferrada, que nos pediu para as levar para Madrid — respondeu Cabrella, muito prompto.

— E o que conteem?

— Engrenagens d'automovel, assim nos disse o *chauffeur* — continuou Cabrella.

— *¿ Tienem ustedes inconveniente em abriselas?*

— Nenhum.

Cabrella agarrou num martello, Maia num ponção, e os dois deram duas marteladas e dois gritos d'espanto ao verificarem que eram portadores de cartuchos para carabina Winchester.

Conduzidos ao quartel de carabineiros, e prêsos como contrabandistas de guerra, Cabrella repelliu sapientemente:

— A bala Winchester applica-se para caça grossa!...

— *És mucha cosa para cazadores, hombres!* — replicou o carabineiro.

— São cartuchos hespanhoes. As caixas estavam presintadas. Tinham o sêllo de Hespanha. Nem é contrabando.

Lindas mas inuteis razões: prêsos! elles e o automovel. Vinte e quatro horas depois seguiram em comboio para Léon, custodiados pelo sympathico

carabineiro, que, ao chegar á tradicional capital do velho reino de Leão, foi dar as suas voltas e marcou, aos prêsos, as 11 horas, para estarem em frente

A casa do Telheiro, vista a distancia da ponte sobre a lagoa do Lima

ao *Hotel Paris* e dahi irem á Audiencia. Os prêsos compareceram; o carabineiro, não. Francisco Cabrella foi indo para a Audiencia; o preso Eduardo

*

Maia continuou á espera do carabineiro para que o levasse preso, e ás 12 $^1/_2$ vendo que o guarda não despontava foi tambem apresentar-se á Audiencia. Já lá estava o carabineiro que não se incommodára a ir ao hotel porque sabia que os prêsos eram *personas educadas que não fugiam.* Da Audiencia, uma escala pelo tribunal a abrir o apetite, e depois o almoço, e *á los toros!* No dia seguinte, o tribunal reconheceu, na promptidão com que abriram as caixas, provada a inocencia dos acusados, e pô-los em liberdade.

Correram a Astorga, pegaram no automovel, e foram á Ponferrada buscar o chefe. Deram-lhes 3 horas da manhã em Ponferrada, e ás 11 horas já estavam no Telheiro.

Emquanto se representava em Hespanha este *sainête,* noutro automovel, e tambem em fundo falso, viajavam os canhões, só os canhões. O automovel, com a peça deitada no fundo ôcco, foi despachado em caminho de ferro até Monforte, por uma pessoa dedicadissima. Em Monforte, essa pessoa requisitou o *seu* automovel, e nelle transpôs a relativamente curta distancia de Monforte ao Telheiro.

Pouco mais ou menos pela mesma occasião, seguiram, em caminho de ferro, para Léon, despachadas como *ferretaria,* as rodas e as falcas. Vae tudo consignado a D. Colombo, e é D. Ruy da Camara que muito descansadamente mette tudo em automoveis, e elle num, e o «Cadête-Mór» e Thomaz Saavedra noutro, apresentam com os preciosos pertences no Telheiro.

Quando Faustino ajudou a montar os canhões, e viu a artilharia prompta, sentiu o fremito de commoção da Vendêa que ao retomar, em Fontenay, o canhão *Marie-Jeanne*, o conduziu sob o pallio da bandeira da flor-de-liz, o cobriu de flores e o deu a beijar ás mulheres que passavam.

X

A Expulsão

O assalto a Costa e Silva pelos marchantes hespanhois, na estrada de Caballeiros, e o conflicto consequente, semeou o odio da classe dos cortadores contra os portuguezes. Os emigrados não podiam apparecer numa feira que não fossem rondados. Os officiaes prohibiram-os de frequentar as feiras, mas um ou outro mais minhoto, mais amigo de ajuntamentos, mais afim com os habitos do povo, lá transgredia a ordem. Não faltaram, assim á capucha, á feira de Couso de Salas alguns

Conde de Mangualde

homens do grupo d'Alberto Braz. Prudentes e pacificos, por ali andavam sem se intrometer com ninguem, quando uns cortadores gritaram:

— « Aqui vão os portuguêses!... » — e, com ferocidade, dois braços affeitos a erguer o machado sobre o cêpo dos talhos, levantaram os páus, abrindo a cabeça a dois portuguêses e ferindo outro.

Ateou-se a desordem. Outros portuguêses de Porqueirós foram envolvidos no calor da briga que chamuscava a feira e se communicava aos caminhos. Ao regresso, o grupo do alferes Braz, sabendo da aggressão aos camaradas, quiz ir tirar a desforra no couro dos gallegos, dando trabalho a contê-los. O official meteu-os em casa, e os cortadores hespanhois ficaram com a estrada livre para os seus feitos. Vinha o gremio dos marchantes quasi todo encorporado, á volta da feira, quando encontrou tres portuguêses: o soldado Albino, d'artilharia, e dois soldados do grupo de Porqueirós, commandado pelo sargento Canavarro.

Os tres portuguêses seguiam desarmados. Os gallegos entraram a insulta-los.

O soldado Albino meteu-se na diligencia, que passava na occasião, para ir avisar a Guarda-Civil. Então os hespanhois redobraram de sanha. A coragem não era muita, nem tão grande como o odio: mas agora eram muitos os cortadores, e só dois, e desarmados, os portuguêses. Mesmo assim, os hespanhois não se affoitaram a luctar lealmente com os dois emigrados: atiraram-lhes de longe, do meio do penhasco, descarregando pistolas até os tombar.

Só depois dos portuguêses estarem feridos, e por terra, os valentes cortadores se chegaram para lhes bater, pondo-lhes as cabeças num bôlo, rolando-os pelo pinhal, esperando que o rio os desembaraçasse das victimas.

Um dos rapazes ficou sem sentidos; o outro foi-se arrastando, conforme pôde, até á estrada, na esperança de que passassem, como passaram, portuguêses, que o transportaram, e ao companheiro, a Baños de Bande.

Eram as onze da noite, quando os dois feridos chegaram.

Costa Allemão (sobrinho) montou a cavallo, e foi chamar o medico. A certa altura, deu com uma lanterna pousada na estrada e dois vultos agachados.

Estacou, meteu uma bala na pistola. Ao estalido do carregador ferrando na pistola, os dois vultos gritaram de lá:

— *¡Hombre! ¡por Dios!...*

Era a patrulha dos carabineiros, com as suas espingardas, os seus terçados e a sua auctoridade, que assim pedia misericordia a uma pistola d'algibeira.

Rompeu o cavalleiro, acompanhado serviçalmente pelos carabineiros. O medico não correu a foguêtes; recusou-se, desculpou-se, mas por fim lá foi reconhecer os quinze dias de impossibilidade aos feridos. Os hespanhois foram postos emliberda de parece que antes de serem prêsos.

E a situação a aggravar-se, a tempestade a avo-

lumar-se. Dir-se-ia que as povoações tinham o proposito, — nascido de uma brusca incompatibilidade, — de expulsar a immigração portuguêsa. Todavia, os homens grados e sérios da provincia estimavam os emigrados; as mulheres amavam-os. De vez em quando os gallêgos *tocaban los cuernos*, buzinas de chifre que a tradição sópra á porta de qualquer dona que tem commercio com homem estranho á terra. O ciume do gallêgo pelo

Tenente da Armada Carlos Martins de Carvalho

rival e triumphador estranho devia entrar em linha de conta naquelles conflictos; mas isso dava apenas encontros pessoaes, barulhozitos locaes, facilmente serenados pela presença dos officiaes, tão escutados que os gallêgos, nas suas brigas intestinas de questões ou de negocios, os nomeavam seus arbitros e juizes de paz incontestados.

Evidentemente alguem soprova aquelles maus ventos. Varios gallêgos logo o confirmaram, com o seu testemunho insuspeito e expontaneo:

— *Hemos sido invitados pá' tomar parte en lios contra ustedes ¡ Pero nos ha repugnado!*

O commandante do grupo de Valoiro confirmava-o, neste documento official:

4.º grupo

Acantonado em Valoiro

Ill.mo Ex.mo Snr. Commandante

«*Para os devidos effeitos, tenho a honra de communicar a V. Ex.a que a unidade do meu commando recebeu na manhã de hoje a visita do destacamento da guardia civil de Intrimo a pedido e por indicação de Severino Heitor Magro, português, natural de Tourém e proprietario nesta freguezia de Caballeiros, onde ultimamente recebeu e festejou quatro carbonarios, sendo um d'elles o celebre tenente Roma, como logo participei a V. Ex.a.*

«*Foi agora o caso que este individuo, que aproveita todas as occasiões para mofar e até insultar os emigrados portuguêses, passando hontem aqui, montado numa bycicleta, e de pistola na mão, mais uma vez provocou alguns dos nossos homens*

que então passeavam na estrada. Uma praça do pelotão do alferes Braz, que aqui se encontrava, desaffrontou-se applicando-lhe uma cacetada e alguns sôccos, que não impediram que o Severino continuasse a sua marcha, depois de ter despejado a pistola.

« Chegado a Intrimo, logo participou á guardia civil o occorido. E hoje pelas 5 $^1/_2$ da manhã, um pouco alegre com o « desayuno » que o Severino lhe fizera servir, apresentou-se elle aqui, entrando desabridamente pelas casas, com reconhecida má vontade, prendendo a torto e a direito.

« Pela maneira como a guardia civil então procedeu, deixou entrever que todo o crime se resumia em ser monarchico. A unica pergunta que os guardias faziam quando alcànçavam algum homem era: « —És monarchico ?» — e a resposta affirmativa bastava para se ser aggredido e prêso.

« Quando d'isto tive conhecimento, logo me levantei ; e delicadamente, por meios suasorios, mostrando-lhe a sem-razão de tão desordenadas prisões, procurei evitar que estas se mantivessem. Só em parte, porém, o consegui. Com algêmas, a prisão continuou para o n.º 22, José Manuel Domingues, para o n.º 9, Manuel Ramos, e para o n.º 1-A, José Antonio Gomes.

« A guardia civil abandonou a povoação e subio para a estrada, onde no « commercio » o Severino pagou o jantar aos guardias e estes se entretiveram jogando as cartas. Se algum dos nossos homens entrara no « commercio » ou passava na estrada, logo era chamado e interrogado : — És monarchico ? Pois, então, ai de ti !» coronhadas, pontapés, tudo era pouco para os indefezos homens. Eu mesmo tive occasião de presencear estes maus tratos. E acompanhado por o cabo n.º 6, Antonio Garcia, que apresentava escoriações no braço e a manga do jaléco rôta pelo ponto de mira da arma, pedi ao cabo da guarda energicas providencias. Mas não fui ouvido. E dentro de pouco era o proprio cabo quem batia num dos nossos homens ! Pela manhã ainda eu conseguira que elle alargasse as algêmas, que estavam tão apertadas que chegavam a inchar as mãos dos desgraçados, dizendo-lhe eu que a inquisição terminara ha muito. « Outros homens do meu grupo apresentam tambem escoriações. Queixa-

ram-se-me até agora, e eu os vi magoados, o soldado n.º 62, Francisco Barreira, o n.º 78, Filippe Nery. Todas estas brutalidades pareciam rogosijar o tal Severino. Assim se conclue, sabendo-se que uma vez em que um dos guardas se gabava de ter já morto «cincoenta portuguêses» e só lhe faltarem outros cincoenta para receber um bom premio, o Severino lhe dissera que se matasse dois officiaes teria outro premio! E que este Severino é pessoa querida e importante entre os guardas não se póde pôr em duvida, visto que o soldado n.º 1-A, José Antonio Gomes, foi solto em meio do caminho, porque maliciosamente prometeu ao Severino abandonar o movimento monarchico e regressar desilludido a Portugal. Um dos guardas disse mesmo ao 1-A: — «Não te quebramos os ossos e atiramos depois da Ponte Pedrinha ao rio, como tencionavamos, porque aqui o sr. Severino se interessa por ti.» — E talvez lembrado da promessa que o Severino fizera, ajuntou: — Pena tenho eu de não ter rachado a cabeça ao teu tenente.

«A distancia, para evitar novas aggressões como tinham prometido, mandei quatro homens; mas ao deixar o 1-A em liberdade no meio da estrada, o cabo (que dizem ser republicano) depois de mandar aos seus soldados carregar armas, declarou que fazia fôgo se esses homens continuassem a segui-los.

«Quando a guardia civil sahia d'esta povoação eram doze e meia da tarde, e os soldados e o cabo davam mostras que o Severino fôra generoso para com elles. Seguiram para a cadeia de Bande os n.ºs 9 e 22.

«Acantonamento em Valoiro, 17 de maio de 1912.»

O commandante do grupo

Jayme Caio, tenente.

As provas das provocações vinham de toda a parte. Não eram acasos nem coincidencias. Eram propositos. Era uma teia. Quem a tecia?

Não tardou a apanhar-se o fio á meada: fôra annunciada uma cruzada vermelha do sr. conselheiro Bernardino Machado a Madrid, contra os fieis da bandeira azul e branca; o conselheiro chegára á côrte hespanhola; elementos da carbonaria gallêga, de Orense, Ginzo e Verin, em intima ligação com a carbonaria lisboêta, appareceram pelas povoações a offerecer dinheiro a quem quizesse entrar nas aggressões aos emigrados; e os conflictos de hespanhois e portuguêses surgiram então.

Os proprios subornados iam de má vontade para a traiçoeira guerra.

— «*Si ustedes quizieran aun volveriamos a ser amigos como siempre!*» exclamava o ferreiro.

Mas na Columna não havia duzentas pesêtas disponiveis para fundir naquella forja.

Tenente Rebello

E as coisas foram até onde tinham de ir.

A 26 de maio, o povo de Mogueimes festejava o Santo Izidro com um arraialorio sem importancia. O tenente Saturio fôra prevenido, sem lhe revelarem as tenções extremas dos brigões, de que nesse dia e nesse arraial meia duzia de gallêgos haviam jurado provocar os portuguêses. Todo o santo

dia, Saturio Pires reteve os homens do posto de Mogueimes no terreiro da sua casa, deixando-os matar o tempo com samfonadélas de *harmonium*, e consolar o coração com o *folk-lore* natal. Á noitinha, quando elles recolhiam a casa, ao passar no local da festa, por onde tinham de fazer caminho, foram aggredidos á pedrada e a tiro. Um d'elles, já cahido por terra, debaixo d'um grupo d'aggressores, tirou uma pistola do bolso e defendeu-se. De tudo isto, resultou um gallêgo ferido mortalmente, que ao expirar declarou haver o seu aggressor procedido em legitima defêsa, pois fôra elle o provocador. No arraial levantou-se uma berra infernal das mulheres e das creanças. Da porta de casa, a boa D. Rosa arguia o irmão, o medico, feito com o ferreiro e os outros:

— *¡ Has sido tu, tu el culpado ! ¡ Los portuguêses son pacificos y buenos, vos otros si que los quisiestes provocar !* — e expulsou-o da sua casa honrada.

Os homens do posto de Mogueimes queriam tirar um desforço. Havia portuguêses feridos, havia cinco prêsos, [1] os emigrados dos outros postos chegaram a formar para ir a Mogueimes vingar os camaradas. Custaram a conter os de Mogueimes, os de Baños, os do tenente Vasconcellos, os do tenente Rebello. Nunca o poder, a auctoridade, o prestigio dos officiaes se provou mais do que nessa hora de colera.

Aquietados e metidos os homens em casa, nessa

---

[1] Foram absolvidos depois d'um anno de cadeia, reconhecendo-se-lhes a sua completa inculpabilidade.

mesma noite o tenente Saturio destacou para Ginzo o ajudante Gonçalo Meirelles, a communicar a occorrencia e requisitar fundos para a emmergencia d'uma expulsão.

Vinte e quatro horas depois, o acerto da previdencia do tenente de Mogueimes estava provado com a ordem de expulsão.

A ordem era geral, e communicada pelo governador de Orense nestes textuaes termos peremptorios:

« *Sin escusa pretexto ni delaciones y sin atender rasones de ninguna especie expulsará V. de esa linea y fuera de la provincia y por el punto mas corto a todos los emigrados que se encuentrem en ella y en plazo veinte quatro horas y tambien los regresados de Muiños.* »

No mesmo dia que o tenente Saturio recebia esta ordem notificada pela auctoridade militar, o tenente Jayme Caio, acantonado em Valoiro, ouvia egual intimação para sair dentro de dois sóes a provincia de Orense. Pretextando toda a sorte de dilações, lá se foi deixando estar até 29 á tarde, em que foi novamente intimado pelo tenente da Guarda Civil a deixar aquelle solo immediatamente. Ás 7 e meia da manhã de 30 abandonou, então, o acantonamento, direito a Cados e Mogueimes, onde se encontrou com os tenentes Menezes, Vasconcellos e Saturio que, para deixar pagos os alojamentos e fornecimentos, conseguira permissão de se demorar na povoação esses tres dias.

Ao entardecer de 30 de maio, todos os grupos

se movimentavam, empurrados por aquella ordem severa de internamento na provincia, e banição do partido de Bande.

Estava consummada a torva trama da carbonaria: um conflicto, provocado por brigões alugados para turbulentar os postos, dera uma apparencia de incompatibilidade das povoações com os emigrados, e o governo hespanhol, informado com propositada exaggeração, suppondo-se a braços com uma grave alteração d'ordem, expulsava á má-cara os portuguêses.

E essa incompatibilidade não existia nem antes nem depois da espera aos emigrados.

As povoações foram até fóra das suas áreas despedir os «grupos», com a commoção de se apartarem de hospedes de oito mezes, e em melancolico protesto d'uma injustiça cruel da governança para homens a quem só se podia encontrar inimigos, comprando-os a tanto por cabeça. Nalgumas povoações, como Rañadoiros, onde se acantonava o «grupo» commandado por Fiel Barboza, os portuguêses viram marchar com elles, até fóra de termo e povoado, todo o mulherio, de saias pela cabeça —, seu grande signal de lucto e de pesar.

Expulsos da Patria, expulsos do refugio pedido a terra estranha, elles ahi iam agora para a vida errante, condemnados a marchar de povo em povo, de terra em terra, banidos e acossados em nome de um odio que não existia, antes receados pelo affecto que se creavam onde poisavam.

Os soldados iam, porém, de peito saído, radian-

tes, tomando a boa-esperança aquella perseguição. Cheirava-lhes a entrada em Portugal. Por vontade d'elles, não andavam, voavam. Mas os officiaes, que contavam já com a resistencia passiva que teriam de empregar para illudir a ordem de expulsão, não os apressavam. E ao pôr do sol, a marcha não era notavel.

Nessa noite, quem quizesse dar com os differentes grupos da Columna, não tinha muito que andar. Bastava-lhe preguntar a direcção tomada, e em sabendo que se haviam deslocado na sétta Mogueimes, Ginzo, toparia: com o 5.º, 10.º, 7.º e 9.º grupos (dos commandos de Martins de Carvalho, Braz e Augusto Canavarro) na Forja; com o 2.º e 6.º grupos (dos commandos dos tenentes Saturio e Victor de Menezes) em S. Lourenço; o 3.º e 5.º grupos (commandados pelos tenentes Rebello e Vasconcellos) bivacavam junto a S. Lourenço; o 8.º grupo (de Fiel Barbosa) não passára de Paradela; e o 4.º grupo (do tenente Caio) que marchava na cauda da Columna, fôra dormir a Quintã, nas camas abandonadas nesse dia pelas praças de Alberto Braz.

Amanheceu o ultimo dia d'esse maio que não fôra mez de rosas para os emigrados da Galliza.

Victor de Menezes e Saturio Pires, juntos ao sair dos acantonamentos como juntos tinham entrado, repisavam o desastre da ordem d'expulsão. E então olhavam a lucta que ia ser aquella cabra-cega com a Guarda Civil, saltando d'uma povoação a outra, dormindo aqui, almoçando além, persegui-

os, degredados, sem um tecto, elles que já não sabiam o que era ter o céo da Patria.

— Se dissessemos, os homens deram origem ao conflicto, vá! mas não!... Aquillo foi provocado ai pago, premeditado! — repetia Saturio Pires.

— Os homens? Os homens são admiraveis! *exclamou Victor de Menezes* — tu sabes o que são soldados: e, sem os meios de que a gente dispunha em Portugal, sem os podermos castigar, has-de concordar que estes custavam muito menos a aturar do que os dos nossos regimentos, lá dentro, com uma disciplina, castigos regulamentares, guardas, etc.

— Eu cá digo e redigo: tomara eu ter sempre soldados tão disciplinados como estes! Elles lá faziam a sua asneirita, mas em a gente apparecendo, ou em os camaradas lhes falando no bem da Causa, entravam logo na ordem.

— E para mais em acantonamentos que é a forma mais evitada, como tu muito bem sabes, por indisciplinante. Ora nós estivemos acantonados oito mezes! Nós suppúnhamos, ao sair de S. Martin, que fossem oito dias, mas hoje temos a experiencia de que, na verdade, oito mezes não são oito dias! E de quanto é desmoralisador, para forças, o acantonamento, temos uma lição mestra nos acantonamentos de Napoleão em Bolonha. Resolvido a invadir a Inglaterra, o Imperador tinha concentrado o seu exercito em Bolonha. Cruzando fôgo com a esquadra de Necker, estudando o nevoeiro, esperando o momomento opportuno, o exercito francês demorou naquelle acantonamento longos mezes. Os soldados

deitavam-se todas as noites com a esperança de embarcar ao amanhecer seguinte, e, desilludidos a cada clarear do dia, se reilludiam a cada morrer de sol. O Imperador foi sagrado em Paris, o parlamento italiano realisou a *Consulta* em Paris para lhe pedir que substituisse o titulo de Presidente pelo de Re de Italia. Napoleão fo á Italia, regressou da segunda edição da coroação, e o exercito aborrecendo-se em Bolonha, até a

Alferes Fiel Barbosa

ıora em que a adhesão da Austria á liga anglo-russa › fez marchar para o Rheno, e archivar mais uma ›spada victoriosa, depois de lhe gravar na folha este :larão: — Austerlitz. Durante o acantonamento de Bolonha, já para o fim, deu-se este terrivel episodio de indisciplina que provém da ennervante immobilidade de tropas: Napoleão deu umas bandeiras a um corpo, elogiando-lhe a valentia. Esses soldados foram á noite para uma cantina, libar o galardão. Uns rapazes da terra compuzeram-lhes canções, que cantavam aos ouvidos dos soldados dos outros corpos, como que a atirar-lhes em rosto que só aquelles eram valentes. Houve um começo de rixa que terminou pelo aprazamento de um encontro de praças de outro corpo, num ponto dos arredores de Bolonha. Na madrugada seguinte, á hora marcada, lá estavam. Bateram-se, a sabre, umas centenas de praças, ficando algumas mortas, feridas muitas. Um general, prevenido, correu a galope, ao local da contenda, pondo termo ao conflicto com um esquadrão de cavallaria. Irmãos d'armas batendo-se, como se bateriam no Egipto ou na ponte de Ulm!

— Ahi tens. E isso no exercito de Napoleão, exercito bem comido e bem pago, acantonado em terra conquistada.

— Ao passo que nós, além de tudo o mais, luctavamos com faltas de dinheiro. Durante estes oito mezes, o peor, o que nos deu mais dôres de cabeça, pelo menos cá a mim, mas a ti devia succeder o mesmo: foram as contas. Isso é que me deu uma massada medonha!... Nem quero que me lembre.

(*E puxando d'um molho de caderninhos de capa de oleado*): Tambem dou licença seja a quem fôr que tenha melhor escripturação do que a minha. (*E batendo na ruma de cadernos*): Está aqui tudo!

— Eu tambem tenho tudo assente — affirmou o tenente Saturio — Isto não dava nem a metade do trabalho, se o dinheiro andasse em dia.

— Pois isso é que é ainda mais para admirar. É que os pagamentos andaram sempre atrazados, como os comboios hespanhoes. E nunca houve uma insubordinação...

— Nem uma má vontade...

— Nem uma queixa. Havia, é claro, uns a quem o dinheiro chegava melhor do que a outros, e muitos que trabalhavam de qualquer officio ou na lavoura dos gallêgos e tinham maior receita. Eu entreguei sempre todo o dinheiro aos meus homens, excepto áquelles que, administrando-se mal, necessitavam administração estrangeira. A estes, quando vinha a *massa*, pagava-lhes as dividas, na percentagem dos dias que vinham pagos, e dava-lhes 1 ou 2 pesetas para bôlso. Alguns, muito poucos, lá se entalavam, gastando mais do que o soldo, mas isso era o malfadado atrazo nos pagamentos...

— Olha que uma vez, não sei se te lembras, chegamos a estar 35 dias atrazados!

— E depois o nosso soldado não é forte em contas. Com os debitos repartidos por varios fornecedores, dava uma embrulhada de pôr a cabeça em agua! Cada vez que vinha dinheiro, eu mandava fazer aos gallêgos uma nota com as quantias que

lhe deviam as differentes praças, e estava portanto sempre ao facto do equilibrio ou desiquilibrio orçamental dos meus homens, prevenindo-os quando necessitavam de reduzir as suas despezas.

— O soldo tambem não era para comprar casas!

— Muito faziam elles! Comer, dormir, tabaco, roupa lavada, tudo com duas pesetas, e ainda d'ahi tirar para se vestirem, primeiro de inverno, porque vinham da primeira incursão vestidos de linho, e depois novamente de verão!

— E que boa vontade, coitados! a gente dizia-lhes: «Vocemecê tem de arranjar um bornal, um cantil, e vestir-se assim e assim». E elles: prompto! Lá segundo a phantasia de cada um, mas caprichavam em ter tudo. Um a sua mania era que o deixasse fazer a farda de guarda-municipal; e lá fez a farda de *guita!*...

— Alguns alistaram-se agora, já muito tarde, e por isso não admira que estejam a dever á Causa, tendo de mais a mais de se equiparem.

— São bons, não ha duvida, os homens são bons.

— E os chamados rapazes finos, olha que tambem se portaram como uns catitas. Olha que houve rapazes, como o José Guerreiro de Souza, filho do conselheiro Fernando de Souza, e o D. Pedro Escorcio da Camara, que nem ajudantes quizeram ser, supportando estes oito mezes como simples soldados.

— Isso comnosco, com os officiaes. Pelo que respeita ao comportamento d'elles com as povoações, tambem não ha que dizer.

— A prova é que nos aguentámos aqui este tempo todo.

— O Vasconcellos esse é que andou a dansar um boccado. Esteve em Gendibe, e, sabendo que havia lá o proposito de provocar os portuguêses, safou-se para Intrimo.

— Oh! menino! que linda que é aquella estrada de Cella Nova a Intrimo, toda a meia-encosta, contornando o rio!...

Victor de Menezes, com o seu exterior duro, avançou para a sua exposição:

— De Intrimo, o Vasconcellos saiu, mas porque? Porque Intrimo fica naquelle angulo da Galliza, e uns homens d'elle foram a Portugal e tiveram um encontro com a guarda fiscal cujo posto desatou a fugir deante de dois homens! Agora lá estava em Barrio, e lá ficaria se não vem a ordem geral d'expulsão.

— Essa coisa dos nossos homens irem de vez em quando á terra, eu muita graça lhe achava! No meu grupo havia alguns que são d'aqui perto, de ao pé de Chaves; volta e meia, pediam-me licença para ir passar uns dias á terra. Eu, a principio, dizia com os meus botões: «*Bem. Queres-te raspar!*» Mas, qual! tornavam a vir. Iam vêr as mulheres, ou os paes, matavam saudades, e d'ali a dois ou tres dias voltavam. E sem mêdo nenhum da guarda fiscal! Ao Antonio Machado succedeu um caso com a guarda fiscal que tem sua graça. Aqui um d'estes dias, foi á raia do Gerez meter umas armas. Dois guardas fiscaes viram-o; um, mais prudente, escon-

deu-se; outro, mais repontão, fez frente ao Antonio Machado e aos 8 homens que iam com elle, apontando-lhes a espingarda, e dizendo: «*Para onde vão?*» — «*Para acolá!*» respondeu o Machado, apontando Portugal. — «*Para alli não se passa. Para traz!*» intimou o guarda fiscal. — «*Para traz não vamos. Nós vamos mas é para acolá!*» replicou o Machado, tornando a indicar Portugal. O guarda fiscal meteu a arma á cara; os 8 homens fizeram outro tanto, para o guarda fiscal que tirou logo a arma do hombro, exclamando: «*Adeus, amigos!... Não digam que me encontraram!*» e desandou para o largo.

— Têsos, os diabos! . . . — (*Commentou Victor de Menezes, passeando o quarto, e encaracolando o bigodito preto, de ôlho perdido no vago. E depois d'um momento de invocação á memoria*) o Braz tambem mudou? ou não? foi o Fiel Barboza... Espera, eu tinha razão: mudaram ambos.

— Mudou só o Fiel.

— Saturiosinho! és muito bom rapaz, mas a respeito de memoria és uma desgraça. Tu quando fôres general, has-de ser como aquelle general reformado que um dia desatou a gritar, a gritar, afflictivamente, no 3.º andar da casa; felizmente morava num predio independente; a unica filha que vivia com elle, subiu as escadas quatro a quatro, afflicta, esperando ir dar com o pae prostrado por um ataque, qualquer doença mortal: «*O que é, meu pae?*» — «*Ai, filha! estou perdido, minha filha!*» — «*Mas o que é, pae, pela alma da mãesinha, diga o que é!*» — «*É que quiz assignar a folha do sôldo, e*

não me lembro como me chamo! Còmo é o meu nome, filha, como é que eu me chamo!...» E em Lisboa havia o Teixeira Machado, commandante do districto de reserva, que muita vez, estava a assignar qualquer papel, e dizia muito sério: «— *Ó diabo! como é que eu me chamo? Digam lá como é o meu nome!»*

— Tanto.. tanto... não! — *recusou Saturio Pires, distendendo o pescoço, á direita e á esquerda, para apoiar a cabeça na sua duvida.* — Mas, então, o Braz mudou? Mudaria... Francamente não tenho a menor idéa!...

— Mudou — *affirmou Victor de Menezes.* — Quando se fraccionou a columna em S. Martin, ao Braz foi designado Prado. E o Braz foi para casa do abbade, onde se queixava até de estar muito mal. Esteve lá pouquissimo tempo, oito dias, ou não sei quê, e é por isso que tu já não te lembras d'elle ter estado em Prado. Mas eu recordo-me perfeitamente de que foi por elle não gostar da visinhança d'um posto de carabineiros, que emigrou para Quintan.

— Parece que é isso. Do Fiel lembro-me muito bem. Esse passou de Germeade para Rañadoiro. Realista, sympathisou com o nome da terra: Rainha d'Oiro.

— Mas os que mudaram, sim, os que mudaram (*recapitulava Victor de Menezes, tremendo com as palpebras e batendo com o ar na aza do nariz*) não foi lá por conflictos com as povoações.

— As povoações morriam por nós! — *declarou Saturio Pires* — Nós eramos a 4.ª auctoridade da

terra, os kalifas! Eu, palavra, sentia-me kalifa de Mogueimes.

Victor de Menezes teve um accesso de riso que lhe vergou o busto, ergueu-se, meteu as mãos nas algibeiras das calças para as subir e aconchegar, e contou:

— A este ponto, sim, a este ponto (*insistia Victor de Menezes, batendo com o punho no ar*) queres ouvir? O sargento da Guarda Civil, quando chegou lá para me intimar a ordem d'expulsão, não me tratou pelo «*seu tenente Menezes*» ou, simplesmente, por «*seu tenente*». Não, senhor. Chegou ao pé de mim, e preguntou-me assim: «*Es usted el lhamado teniente de Cados?*» O tenente de Cados!...

— Tradicçãosinha! — *explicou Saturio* — Como eu era o «tenente de Mogueimes», o Rebello o «tenente de Muiños», e assim por deante. Temos passado uma verde com outra madura, mas ainda havemos de ter saudades d'isto tudo, e nos hão-de parecer authentica especialidade, aquelles ovos mólles da casa do Mangualde...

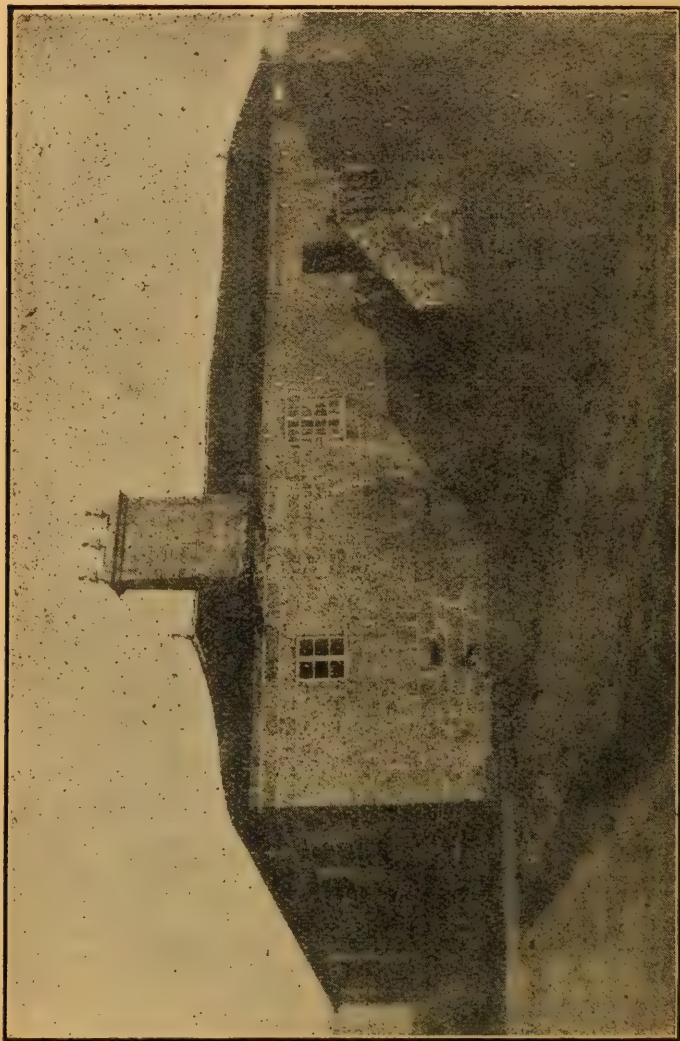
— Que por signal eram duros.

Bateram á porta, e uma voz preguntou do lado de fóra:

— Vos'soria dá licença, meu tenente?

— Entre.

Um homem gordo, forçudo e córado, cara de Zé Povinho sem barba, o cabello negro, empastado na testa, destacando o rosado saudavel das bochechas, entrou, a mostrar os dentes muito brancos, com um sorriso de bondade serviçal.

— Oh! seu João! por aqui? — admirou-se o tenente Saturio.

Telheiro — Face opposta á principal

O homem, com a manápola esquerda cahida, a barriga a sair da faxa, sorria, e saudava os «meus tenentes» com o chapeirão braguês seguro pela

copa, como um ribatejano em torno de redondel. Depois de cumprida a boa creação, o João, o *João contrabandista*, optimo soldado ao serviço de Paiva Couceiro, disse ao que ia:

— Pois é verdade, eu...

— Sim! — dizia o tenente Saturio, nervosamente concentrado e attento.

— ...vim aonde vos'soria...

— Sim!... — continuava o tenente Saturio, seguindo o recado.

— ...trazer da parte do nosso commandante...

— 'im!...

— ... orJem urgente para o meu tenente lá ir.

— 'im, senhor! Só isso?

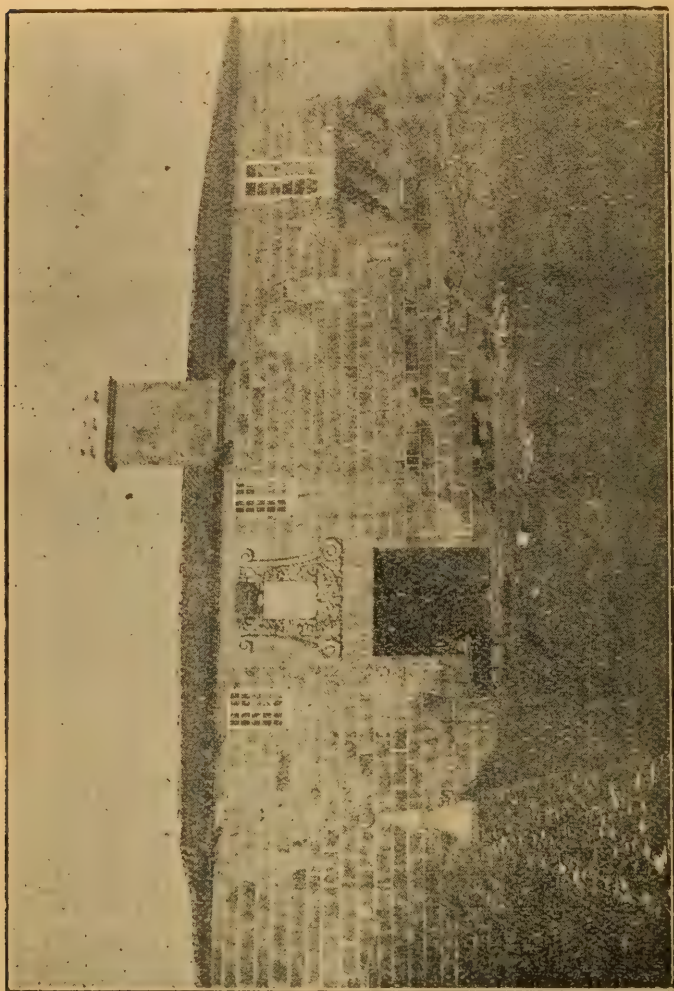
— Só isto. Mas diz sua *incellencia* o sr. Paiva Couceiro que é urgente, muito urgente, mas que fizesse o favor de não passar por Ginzo, para não dar nas vistas.

— Bom, ó Victorsinho! tu fazes um favor ao teu camarada, ficas ahi com os meus homens emquanto eu dou um pulo ao Telheiro, com o Gonçalo Meirelles?

— Fico, vae descançado. Dá lá um abraço ao commandante.

Saturio Pires partiu immediatamente com Gonçalo Meirelles. Como a ordem era de evitar Ginzo, atravessaram a charneca, metendo quasi em linha recta de Ganade ao Telheiro, onde chegaram com a tarde.

O Telheiro, um dos varios solares dos nobres senhores de Céa, é um desafogado quadrilatero

olhando enfastiado o vasto dominio rural. A singela cruz de pedra da capella deita a sua bençam misericordiosa a todos os que, transitando pela pro-

Fachada do Telheiro

vincia de Orense, passam áquelle casarão do partido judicial de Ginzo de Limia. Numa das despretenciosas paredes lateraes, a da esquerda, a «cruz dos

Pereiras» assignala enxertia portuguêsa naquella arvore castelhana. Um brazão ennobrece a fachada. Por baixo da pedra d'armas, um hospitaleiro portão, largo como o coração dos fidalgos senhores: uma janella de peitoril de cada lado, encaixilhada a vidraças meudinhas; puxada para o angulo norte, uma varanda com friso de pedra assente sobre cachòrros de granito. Na face opposta a essa um escadós de pedra, sem alpendre, com corrimão em esquadro adelgaçado por balaustres no patamar, dava um dos acéssos á vivenda.

D'esse patamar, o infallivel Faustino e o Fernandes avistaram Saturio Pires que, ao romper nos degraus, tinha no amplo patamar de pedra, á sua espera, dois expansivos braços articulados num d'esses fortes troncos dos homens meãos, os braços amigos de D. Eduardo Céa y Naharro, *caballero de la Real Maestranza de Sevilha, ex-senador del Reyno, ex-deputado á cortes,* e actual providencia e seguro pallio dos portuguêses.

Dentre o bigode e a barba cerrada de D. Eduardo Céa alvoreceu um sorriso, o boné de pala desvendou uma calva a que o olhar sereno e fresco tirava a impressão anceana, e uma voz cheia, aspirada d'um thorax com tubos de orgão rico, recitou a sua tradiccional recepção no Telheiro:

— *Usted dispensará: ¡ esto és un palomar !*

Embora grande demais para pombal, o Telheiro, deshabitado havia muito, não tinha nem o amoroso e bucolico cuidado da casa de Nigran, com a sua bica de embrechados cantando entre as murtas e

os freixos do jardim, nem o conforto do solar de Pontevedra. Era um d'esses immarcessiveis pousadouros solarengos que a paixão das cidades fechou um dia, nunca mais tornaram a accender uma vela dos seus lustres, e que para ali ficam com um quê de saudade a melancolisar-lhe as pedras e as taboas.

—¡Cuidado! cuidado!—*recommendava D. Eduardo Céa, guiando o tenente Saturio pelo soalho da galeria alpendrada que corre todo o claustro.*—*És un palomar, créamelo usted!*

Uma porta á esquerda franqueou-lhes a sala de jantar, decorada por uma chaminé monumental onde ha muito ardêra a ultima lenha, e que um brazeiro de cobre numa peanha polygonal, á transmontana, agora fazia desdenhar. Nem cadeirões nem contadores. Um armarão, em cuja portada um entalhador obsoleto lavrára um crucifixo era todo o mobiliario antigo da sala. Ao meio da sala havia uma mêsa, sempre posta, onde Paiva Couceiro escrevia, a um canto.

Saturio Pires informou minuciosamente o commandante da situação, e nessa mesma noite voltou para S. Lourenço, com a seguinte ordem escrita pelo punho de Couceiro:

« *O sr. tenente Saturio Pires está encarregado por mim de transmittir aos commandos dos pelotões o complemento das instrucções já expedidas, a respeito do que convém fazer perante as ultimas instrucções da auctoridade hespanhola.* »

31 maio 1912.

(a) *H. de Paiva Couceiro.*

—Então agora põe para ahi o complemento!—disse Victor de Menezes, acabando de ler, por entre bateres de palpebras e sopradélas de nariz, a ordem escripta do commandante.

—O complemento é este: resistencia pela inercia, allegação de todos os pretextos possiveis e imaginarios para andar o mais devagar possivel. Pretende-se ganhar tempo, em summa. Não nos devemos affastar da fronteira mais de 20 ou 30 kilometros; o merediano de Verin é o maximo a attingir e a não ultrapassar.

—Comprehendo.

—O Couceiro vae a Madrid. Na volta, devemos ter as armas. Se, quando chegarem as armas, os «grupos» estão empurrados lá para Lugo ou Zamora, comprehendes que, antes da necessaria concentração das forças, está tudo descoberto.

—Comprehendo muito bem.

—Portanto: a Guarda Civil empurra-nos? a gente dá dois passinhos e pára até outro empurrão. *Faz que anda mas não anda*, como o exercito brasileiro do Imperio.

—Tudo isso é muito bonito de dizer, o peor é a práticasinha.

—Difficil é, mas é preciso fazer-se, que diabo! estou certo que o havemos de fazer.

—Vamos lá a ver!

—O Couceiro...

—Quando parte elle?

—A 3 de junho, depois d'amanhã.

—E quando volta?

—Conta demorar-se apenas dias, uma semana talvez, tempo de lhe chegarem as armas.

—Mas, então, que te parece, isto agora vae? Que impressões trazes?

Saturio Pires esfregou as mãos, e, imitando a voz rouca de Fiel Barboza, parodiou a famosa noticia do alferes:

— «Dinheiro não ha, mas o commandante está muito bem disposto. Nunca o vi tão bem disposto!»

De sobrancelha carregada pela preoccupação, o tenente Menezes atalhou:

—Fóra de brincadeira, qual é a tua impressão?

—Agora fóra de brincadeira, a impressão que eu trago é que os *signaes do céo* dão a incursão para breve. Depois de falar com o Couceiro, que me apresentou ao capitão Sousa Dias, fui ver o capitão Luz Ferreira e o Faustino, a carregar granadas, numa das lojas do pateo. O Luz Ferreira, muito contente, disse-me: «*Agora aqui um phosphorosinho, e ia isto tudo pelo ar*». Palavra que consola a gente ver armar os canhõesinhos! Mas independente d'este indicio, trago-te outro mais directo: debateu-se hoje o ponto a escolher para a concentração dos differentes «grupos», sem armamento e municiamento, emfim o logar para *ponto inicial* da marcha sobre Portugal.

—E então?

—Então o Couceiro estabelece duas hypotheses: a designar pelas palavras *Abrantes* e *Vichy,* em toda a correspondencia telegraphica ou não. *Hypothese Abrantes*—Ponto de concentração: ponte sobre o

Lima, na altura de Banhos de Bande. O local é magnifico. Simplesmente, havia a *isolar*, com meia-duzia de homens, aquella tabernoria chamada *Hotel Meniñas*, cujo dono, como sabes, é suspeito de ter entendimentos com os carbonarios.

Victor de Menezes, sentado, a perna esquerda bamboleando sobre a direita, o braço esquerdo passado deante do peito, em supporte ao outro cotovêllo, arrebitava o bigode e ouvia concentrado:

— Hypothese Vichy — estabelecida para o caso de não sermos forçados a ultrapassar o merediano de Verin: neste caso a Columna concentrar-se-ia, com a do Souza Dias, a um certo numero de kilometros ao sul de Albarelhos, isto é, entre Albarelhos e Verin.

— A primeira duvído que possa vir a adoptar-se!... aventou o tenente Victor de Menezes.

— Porque?

— Pela simplicissima razão que nós não nos aguentamos dentro do partido de Bande. É impossivel!... A ordem d'expulsão é muito apertada!... Vocês estudem lá isso, mas duvído.

— Deixa lá ver! — respondeu esperançado, o tenente Saturio.

As ordens da Guarda Civil eram, com effeito, apertadas, e apertadas continuaram. Tornava-se urgente centralisar e unificar a marcha dos differentes grupos. O tenente Sobral Figueira, sub-chefe d'estado-maior, não tinha mãos a medir. Este inesperado ramo de serviço ia sobrecarregar a sua actividade. Então, valendo-se da ordem escripta de Couceiro, o

tenente Saturio Pires resolveu assumir essa responsabilidade; e, consultando os commandos, combinado com elles o systema arterial de ligações, por meio de ordenanças diarias, d'accôrdo com elles assentou arraiaes em Ginzo.

Victor de Menezes ficou com o pelotão de Saturio Pires, aggregado ao d'elle, e com esta nova instrucção:

— O Couceiro parte para Madrid, communicando-me que a *Hypothese Abrantes* está posta de parte, por não convir ao serviço de transporte d'armamento. Já não faz differença a sahida do partido de Bande. A questão agora é não ultrapassar o merediano de Verin.

— Então a gente ha-de ter tão pouca sorte que nos não aguentêmos nessa área? O Couceiro foi oito dias que disse demorar-se! Já quero 10, 12, a arrebentar, homem! doze dias, a gente sempre ha-de poder *pairar!*... — disse esperançado o tenente Menezes.

— Isso era o manná! — exclamou Saturio Pires.

— 'Tá descançado. Ha-de-se-lhe fazer a diligencia. Vamos lá a ver!...

E os emigrados da Galliza foram, então, para a mais cruel e stoica das provações, a vida a monte, expulsos pela Guarda Civil como ciganos, expostos e dispostos a tudo, menos a inutilizar o plano do commandante por falta de boa vontade ou sacrificio. Juntos, e todos empurrados pela Guarda Civil, os grupos de Martins de Carvalho, Rebello, Braz, e

D. Eduardo de Céa y Naharro, caballero de la Real Maestranza de Sevilha, ex-senador del Reyno, ex-diputado á Cortes

Ornellas e Vasconcellos tomaram a direcção de Castellaus, Pejeiros, Moreiras, Abavides e Sarréaus, com rumo a Laza, na serra do mesmo nome a N. N. de Verin. Jayme Caio, ao accordar na Quintan, deu com os olhos na *pareja* da G. Civil que nunca mais o deixou até Piñeira. Da Quintan foi por Fornadeiros, Paradéla, Porqueira, e Ganade, sempre com a *pareja* da G. Civil a dansar a sombra do Madgiar. Victor de Menezes, commandando o grupo d'elle e o de Saturio Pires, e ainda depois reunido ao do Caio, foi de S. Lourenço a Ganade, Villar de Santos, Morgade, e atirou-se para Villar de Barrio quasi na altura de Macedo e Allariz.

Conforme as circunstancias, o temperamento e o bom humor de cada um infestou a área.

Os homens, bem industriados do que se pretendia, marchavam devagar.

Uns, sahida uma povoação, bivacavam na aba d'uma serra e, ou voltavam á noite dormir ao mesmo povoado, ou, se descobertos pela Guarda Civil, lá iam em passo de anjinho bater a outro povo, donde não saíam sem que a G. Civil os fosse de novo intimar.

Outros, como o «grupo» do tenente Rebello, andavam uns dez metros, e paravam para o medico Costa Allemão os examinar. Era, então, um dialogo entre o medico e a *pareja* da G. Civil:

— Estes homens precisam de descançar pelo menos... duas horas! Teem varizes, teem os pés em carne viva, teem rheumatismo.

— *¡ Pero si no han siquiera comienzado á caminar*

— Já disse. Não podem. Eu sou medico.

Paciente, a *pareja* sentava-se á borda da estrada, as armas deitadas nos joelhos, entretida a alisar varas que cortava da ravina ou a embrulhar cigarros sobre cigarros, resmonear de vez em quando um monosyllabo, emquanto os homens do «grupo», deitados por ali, esperavam que o tempo passasse.

Ao cabo d'essas duas horas, mais meia-duzia de passos, novas lamurias dos homens, novo exame-medico, novo *alto* forçado, e a uma somnéca da *pareja,* á torreira de junho. Depois era o rancho a fazer, as compras demoradas ás povoações, toda a resistencia passiva de centenas de homens, concentrados num só empenho, uma só vontade, uma só fé! E, ao fim do dia, atados os trechos d'estrada não davam ás vezes 3 kilometros.

Outros como Fiel Barboza luctavam com audacia. Todos os «grupos» passaram, em tangente, a lagôa onde nasce o Lima. Fiel Barboza, esse contornou por oeste a lagôa, chegando a attingir Macêdo. Essa curva era um excellente retardador do caminho para o *terrivel merediano* de Verin, porta da acção da Columna, pois que toda a zona da entrada em Portugal ficava entre Verin e Pitões. Offerecia o imminente perigo de a G. Civil, em os apanhando a bordejar o oeste da laguna, os obrigar a tomar a direcção da provincia de Lugo, itinerario mais curto para deixar a provincia de Orense que aquelle que leva á de Zamora, pela estrada de Ginzo-Verin-Godiña-Portela do Canda, etc.

Só Fiel Barboza se abalançou a esse perigo,

conseguindo por prodigios de bom senso e de habilidade, andar a monte pela serra, de povoado em povoado, sem o internarem para Lugo.

O tenente Victor de Menezes e Jayme Caio inventaram outro meio de resistir á expulsão : *manobras em forma de sophisma.*

Essas *manobras em forma de sophisma*, muito bem succedidas, consistiam em correr os quatro cantinhos do partido da G. Civil d'Alhariz. O partido da G. Civil d'Alhariz está, nas proximidades de Verin, constituido em 4 *demarcaciones* (postos) de zonas de vigilancia, limitrophes umas das outras: Maceda, Ginzo, Villaderrey e Alhariz. Os «grupos» entraram na zona de Ginzo, commandados pelo tenente Victor de Menezes.

— *Quien és el jefe?* — preguntou a Guarda Civil.

— Eu! — respondeu o tenente Victor de Menezes.

— *Á las veinte cuatro horas tiene v. que salir.*

— Sim, senhor.

Vinte e quatro horas depois, os «grupos» saiam respeitosamente da zona de Ginzo, passando á *demarcacion* de Villaderrey.

Mesma pregunta, mesma resposta, mesma intimação, cumprida dentro do praso.

Depois, *demarcacion* de Maceda: mesma manobra. Por fim, *demarcacion* d'Alhariz, e ahi desappareceu o tenente Victor de Menezes, que recolheu a bastidores, passando Caio (até então escondido em Ginzo) a ser *el jefe.*

A Guarda Civil, não podendo fixar todos os homens de tres «grupos», e dirigindo-se, por facilidade e

hierarchia, ao chefe, só ao chefe ficava conhecendo.

Vendo entrar nova reboada de portuguêses, adeantou-se a preguntar:

— *¿ Quien es el jefe?*

E, em vez d'um chefe morêno e carrancudo, surgiu-lhe um chefe alvo e rosado, como um *bambino*, offerecendo *puros* e dizendo sorridente:

— *¡ Yo!*

A contradansa de lanceiros repetiu-se, com mais ou menos desvios, por outras povoações, mas sempre dentro das quatro *demarcaciones.*

Feita nova *tournée,* Caio recolheu-se. E passaram os «grupos» a ser commandados pelos sargentos. Cada *grande-chaine* de lanceiros era marcada por seu sargento, arvorado em *jefe.* E um mez bem puxado levaram a dansar estes lanceiros espirituosos.

Entretanto lá para as bandas de Laza, Martins de Carvalho, Braz, Vasconcellos e Augusto Canavarro faziam equivalentes prodigios de boa vontade. Sabia-se o que o commandante queria, e cada qual fazia impossiveis. Os homens appareciam pouco, fingiam-se doentes, lamuriavam a sua situação, desenvolvendo com a acção essa poderosa força que é a resistencia passiva.

Todos aquelles asperos caminhos da Serra de S. Mamede foram palmilhados pelos emigrados da Galliza, muita vez debaixo de chuvas medônhas, hoje numa aldeia, amanhã metendo a monte, bivacando, mudando de terra, e de casa, e dos chefes, como

quem muda de camisa, e ouvindo sempre esta toada perseguidora dos homens das correias amarellas:

— *¿ Pero... y cuando se marchan ustedes?*

— « *¡ Mañana!* » — respondiam imperturbaveis os officiaes.

E lá seguiam, ás voltas pela serra de Laza, por Villameã, por Serraus, por Villar de Barrio.

Se acontecia qualquer *pareja* de G. Civil encontrar na serra um hespanhol do logar, á pregunta:

— *¿ Diga usted... y los portuguezes?* » — era certa a resposta:

— *¡ Yá se han marchado á Zamora!...* »

Era a solidariedade amiga das povoações gallegas que, quando não escondia os portuguêses nas suas casas, os escondia no coração. Queridissima alma gallega! a cujo bafo, os emigrados da Galliza deveram tanto aviso, tanto animo, tanta consolação, unico apoio que encontraram, para juntar á sua fé, e luctar com os dois governos da Peninsula, as duas carbonarias, as duas talas entre que os executores do seculo os torturavam.

Os emigrados da Galliza tinham alma d'aço.

Mas a bondadosa alma gallega foi-lhes muita vez o reconforto e arrimo d'essas *Alminhas* das velhas encruzilhadas portuguêsas, alumiando os desgraçados perdidos nos caminhos.

A ordem d'expulsão era dura, despedida pelo governo central á má cara; transmittida pelo governo provincial com a fria indifferença dos estranhos; executada com sanha de adversarios politicos,

pelos homens das correias amarellas, já enfermos do mal vermelho das democracias.

O Capitão Paiva Couceiro

E toda essa organisação politica e militar, todo esse systema terrivel d'ordens telegraphicas, de intimações, de sargentos e de *parejas* da Guarda Civil se quebrava ante a tenacidade stoica dos emigrados e a força subtil do affectuoso coração gallego.

Persistia a ordem d'expulsão. Os expulsos persistiam na Galliza.

Só havia um homem que os fazia sair quando quizesse e ordenasse.

E esse, esperado a todo o momento, ainda não chegára de Madrid.

FIM

INDICE

O volume seguinte a este (8.º da serie UMA EPOCA) intitula-se:

EM MARCHA PARA A 2.ª INCURSÃO

Nesse volume se descreve o transporte das armas com que a Columna de Couceiro se bateu em Chaves, capitulo movimentadissimo e inedito, o assalto á Praça de Valença pela pequena columna do tenente Victor de Sepulveda, os recontros da columna Souza Dias, os bivaques, as marchas para Chaves, etc., etc.

O volume EM MARCHA PARA A 2.ª INCURSÃO é illustrado com muitos retratos, plantas da marcha da columna de Couceiro, para Chaves, planta das marchas da columna de Victor Sepulveda, e da Praça de Valença, etc., etc.